



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

JOSÉ ANDERSON DOS SANTOS BRITO

“ANAUÊ! CAMISAS-VERDES SIM, SENHOR! Estruturações, Identidades e

Símbolos do Fascismo Brasileiro de 1932 a 1937”

Rio de Janeiro

2024

JOSÉ ANDERSON DOS SANTOS BRITO

“ANAUÊ! CAMISAS-VERDES SIM, SENHOR! Estruturações, Identidades e
Símbolos do Fascismo Brasileiro de 1932 a 1937”

Projeto de Curso de Mestrado ProfHistória, da
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO
RIO DE JANEIRO, como requisito parcial para a
qualificação de dissertação.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Spinola Pereira Caldas

Rio de Janeiro

2024

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

B862 Brito , José Anderson dos Santos
ANAUÊ! CAMISAS-VERDES SIM, SENHOR! Estruturações,
Identidades e Símbolos do Fascismo Brasileiro de 1932 a
1937 / José Anderson dos Santos Brito . -- Rio de Janeiro
: UNIRIO, 2024.
154f

Orientador: Pedro Spinola Pereira Caldas.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ensino de
História, 2024.

1. Ensino de História. 2. Integralismo. 3. Símbolos. I.
Spinola Pereira Caldas, Pedro , orient. II. Título.

JOSÉ ANDERSON DOS SANTOS BRITO

“ANAUÊ! CAMISAS-VERDES SIM, SENHOR! Estruturações, Identidades e
Símbolos do Fascismo Brasileiro de 1932 a 1937”

Projeto de Curso de Mestrado ProfHistória, da
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO
RIO DE JANEIRO, como requisito parcial para a
qualificação de dissertação.

Rio de janeiro, 03 de dezembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Pedro Spínola Pereira Caldas

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Professora Dra. Aline Montenegro Magalhães

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Professor Dra. Naiara dos Santos Damas Ribeiro

Universidade Federal de Juiz de Fora

Dedico este trabalho em especial a meus pais Edivaldo da Mata Brito e Maria Alaide dos Santos Brito, que se dedicaram e se dedicam dando o máximo de seu precioso tempo em trabalho, em palavras para essa longa caminhada que se chama vida.

“O passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa”.

Marc Bloch

AGRADECIMENTOS

Escrever um agradecimento não é fácil, você pode acabar cometendo alguns erros, e ele chama esquecimento, principalmente de nomes que foram essências para a trajetória que você está seguindo, e que poderá vir a seguir, contudo o erro poderá ser gerenciado se assim a vida permitir. Quero construir um altar de agradecimentos principalmente a meus pais, **Edivaldo da Mata Brito** e **Maria Alaide dos Santos Brito**, pelo dom da vida e pelo incentivo que sempre me proporcionaram.

Aos meus irmãos, em destaque a minha irmã **Daniele Brito**, pela paciência e as correções da dissertação. A professora **Fabiana Europeu**, obrigado pela leitura e correções ortográficas.

Meus amigos que me ajudaram de forma singular, no incentivo e nas palavras de apoio que não foram poucas, especialmente **Sandra Neri** que sempre acreditou na minha pessoa mesmo quando a dúvida de fazer o curso de mestrado era menor que a certeza que desaparecia, eternamente grato.

Muito obrigado aos amigos que fiz e carregou no mestrado, como vocês foram e são essenciais em minha vida, a cada professor do ProfHistória e da UNIRIO.

Um agradecimento mais que especial ao meu orientador Professor Dr. **Pedro Spínola Caldas**, grato pela sua imensa paciência e contribuição na minha vida acadêmica, grato pela sua generosidade em me corrigir e ensinar nos pequenos e grandes detalhes, cresci e cresço pela sua dedicação em me orientar.

Se nos dias de hoje o meu orientador Professor Dr. Pedro Spínola Caldas, me auxilia e me orienta, no passado meus professores de cada série e disciplina contribuíram também no meu desenvolvimento, grata a cada um de vocês.

Agradeço a Deus pela sua imensa bondade, generosidade e graça, por me conceder a vida e poder realizar mais um sonho.

RESUMO

A dissertação acadêmica, com o título, “Anauê! Camisas-Verdes Sim, Senhor! Estruturações, Identidades e Símbolos do Fascismo Brasileiro de 1932 a 1937”, intenta analisar Ação Integralista Brasileira (AIB) e a sua participação na sociedade brasileira, no período do governo de Getúlio Vargas (1930-1945). A dissertação pretende debater, verificar e destacar a construção de símbolos pelo grupo do integralismo, como a utilização destes símbolos, serviu como um elo de identidade para os seus idealizadores e seus seguidores, com uma mentalidade conservadora com pretensões de construção de uma nova nação, com novos valores e novos preceitos para a vida. Ao destacarmos o integralismo e seus símbolos, vamos verificar como a letra sigma, a saudação “anauê”, o gesto de levantar o braço direito erguendo para frente, o lema: “Deus, pátria e família”, são alguns exemplos implícitos e agregadores para os integralistas. Ao olhar para este momento da história do Brasil, e para o surgimento de governos com discursos bem parecidos, a construção deste debate torna-se pertinente para debatermos que a utilização de alguns desses símbolos são utilizados até os dias de hoje sem uma análise esclarecedora. Ao debater em sala de aula temas como o do ensaio, surge a necessidade que os alunos reconheçam e debatam sobre a historicidade destes símbolos e o pertencimento deles a determinados grupos e suas ideologias. Estendendo esse tema para além da sala de aula, no seu dia a dia na sua leitura de mundo e em seu ensino e aprendizagem.

Palavra-chave: Ensino de História; Integralismo; Símbolos; Fascismo; Semiótica; Identidade; Memória.

ABSTRACT

The academic dissertation, titled "Anauê! Green-shirted Yes, Sir! Structuring, Identities and Symbols in the Brazilian Fascism from 1932 to 1937", aims at analyzing the Brazilian Integralist Action - AIB (an Integralist/fascist political party in Brazil) and its role in Brazilian society during Brazilian president Getúlio Vargas's government (1930-1945). This paper also intends to debate, examine and draw attention to some symbols created by Integralist groups, as well as the way the use of those symbols conceived a sort of identity bond shared between Integralism founders and its followers, fostering a conservative mindset and aspiring to forge a new nation, with renewed moral values and new precepts for life. By highlighting Integralism characteristics and some of its symbolisms, we are able to verify how the adoption of the Greek letter sigma as their emblem, the use of the Tupi indigenous greeting "Anauê", the gesture of raising the right arm fully extended, facing forward as a salutation and the use of their motto: "God, Fatherland and Family", can be seen as implicit instances of aggregative features to the Brazilian Integralist movement. When observing this specific moment in Brazilian history and the emergence of governments with very similar discourses, it is noticeable that addressing this topic holds considerable importance, since those Integralism symbols and discourses continue to persist nowadays without further elucidative analysis. Bringing a topic such as the one proposed in this essay to be debated in the classroom setting is crucial for fostering students' ability to recognize, analyze and discuss the historicity of those events, their political symbols and their association with certain groups and their ideologies. Furthermore, it enables students to extend their comprehension on the topic beyond the classroom walls, applying those concepts to their daily lives and to their critical perception of the world, thereby enriching their learning and teaching experience.

Keywords: History Teaching; Integralism; Symbols; Fascism; Semiotics; Identity; Memory.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIB	Ação Integralista Brasileira
DPDC	Departamento de Propaganda e Difusão Cultural
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1: SOBRE SIGNOS E SIGNIFICADOS (SÍMBOLO E SIMBOLISMO)	30
1.1 – SOBRE SIGNOS E SIGNIFICADOS E AS EXPERIÊNCIAS SIMBÓLICAS	33
1.2 – SIMBOLISMO E INTERPRETAÇÃO, DIÁLOGOS SOBRE SÍMBOLOS LINGUÍSTICOS	43
1.3 – SIMBOLISMO E INTERPRETAÇÕES HISTÓRICAS: SOBRE FASCISMO, NAZISMO E INTEGRALISMO	48
1.4 – SIMBOLISMO E INTERPRETAÇÃO: SOBRE SEMIÓTICA	60
CAPÍTULO 2: DÁ-ME UM SÍMBOLO, SE NÃO EU MORRO: SIMBOLOGIA E IDENTIDADE INTEGRALISTA	70
2.1 – UM EXEMPLO DE SÍMBOLO: UMA EXPERIÊNCIA CINEMATOGRAFICA COM O FILME A ONDA	70
2.2 – EXEMPLIFICAÇÕES SIMBÓLICAS: O INTEGRALISMO E SEUS SÍMBOLOS EM DESTAQUE	80
2.2.1 – A BANDEIRA INTEGRALISTA	80
2.2.2 – O SIGMA (Σ)	84
2.2.3 – DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA	91
2.2.3.1 – DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA E A MÍSTICA DA MULHER NA FAMÍLIA EM PROL DO ESTADO INTEGRALISTA	99
2.2.4 – O GESTO	103

2.2.5 – A SAUDAÇÃO ANAUÊ!	105
CAPÍTULO 3: SÍMBOLO A SÍMBOLO	110
3.1 – SÍMBOLO A SÍMBOLO OU (QUAL É O SÍMBOLO?): O JOGO	110
3.1.1 – SÍMBOLO A SÍMBOLO OU (QUAL É O SÍMBOLO?) A DESCRIÇÃO DO JOGO	114
3.1.2 – MANUAL DOS SÍMBOLOS	121
3.1.3 – AS CARTAS DO JOGO	128
3.1.4 – EXPERIÊNCIAS SIMBÓLICAS EM SALA DE AULA – COLÉGIO CURSO ÁGUA	121
3.1.5 – EXPERIÊNCIAS SIMBÓLICAS EM SALA DE AULA – CENTRO EDUCACIONAL SÃO JORGE	138
CONCLUSÃO	143
BIBLIOGRAFIA	148

INTRODUÇÃO

Construir uma trajetória acadêmica não é uma das questões mais fáceis da vida, o processo é longo e conta com escolhas, decisões pessoais e momentos não tão generosos, e em muitas ocasiões decisivas. Ao construir a minha trajetória, assim como milhares de brasileiros, tive acesso a uma realidade de morador da Baixada Fluminense.

Ao ingressar como aluno do ProfHistória e no mestrado profissional de História na UNIRIO, com a pretensão de ampliar ou expandir o conhecimento na área de História e alinhando com um sonho de ingressar na carreira acadêmica, onde posso contribuir com mais veemência em sala de aula e na minha sociedade, levando o conhecimento histórico com clareza e reflexão. Lembrando que ao fazer o exame do mestrado estávamos no contexto da pandemia de covid-19, o primeiro período do curso foi feito on-line, vivemos um pouco das incertezas de estudar e lidar com um vírus que dizimou mais de 700 mil memórias que deverão ser evidenciadas em algum momento da nossa história.

Eu, José Anderson dos Santos Brito acredito que o ensino pode e deve chegar a todos os cidadãos brasileiros. E como professor de História, posso ser um canal de conhecimento da História para os meus alunos, pois ensino se constrói no dia a dia na sala de aula com o aluno conhecendo e se reconhecendo como ator de sua história, e que ocorreram muitos embates históricos e políticos para o seu espaço social ser como é, e será necessário pensar e repensar o processo histórico. Orientar os futuros cidadãos a se reconhecerem e conhecerem os símbolos que são construídos e já estão presentes no cotidiano que não há uma percepção sobre essa questão, é um desafio desta dissertação compreender os símbolos do integralismo e seus simbolismos.

Uma das questões que me incitou o aprofundamento do objeto de análise foi o contato com a Revista de História da Biblioteca Nacional, no ano de 2010, com o seguinte título: Ameaça fascista? O integralismo ontem e hoje, nº 61. As páginas do conteúdo em análise ressaltavam o manual do perfeito integralista, relatavam os ritos e as práticas da AIB na vida de seus membros e como esses símbolos davam sentido em suas vidas. Esses e outros símbolos já fazem parte do nosso cotidiano e de muitas maneiras não criamos uma percepção mais profunda e o peso histórico que esses

símbolos possuem. Vale ressaltar que ao introduzirmos nas aulas do Ensino Fundamental, ressaltar o 9º ano e o 3º ano do Ensino Médio onde os temas como fascismo, nazismo e integralismo são contemplados, assim como as ideologias os símbolos também são. Esses símbolos chamam de alguma maneira a atenção dos alunos e as ideologias que os cercam. Cabe ao historiador, segundo o historiador, norte-americano Robert Darnton,

“também ao etnólogo, que adentra em território habitado por um povo cuja a língua, costumes, sistema de parentesco, hábitos e modo de vida cabe-lhe desvendar. A opacidade, ou seja, a incompreensão de algo tido como relevante, no passado (historiador) ou em outra sociedade (etnólogo), pode ser uma entrada para compreender significados de realidades simbólicas e universos culturais diversos daquele no qual o investigador está inserido”¹.

Ressalto que muitos alunos antes mesmo de chegar ao tema elencado, já tem dúvidas e questionamentos sobre o assunto, e que alguns desenham de forma aleatória os símbolos sem darem conta do peso histórico que possuem e a realidade e historicidade por detrás deles, sejam a suástica nazista, o fascio do fascismo e o sigma do integralismo.

As dúvidas e interesses gerados pelos alunos nos conduz para focalizar como ocorreu e desenvolveu o surgimento e aprofundamento do fascismo, nazismo e integralismo. Nós respectivos países de cada uma das ideologias, nossa dissertação contemplará o cenário que favoreceu o surgimento da extrema direita. Contudo devemos analisar e problematizar em nossos dias atuais a tentativa de reviver esses momentos, nos ambientes nacionais e em diversos cantos do mundo, e nas relações escolares com a tentativa de ordenar e controlar os conteúdos com uma régua moral dos extremistas da extrema direita, com discursos moralistas e em prol da família ao qual muito se assemelham a gênese do fascismo italiano, nazismo alemão e o integralismo brasileiro.

¹ Robert Darnton, *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*, Rio de Janeiro, Graal, 1986, p. 106. Primeira edição em inglês 1984.

Analisar com este aluno que ao andar por sua cidade, estado e país podemos identificar informações que aparentemente estão no anonimato, mas buscam por conhecimento e diálogo histórico. Esses símbolos e simbologias estão em nossas cidades e gera, debates pertinentes como nos faz refletir.

Em nosso cotidiano passamos e estamos passando por grupos de extrema-direita que se apoderaram dos símbolos nacionais e tomando posse desses símbolos transformaram em bandeiras indenitárias, com um discurso que estão e estavam lutando por um passado glorioso que faz parte do imaginário do grupo que observa os acontecimentos históricos que estão vivendo, sonham com essa glória pretérita. Em dezembro de 2022, na diplomação do então eleito presidente Luís Inácio Lula da Silva, presenciamos ações e mais ações de vandalismo na capital federal, com ataques a patrimônios públicos e privados e no dia oito de janeiro de 2023, essas ações tomaram uma proporção ainda incalculável ao patrimônio público, com a invasão de setores do poder estatal, na parte do Judiciário, Câmara dos Deputados e áreas afins. Algumas questões podemos destacar são espaços simbólicos da federação brasileira, e muitos desses ataques feitos por pessoas que carregavam em si a bandeira do país, a camisa da seleção brasileira, a Bíblia Sagrada, entoavam canções religiosas, mas destruíram o símbolo da nação que vivia. Atos como esses mostram a pluralidade de simbologias, simbolismos e significados.

Verificar e analisar a possibilidade de o aluno amadurecer no conhecimento dos símbolos e perceber que o mundo que ele nasceu está repleto de ideologias que serão em um futuro próximo identificados como símbolos que o cercam e seus significados.

Esses símbolos construídos no passado, contudo, se encontram no presente dando sentido a um momento de glória que foi vivida e torna-se necessário vivenciá-la mais uma vez. Assim expressam seus líderes, mesmo que essa glória dita aos quatro cantos do país vivenciado ou do mundo, não passe de uma retórica simbólica e política para chegar ao poder na utilização de seu teatro simbólico, como nos diz Eco, “o fascismo não era uma ideologia monolítica, mas antes uma colagem de colagem de diversas ideais políticas e filosóficas, um alveário de contradições”². Contudo com um discurso de facilidade de resolver os problemas sociais e políticos chamava atenção da população pelo seu discurso e as soluções que pretendiam colocar em prática caso

² ECO, Umberto. *Fascismo Eterno*. Editora Record, 2021. p. 32.

alcançasse o poder, como nos contempla Eco, “o fascismo não tinha bases filosóficas, mas do ponto de vista emocional era firmemente articulado a alguns arquétipos”³. Portanto seus símbolos ainda ecoam nessa mescla de discursos políticos atuais que se sobressaem nos países que estão passando pela ascensão da extrema direita. Torna-se necessário construir maneiras que possamos enxergar as simbologias fascistas presentes no passado e nos dias atuais e principalmente no estudo de seus diversos símbolos existentes que ressurgem.

Nessa estrutura simbólica não podemos deixar de fora os líderes que representam as ideologias, representados por Benito Mussolini, na Itália onde surgira o fascismo, Adolf Hitler, na Alemanha onde surgira o nazismo e Plínio Salgado, no Brasil onde surgira o integralismo. As ideologias orbitavam entre esses líderes políticos e seus símbolos e simbologias, lembrando que existia uma rede de apoio e proteção para o sustento de cada liderança e a manutenção mítica desses líderes. Eles não surgem do nada ou do mero acaso, a situação europeia pós crise de 1929 constrói o cenário primordial para a apresentação de seus simbolismos.

Destaquemos a figura de Plínio Salgado no Brasil, líder do integralismo. Destaque para colocação de Doria, “o herói de Plínio Salgado era sertanejo. O cabloco descendente dos bandeirantes que abriram caminho para a conquista do país”⁴. Contudo neste debate que é travado pela historiografia sobre os ditos heróis brasileiros e os motivos do país ter todo o tamanho de hoje, a sua construção pleiteia as raízes da formação do Brasil e seus desbravadores do conhecimento de uma terra inóspita que necessita ser conquistada. O Plínio do momento político estudado, Plínio surge com essa aura de heroísmo e desbravado do momento político para colocar o Brasil em ordem, tendo as respostas certas para as devidas perguntas.

Em democracias como o Brasil que vem sofrendo ataques dos chamados neofascismo e o neointegralismo, considerados novas vertentes das ideologias que surgiram no início do século XX. Mas um questionamento se faz presente neste momento para a dissertação, a noção e a percepção que presenciamos em nossos estudos muitos relatos dessas ideologias e uma série de repetições desse passado com uma roupagem aparentemente nova. O que define a AIB como um fascismo é também o que

³ ECO, Umberto. *Fascismo Eterno*. Editora Record, 2021. p. 39.

⁴ DORIA, Pedro. *Fascismo à Brasileira – como o integralismo, maior movimento de extrema-direita da história do país, se formou e o que ele ilumina sobre o bolsonarismo*. Editora Planeta, 2021. p. 66.

a distingue de outras formas de conservadorismo. Todo fascismo tem um pé no passado, mas almeja uma revolução cultural futura, um recambio estrutural das bases da organização e da mentalidade das sociedades (GRIFFIN, 1991). Como podemos identificar e entender essas novas questões ideológicas deste passado que insiste em torna-se presente? A sala de aula tornou-se um ambiente fecundo para construção de um entendimento dessas simbologias, e percebemos o quanto tornou-se necessário estudarmos este momento histórico com mais profundidade, e perceber a multiplicidade dos símbolos e dos discursos políticos que colocam a democracia em xeque e que flertam com o autoritarismo e ideologias que minam o cenário político tornado frágil.

Tornou-se necessário agir com mais afinco e esclarecer o período do surgimento das ideologias da extrema direita e o solo fecundo que o fez germinar no passado e no presente. Com a competência que nos cabe como professores de História e lecionar com mais responsabilidade ainda, as abordagens sobre os fascismos, e as formas que atuaram no passado e as marcas que deixaram e ainda continua atuando, a preocupação sobre o tema transformou-se em caso de urgência, assim como nos traz a mente Adorno⁵ em seu artigo, evidencia:

“A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. De tal modo ela precede quaisquer outras que creio não ser possível nem necessário justificá-la. Não consigo entender como até hoje mereceu tão pouca atenção. Justificá-la teria algo de monstruoso em vista de toda monstruosidade ocorrida. Mas a pouca consciência existente em relação a essa exigência e as questões que ela levanta provam que a monstruosidade não calou fundo nas pessoas, sintoma da persistência da possibilidade de que se repita no que depender do estado de consciência e de inconsciência das pessoas. Qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita. Ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação. Fala-se da ameaça de uma regressão à barbárie. Mas não se trata de uma ameaça, pois Auschwitz foi a regressão; a barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta regressão. E isto que apavora. Apesar da não-visibilidade atual dos infortúnios, a pressão social continua se impondo. Ela impele as pessoas em direção ao que é indescritível e que, nos termos da história mundial, culminaria em Auschwitz (...).”⁶

⁵ Filósofo alemão, fundador, juntamente com Horkheimer, em 1924, da famosa escola de Frankfurt, que originou-se no Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt (...). JAPIASSÚ, Hilton, MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 4ª ed. Atual. – Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 03.

⁶ ADORNO, Theodor. *A educação após Auschwitz*. 1986. (Google Acadêmico)

Ao abordar as consequências e as reflexões sobre Auschwitz e a monstrosidade dos regimes autoritários que alcançaram em suas ações e exterminaram e aniquilaram milhões de seres humanos, flertar com governos que ainda admiram e colocam símbolos e simbologias deste momento histórico é esquecer e enterrar as memórias dos seres humanos que não puderam ter a honra de se defender e lutar pela sua vida.

Contudo, cabe a esta dissertação demonstrar e debater alguns de seus símbolos que fizeram parte deste contexto histórico e rerepresentá-los nas salas de aula em momentos de aprendizagem e demonstrá-los com toda a consciência acadêmica e educacional. Construindo um aprendizado humano e de respeito a tantas vidas. Necessário tornou-se a conhecer essas simbologias e os símbolos, principalmente políticos e seus meios que trazem de volta este momento do passado.

O primeiro capítulo busca assinalar e localizar de forma sucinta o contexto histórico que surgiu a Ação Integralista Brasileira (AIB), um movimento da extrema direita que surgiu no Brasil nos anos de 1932 até 1937, no período da Era Vargas (1930-1945). Os integralistas tiveram como líder e ideólogo do movimento Plínio Salgado. Estendeu para formação intelectual do movimento outros nomes como, Gustavo Barroso e Miguel Reale. Contudo, a dissertação aprofundará as experiências voltadas as questões simbólicas, como esses símbolos se constituem presente em nosso modo de viver. Ressaltando as vivências simbólicas na sala de aula e em nossas relações humanas. Verifica-se, uma análise semiótica sobre os movimentos de extrema direita no período em destaque da ação integralista, e com o fascismo e o nazismo.

No segundo capítulo insere-se em buscar e analisar a necessidade dos símbolos e a sua representatividade na simbologia, e a construção simbólica do integralismo. Como se constituiu a estética simbólica e como podemos percebê-las no nosso presente. Conta com a exposição simbólica do integralismo os seguintes itens: a bandeira integralista, o *Sigma* (Σ), o lema “Deus, Pátria e Família”, o gesto e a saudação Anauê! As simbologias que ressaltam um pouco da mística e do pertencimento dos adeptos do integralismo e a importância das práticas como pertencimento ao partido construindo a identidade necessária pelo real motivo de viver e lutar.

No terceiro e último capítulo explicaremos e vamos verificar e tornar em ação o material didático pedagógico intitulado “símbolo a símbolo”, uma produção de um jogo com 39 cartas, apresentando uma diversidade de símbolos no contexto, religioso,

político e de representação de alguns símbolos nacionais. A destacar que por mais que tenha símbolos que não estão inseridos do contexto da extrema direita, são símbolos que estão no cotidiano do aluno, e serve como porta de entrada para o jogo como alguns símbolos familiares. O jogo torna-se mais uma forma pedagógica de aprendizado e conscientização para os docentes, e estará à disposição para alunos e professores de História e outras áreas de conhecimento para estimular e aguçar o aprendizado construindo um debate sobre a nossa sociedade atual e o seu passado.

A dissertação tem como escopo alguns critérios que iremos ressaltar neste momento são elas: destacar a relevância dos símbolos na formação de ideologias da extrema direita e como os alunos podem reconhecer e debater as ideologias que os cercam; historicizar com os alunos os símbolos e suas simbologias; analisar o contexto histórico que desenvolveu o integralismo. O propósito da dissertação continua em destaque: identificar os símbolos e seus significados; evidenciar os discursos dos símbolos e como se tornar um fator agregador para uma identidade; instruir e construir a importância do conhecimento histórico e como esse conhecimento nos faz refletir sobre os espaços de conhecimento que pertencemos e como esses símbolos e simbologias estão presentes e problematizar como os símbolos foram recuperados e ressignificados pelos partidos de extrema direita e construindo uma nova simbologia.

Metodologicamente, pretendo analisar evidências históricas e fontes históricas que demonstram que trabalho em questão tenha coerência, destacarei algumas reportagens e materiais já colhidos que sustentam o que foi relatado e objetos que constituem de grande relevância e de aura sacral para o objeto de estudo, como os exemplos: a bandeira, a letra sigma, as cores usadas por este movimento, o lema “Deus, pátria e família”, a palavra “*anauê*”, de origem tupi, os cerimoniais de casamento, os gestos, as comemorações como: Vigília da Nação, Noite dos Tambores Silenciosos e Matinas de Abril. Contudo, tinha um hino, vovô Índio, as vestimentas e os ritos de falecimentos.

Evidenciar que os periódicos e revistas produzidos para a divulgação da ideologia da época se tornarão fontes essenciais para a pesquisa acadêmica, essas informações servirão de base para a construção e formação do cidadão integral idealizado pelo integralismo, as fontes são: o jornal *A ofensiva* e a revista *Anauê!* Entre os periódicos da época.

Perceber que as análises da semiótica serão fundamentais para este projeto, onde entrarão fotos dos discursos, reuniões e manifestações. Como foi apresentado a figura do integralismo para a população, e como é recebida ao ponto de ser uma forma de identidade comum e de reconhecimento para o grupo de pertencimento, para os que não estão inseridos e os simpatizantes.

O propósito é criar um jogo com diversos símbolos. No quadro teriam as informações como exemplo: é um símbolo do cristianismo e seu líder morreu nesse instrumento que se tornaria este símbolo, corresponde a uma religião. Tendo essas informações e outras, verificaria a imagem e colocaria no lugar que acharia correto. Um outro exemplo, este símbolo é de uma religião monoteísta, e é uma estrela de seis pontas e um outro, que corresponde a uma letra do alfabeto grego, que serviu de símbolo e ideologia deste grupo político na Era Vargas. Esses alunos teriam que analisar e encaixar os símbolos de acordo com as informações. Ao fazer essa atividade relatar e analisar com os alunos de modo a ficar atento as informações de símbolos e expressões que estão no cotidiano, mas que retratam, relatam e endossam a ideologia carregadas de significados, no presente e que muitas delas podem ter ligação com outro momento histórico e ganhar um outro sentido e contexto.

Tendo essa primeira informação de maneira bem sucinta iremos propor o seguinte jogo, símbolo a símbolo, tendo como propostas através de indagações de um mediador ou até mesmo de um jogador ao outro, com indagações que possibilitam o acerto e o aprendizado, o reconhecimento e o conhecimento deste símbolo em seu caminhar da vida, sabendo ou tendo a noção de seu significado.

O jogo conterà com 39 cartas, contendo símbolos de diversas matizes. Sabendo que a elaboração deste produto está de forma embrionária, estará sujeito a alterações para melhor facilitar o aprendizado e adequando a realidade dos alunos.

Relatar sobre o momento histórico do Brasil e de um grupo político chamado de integralistas e que esse grupo teve muito destaque no período da Era Vargas. Cabe verificar os símbolos usados naquele período do integralismo, os seus ritos, forma de falar, as suas convicções e o que fazia as pessoas se identificarem com aqueles grupos e segui-los como uma direção para a vida desses membros, mesmo esse grupo tendo entrado na ilegalidade e Vargas pondo um fim. Algumas convicções ainda hoje permanecem e não percebemos, achamos que é algo novo, e as pessoas usam sem

perceber os diálogos que são feitos com esse passado. Podemos exemplificar algumas convicções da extrema direita que permanecem nos dias de hoje, são elas: a utilização da frase integralista “Deus, Pátria e Família”, recuperada pelo governo do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (2019-2022). Com o passar do tempo a frase teve o acréscimo de uma outra palavra, “Liberdade”. Destaca-se pelo culto à personalidade, a figura do líder como um ser que não comete erros e não pode ser questionado, o verbo obedecer aplica-se questionar jamais e esses são alguns exemplos a serem analisados. A interpelação a esses exemplos seriam um desconhecimento sobre os fatos históricos desse passado? Um olhar saudosista desse momento em que lutava realmente pela pátria e seus valores? Não ocorreu um estudo superficial sobre essas questões? Essa ação simbiótica entregue e valores, Estado, política, religião e outros eventos criaram símbolos, que criaram um pertencimento e ao mesmo tempo um ar de medo em perder o que é considerado sagrado, a necessidade de resgatar e construir símbolos que unam-se por uma causa maior, a causa de Deus, a causa da Pátria e a causa da Família, motivos que ouvimos de pessoas simples que são lutas e causas que se devem morrer.

Esses símbolos se estruturam de forma material e imaterial como: um uniforme, um gesto, uma bandeira, alguns *souvenirs*, um disco para ouvir músicas em datas comemorativas resgatadas, datas de extremo valor e essência para seus participantes e precisam se adequar, voltar o que antes era.

Notar como o passado que pensávamos que estava extinto ou no pretérito longínquo permanece vivo em uma sociedade conservadora com saudades desse período histórico, cabe ressaltar que este projeto não chegou ao poder e surge com novas roupagens, tornando-se presente no cotidiano da sociedade de uma forma natural e modelo de vida para um determinado grupo. Validar a construção apesar de explicações caminharem para o presente, no contexto de 1932 até 1937 - esse presente - resgata em seu passado essa glória perdida. Essa ida ao passado sempre resgata frutos que parecem resposta para os eventuais momentos.

Examinar autores que podem nos auxiliar nesta dissertação. Contemplo também nessa árdua caminhada: o historiador britânico John Pocock em seu livro “*Linguagens do Ideário Político*”, onde conceitua as terminologias políticas e trás em cenas nomes dos estudos políticos para o debate e “*Teorias do símbolo*”, abordando o terreno da simbologia e seus signos como: a semântica, a retórica e entre outros. Em destaque

também, “*Simbolismo e interpretação*”, nos leva a discutir o que seria um símbolo e suas formas de serem apresentadas, na linguagem, nos discursos, e na interpretação por Tzvetan Todorov.

A contribuição para o trabalho envolve a leitura de “*Mitologias*” de Roland Barthes, em diversos artigos na primeira parte do livro, nos mostrando como o sistema semiótico está presente no cotidiano, na segunda parte do livro nos remete sobre a mitologia nos dias atuais. Outra evidência no trabalho é a obra “*Semiótica e Totalitarismo*”, de Izidoro Blikstein, debatendo o conceito de semiótica e como os discursos totalitários revelam as simbologias e ideologias constituídas pelos grupos totalitários.

Abordo a presença da obra “*O fascismo eterno*” de Umberto Eco, colocando em evidência o termo “ur-fascismo”, o quanto a ideologia ainda está presente e como se apresenta. No segundo capítulo do trabalho apresentar a obra “*Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*”, de Héliog Trindade. Assim como também insiro a tese “*Troféus da Guerra perdida: Um estudo histórico sobre a escrita de si de Gustavo Barroso*” por Aline Montenegro Magalhães. Introduzir as seguintes fontes como: livros da autoria do Plínio Salgado, ir a bibliotecas para pesquisa tanto virtual como presencial. Verificar na Fundação Biblioteca Nacional, Real Gabinete Português de Leitura, Biblioteca Parque Estadual e Biblioteca do CCBB. Pesquisar em periódicos “*Jornal da Frente Integralista Brasileira*” e “*A Razão*” e revistas “*Cadernos da Hora Presente*” da época.

No desenvolvimento do referencial teórico deste trabalho acadêmico constrói seu embasamento para a discussão nos seguintes conceitos: semiótica, fascismo, integralismo e ensino de História.

Precisamos apurar nesta produção acadêmica a utilização do conceito de semiótica, para Roland Barthes, o entendimento sobre a linguagem, discurso, fala e afins, seja ela verbal ou visual, como os exemplos de fotografia, artigo de jornal, os objetos transformam-se em uma voz de grande significado para os seus interlocutores. Esses elementos ao serem utilizados pelos partidários tornam-se mitos, constrói-se uma aura mítica, assim como as falas proferidas pelos seus líderes. É na utilização da linguística para analisar a retórica proferida que nos faz pertinente nos debruçar e auxiliar nos estudos da semiologia, “A semiologia é uma ciência das formas, visto que

estuda as significações independente do seu conteúdo [...], portanto que toda a semiologia postula uma relação entre dois termos, um significante e um significado [...]”⁷. E as áreas que atuam que podem servir de base para as análises dos discursos proferidos pelos líderes políticos e os símbolos construídos por eles, em destaque Plínio Salgado, idealizador da Ação Integralista Brasileira (AIB) e o Benito Mussolini também elaborador do fascismo italiano que servirá de base para a versão brasileira conhecida como integralismo. Podemos referendar essa relação de mito, signo, significado e significante no postulado construído por Barthes na seguinte proposta,

“No mito, pode encontrar-se o mesmo esquema tridimensional (...): o significante, o significado e o signo. Mas o mito é um sistema particular, visto que ele se constrói a partir de uma cadeia semiológica que existe já antes dele: *é um sistema semiológico segundo*. O que é signo (isto é, totalidade associativa de um conceito e uma imagem) no primeiro sistema, transforma-se em simples significante no segundo. É necessário recordar, neste ponto, que as matérias-primas da fala mítica (língua propriamente dita, fotografia, pintura, cartaz, rito, objetos etc.), por mais diferentes que sejam inicialmente, desde o momento e que são captadas pelo mito, reduzem-se a uma pura função significante: o mito vê nelas apenas uma mesma matéria-prima; a sua unidade provém do fato de serem todas reduzidas ao simples estatuto de linguagem. Quer se trate de grafia literal ou de grafia pictural, o mito apenas considera uma totalidade de signos, um signo global, o termo final de uma primeira cadeia mitológica. E é precisamente este termo final que vai transformar-se em primeiro termo ou termo parcial do sistema aumentado que ele constrói. Tudo se passa como se o mito deslocasse de um nível o sistema formal de significações. Como esta translação é capital para a análise do mito, representá-la-ei da seguinte maneira, entendendo-se que a especialização do esquema não é aqui mais do que uma simples metáfora (...)”⁸.

As fontes escritas e as imagens constituem uma forma de signo que criam um acesso do mito, com a função de significante, quanto ressalvam uma forma de linguagem do objeto a ser utilizado dando uma capitação essencial para mensagem que pretende ser utilizada.

“A roupa – e, certamente, qualquer outro objeto – pode ter, enfim, sindicatos socioculturais que ultrapassam sua função utilitária (...), a

⁷ BARTHES, Roland. *Mitologias*. BCD União de Editoras S.A, 1999. pág. 133 e 134.

⁸ *Ibidem*.

exemplo de palavras, gestos, sons e imagens, passa a funcionar como uma autêntica ferramenta de comunicação e se transforma em *signo*. O termo *signo* – proposto pela Linguística e pela Semiótica – designa qualquer elemento sonoro, visual, olfativo, gustativo ou tátil que se torna portador de significados referentes a objetos, situações, sensações, experiências, enfim, a tudo que envolve nossa vivência no mundo. É evidente que a comunicação seria impossível sem os signos que constituem, destarte, a matéria-prima da Semiótica, a ciência que estuda os signos e seus “parceiros” (sinais, símbolos e índices) que utilizamos na comunicação (...)⁹.”

As exemplificações das construções do simbolismo e suas interpretações são colocadas em evidências por Tzvetan Todorov, nos permitindo angariar subsídios nas análises de linguagem e discursos, nos levando a perceber e refletir sobre a natureza da linguagem, “o discurso é uma manifestação concreta da língua e se produz necessariamente num contexto particular, em que entram em conta não somente os elementos linguísticos, mas também as circunstâncias de sua produção: interlocutores, tempo e lugar, relações existentes entre esses elementos extralinguísticos. Não se trata mais de frases, enunciadas ou, mais resumidamente, de enunciados”¹⁰. Nas inferências para o debate é posto em cena Beauzée, entra em oposição sobre a *significação* (para língua) e o *sentido* (para o discurso), e o autor fala de *significância* e *sentido*. Onde a significação padece de dois sentidos e leva uma perda da ambiguidade.

Os apontamentos levantados nos fazem refletir um pouco mais sobre o arcabouço das palavras e o sentido que elas pretendem fazer, “as palavras jamais capturam a essência das coisas, só as evocam indiretamente. Entretanto, se tudo é metáfora, nada o é”¹¹. Esse é um dos levantamentos que pretendemos referendar a compreensão do objeto na teoria do simbolismo linguístico, salientando, “o fenômeno simbólico nada tem de propriamente linguístico, ele é somente portado pela linguagem [...]”¹². Nessa produção e na elaboração dos discursos tem sua gênese no passado com as disciplinas como retórica e hermenêutica, ambas na boca de líderes de destaque ecoam com maior força na figura mítica.

⁹ BLIKSTEIN, Izidoro. *Semiótica e Totalitarismo*. Editora Contexto, 2020. pág. 10-11.

¹⁰ TODOROV, Tzvetan. *Simbolismo e interpretação*. São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 11.

¹¹ *Ibidem*.

¹² *Ibidem*.

Blikstein (2020) nos orienta e nos ajuda a definir e construir o papel da semiótica em desvendar o que seria o avesso dos símbolos. A semiótica ou semiologia vem do (grego *semeion*, “signo”, “sinal”), nos leva a concluir o surgimento de vários signos e sinais que são utilizados por grupos para demonstrar as suas ideias, afeição, impressões, vontades e trabalhos exercidos pelos seus relacionamentos em comum, “a Semiótica é fundamental para nossa sobrevivência física, psíquica e social”¹³. Nessa construção da semiótica que “detectamos os significados embutidos nos sinais, signos e simbolismos, a fim de entendermos o mundo em que vivemos”¹⁴. E ao depararmos com essas imensas informações que evidenciamos a pluralidade de códigos e as convenções que os cercam controlando, dando significado aos signos e norteando as vidas.

“(...) o signo visual, a partir do repertório do contexto sociocultural, pode impregnar-se de conotações culturais, tornando-se símbolo. Nem todo signo é símbolo, mas todo símbolo foi, na origem, um signo. Temos, então, símbolos religiosos (cruz, estrela de David), símbolos políticos, símbolos corporativos, símbolos esportivos, bandeiras etc. É necessário conhecer a história e as conotações culturais dos símbolos para evitar ruídos de comunicação, como foi o exemplo da suástica hindu e nazista (...)”¹⁵

A variedade de signos constrói vários arcabouços da sociabilidade, “[...] desde que haja sociedade, qualquer uso se converte em signo desse uso [...]”¹⁶, e muitos símbolos são necessários a contextualização, informações de sua origem e seus significados para evitar os ruídos mencionados no fragmento acima, “convertidos em signos, os objetos passam a “comunicar” inúmeros aspectos de nosso repertório: condição socioeconômico, cultura, ideologia, formação, educação, gosto de etc. Na verdade, eles funcionam como índices manipulados”¹⁷. E analisando essas interpelações que verificamos a função do signo, Deyan Sudjic destaca, “[...] o que usamos para definir, para sinalizar quem somos, e o que não somos. Ora são joias que assumem esse

¹³ BLIKSTEIN, Izidoro. *Semiótica e Totalitarismo*. Editora Contexto, 2020. p. 18.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ BARTHES, Roland. *Mitologias*. BCD União de Editoras S.A, 1999. p. 44.

¹⁷ BLIKSTEIN, Izidoro. *Semiótica e Totalitarismo*. Editora Contexto, 2020. p. 124.

papel, ora são os móveis que usamos em nossas casas, ou os objetos pessoais que carregamos conosco, ou as roupas que usamos [...]”. Verificamos a capacidade dos objetos do integralismo a serem debatidos que possibilitarão os questionamentos necessários para debater como esses símbolos tornaram-se um norte para o grupo, uma identidade crucial para o seu pertencimento ao integralismo e que os outros que visualizem e não fazem parte identificar quem os são.

Outro conceito que temos que desenvolver é a relação estabelecida entre os fascismos, o nazismo e o integralismo. Os cenários para o surgimento de cada um na Itália e no Brasil tem contextos diferentes, na Itália as condições do desenvolvimento econômico no século XIX e a dualidade na característica do Sul e do Norte constrói este contorno, como destaca Gramsci, “[...] o caráter dualista da sociedade italiana: um Sul agrário e pobre, sujeito à pilhagem de um Norte industrial e conquistador [...] os problemas italianos residiria na aliança do proletariado industrial do Norte e o campesinato pobre do Sul [...]”, nesse processo de industrialização e a dualidade econômica entre o Sul e o Norte avança durante os anos ao chegarmos, “a crise que germinava desde 1887 explodiu por ocasião da crise financeira mundial dos anos 1890. Já a criação do Partido Socialista no Congresso de Gênova de 1892, depois, em 1893-1894, o movimento do Fasci siciliano, consequências ambos desse processo de industrialização forçada, fizeram com que novos elementos interviessem na dinâmica social [...]”¹⁸, podemos introduzir nesse contexto a crise na colônia de Aduá. Além de destacarmos o aspecto acima, precisamos salientar que com o tempo reflete Salvemini (1963) comenta “se o fascismo apresenta uma doutrina coerente, deve-o ao fato de que os fascistas retomaram o conjunto da doutrina nacionalista”. No entanto,

“A entrada dos nacionalistas no Partido Nacional Fascista, a 26 de fevereiro de 1923, e a fusão dos “camisas negras” e dos “camisas azuis”, fadados, estes últimos a desaparecer, nada mais fizeram, na verdade, que sancionar formalmente uma identidade objetiva, a do “nascimento do fascismo” [...]”¹⁹”.

¹⁸ PARIS, Robert. As Origens do Fascismo. Coleção Khronos. Editora Perspectiva, 1972. p. 20.

¹⁹Ibidem.

Mas segundo abordava o historiador L. Salvatorelli (1946) comenta, os nacionalistas trouxeram ao fascismo esse “corpo de doutrina” sem o qual o movimento, na opinião de Mussolini, seria obrigado a “morrer ou pior ainda, a suicidar-se”.

“Fascismo, nacionalismo e futurismo foram igualmente produtos da época contemporânea, da sociedade industrial e, mais precisamente, do grande capital (com exceção, talvez, do futurismo). O nacionalismo italiano surgiu com o século (...)”²⁰.

Neste contexto histórico da Itália e a figura de Mussolini e em análise ao contexto mundial da Crise de 1929 e a ascensão de governos totalitários, figura como resposta ao espírito do tempo. Outro ponto de auxílio para desenvolver a dissertação é a construção de Humberto Eco em sua análise sobre o fascismo e como conseguimos identificar suas características nos dias de hoje.

“[...] se o fascismo de Mussolini tinha como base a ideia de um chefe carismático, o corporativismo, a utopia do “destino fatal de Roma”, a vontade imperialista de conquistar novas terras, em um nacionalismo exacerbado, o ideal de uma nação inteira uniformizada pelas camisas negras, a recusa da democracia parlamentar, o antissemitismo, então tenho nenhuma dificuldade para admitir que a Aliança Nacional, nascida do Movimento Social Italiano (MSI), é certamente um partido de direita, mas tem muito pouco a ver com o velho fascismo. Pelas mesmas razões, mesmo preocupado com os vários movimentos neonazistas ativos aqui e ali na Europa [...]”²¹

Em relação à formação da Ação Integralista Brasileira temos o contexto da Era Vargas (1930-1945), dividida em três momentos que são: Governo Provisório (1930-1934), Governo Constitucional (1934-1937) e Estado Novo (1937-1945). Nessa divisão temos um recorte de 1932 até 1937 que marca o surgimento da Ação Integralista Brasileira, por Plínio Salgado. Destacar o momento que o Brasil vive e as

²⁰ PARIS, Robert. *Origens do Fascismo*. Editora Perspectiva. p. 26.

²¹ ECO, Umberto. *O fascismo eterno*. Editora Record. págs. 22-23.

transformações sociais, econômicas e políticas que estava passando, mas marca a tentativa de um novo pensamento conservador e político não a dos moldes vigentes do governo, mas o espírito do tempo que ocorria na Europa, em destaque a Itália, Gonçalves e Neto (2020), cita 1930. Palácio Venezia, Roma (...), Plínio Salgado, futuro líder dos camisas verdes, se viu diante de Benito Mussolini, o grande chefe dos fascistas italianos (...) frente a frente com o gênio criador da política do futuro, o profeta do mundo contemporâneo. Com essa aproximação solidificou o pensamento político que viria ser o norteador e suas bases no fascismo italiano, contaria com intelectuais de sua época.

“A versão brasileira do Mussolini seria, certamente, o próprio Plínio Salgado, que se autodenominava gênio, dando aos intelectuais um papel de destaque nesse novo Brasil: “É preciso que nós intelectuais, tomemos conta do Brasil. Definitivamente. Temos de romper com a tradição medíocre da política. Estamos fartos de vivermos, nós, intelectuais, à sombra dos poderosos. Queremos mandar” [...]”²²

O fascismo italiano foi a conjugação e o elo para o líder do integralismo, Plínio Salgado. A imagem do fascismo foi o molde, o padrão para o alicerce do integralismo no Brasil, com elementos e características da cultura que compunha o Brasil. Ressalva pela figura de Plínio Salgado como o homem ideal para o seu tempo e com o vigor para romper com a política da época, envolvendo um discurso autoritário, antiliberal, antidemocrático, anticomunista, nacionalista, concepção cristã radical e conservadora.

²² GONÇALVES, Leandro Pereira; NETO, Odilon Caldeira. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. pág. 11.

CAPÍTULO 1: SOBRE SIGNOS E SIGNIFICADOS (SÍMBOLO E SIMBOLISMO)

A presente dissertação com o título, “Anauê! Camisas-Verdes Sim, Senhor! Estruturações, Identidades e Símbolos do Fascismo Brasileiro de 1932 a 1937”, alardeia como proposta ressaltar e verificar os símbolos do fascismo brasileiro, denominado integralismo. Tendo como mentor do pensamento Plínio Salgado, destacou-se nas carreiras de política e de escritor. Contudo, outros nomes no cenário da história do Brasil se destacaram nesta seara, são: o historiador que presidiu a Academia Brasileira de Letras Gustavo Barroso, o jurista brasileiro Miguel Reale, o folclorista Luís Câmara Cascudo e o padre Hélder Câmara e entre outros nomes.

O movimento intitulado com a seguinte sigla AIB e o nome Ação Integralista Brasileira, tinha como proposta a busca de uma nova política para o Brasil, mas para isso precisava construir uma nova sociedade, a construção de um novo homem, de novas estruturas e de uma nova identidade que fosse ideal para os aspectos do integralismo, Plínio Salgado e Miguel Reale, no seu *Manifesto Programa da Ação Integralista Brasileira*, idealizavam essa nova forma, novo padrão que deve ser evidenciada, e de modelo para o Brasil que pretendia construir. Em suma um novo Estado composto pelo homem integral, com características do Estado integralista. Visando a política, o social e a economia. Em sua preliminar ressaltam,

“o integralismo é um movimento que objetiva a felicidade do povo brasileiro, dentro da justiça social, dos princípios verdadeiramente democráticos, garantida a intangibilidade dos grupos naturais e assegurada, de maneira definitiva, a grandeza da Pátria que deverá ser elevada ao seu máximo esplendor [...] o Estado adquire capacidade revolucionária no sentido de interferir no ritmo social e nas atividades econômicas, todas as vezes que se tornar necessário, para restaurar equilíbrios, impedindo que hajam “exploradores” e “explorados”: nós, integralistas, reafirmamos o que já foi estabelecido em publicação oficial anterior, isto é, “o primado do espiritual sobre o moral, do moral sobre o social, do social sobre o nacional, do nacional sobre o individual²³”.

²³ REALE, Miguel e SALGADO, Plínio. *Manifesto-Programa da Ação Integralista Brasileira*. Book Kindle, 1936. págs.: 04 e 05.

Essa pequena ressalva do fragmento nos permite direcionar o trabalho proposto colocando em xeque a construção desse novo Estado, mas principalmente o imaginário de pertencer e ser do Estado integralista, para isso colocamos em voga a necessidade de refletirmos sobre a estrutura pretendida do integralismo, a qual Estado quer construir, com quem está dialogando neste contexto histórico brasileiro e mundial. As identidades que pretendem evidenciar, como modelo e padrão necessário para uma nova nação, contudo para isso ocorrer é que refletiremos, sobre os símbolos construídos pela AIB. Símbolos que darão pertencimento aos seus membros, e serão bússola necessária para o padrão de vida e cultura que pretendem viver, no material e espiritual, sendo assim,

“o integralismo se propõe respeitar a liberdade de consciência e garantir a liberdade de culto, desde que não constituam uma ameaça aos bons costumes. Em matéria de cooperação religiosa, defende o regime de concordata, sem perda de autonomia das partes e visando sempre a grandeza nacional dentro do ideal cristão da sociedade brasileira [...] o Estado Integral será um Estado forte, não para comprimir as liberdades legítimas e naturais, porém, para garanti-las contra o abuso dos poderosos preservando a Soberania Nacional, o bem-estar e a dignidade de cada brasileiro²⁴”.

Deste princípio poderemos nos inclinar na presente dissertação para entendermos as constituições levantadas nesta primeira parte, como as seguintes características, sendo a primeira, **Sobre signos e Significados e as Experiências Simbólicas**, explicar sobre os símbolos e as experiências que adquirimos com eles, e a necessidade de construir com uma perspectiva de identidade e pertencimento de uma causa quando esses símbolos fazem parte do nosso modo de viver e dão motivo para continuar a viver e lutar. Validaremos as inferências de autores que irão nortear as premissas levantadas como Roland Barthes e sua obra *Mitologias*.

Saliento as vivências em sala de aula e o cotidiano da rua onde nos deparamos com evidências de símbolos, e se nos questionamos da relevância delas, do mesmo modo, se estamos atentas as informações simbólicas construídas no nosso dia a dia.

²⁴ REALE, Miguel e SALGADO, Plínio. *Manifesto-Programa da Ação Integralista Brasileira*. Book Kindle, 1936. págs. 06-08.

Continuo no próximo item proposto com o subtítulo, **Simbolismo e Interpretação, diálogos sobre símbolos linguísticos**, com o auxílio reflexivo de Tzvetan Todorov em sua obra, *simbolismo e interpretação*, construindo alguns questionamentos. Sobre qual é a natureza do integralismo? Quais raízes formam os discursos integralistas? Verificando a linguagem integralista e a constituição que representa para o seu grupo de apoio, colocaremos em destaque os autores Leandro Pereira Gonçalves e Odilon Caldeira Neto em seu ensaio, *O fascismo em Camisas Verdes: do integralismo ao neointegralismo*, norteados a trajetória de Plínio Salgado e sua influência no fascismo italiano de Benito Mussolini, e como os caminhos de uma ideologia acabam sendo semente para o fascismo brasileiro.

Portanto nestas pequenas colocações do primeiro capítulo caminharemos para o seguinte item de destaque com o título, **Simbolismo e Interpretações Históricas: sobre fascismo, nazismo e integralismo**, ressaltaremos um pouco do contexto histórico para entendermos em que condições o integralismo surge e onde está pautado e dialogando, para isso contribuem Eric Hobsbawm e *Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*, Marcos Napolitano e *História Contemporânea 2: do entreguerras à nova ordem mundial* e Humberto Eco e o livro *Fascismo Eterno*. Essas e outras bases contribuem e contribuíram para a construção da proposta de trabalho desejada.

Por fim outro ponto de grande relevância da dissertação, a ser apresentado é o ponto sobre **Simbolismo e Interpretação: sobre semiótica**, construiremos com o auxílio de Izidoro Blikstein em sua obra *Semiótica e Totalitarismo*, abordaremos em alguns pontos a relevância da semiótica e a necessidade de entendermos esta ciência e o contribuição que o estudo dos símbolos e suas construções de forma mais profunda poderá nos dar base para compreender a doutrina integralista em seus signos e significados.

1.1 – Sobre Signos e Significados e as Experiências Simbólicas

Somos um ser social. Vivemos em sociedade. Nos relacionamos uns com outros de múltiplas maneiras, variadas formas. Essas colocações podem parecer bem simples, se somente criarmos uma afirmativa e deixarmos passar, mas seria necessário, analisar com mais afinco essas certezas.

O ser humano nessa vastidão de conhecimento criou gestos, sons, falas, desenhos, pinturas, códigos, escrita são exemplos: pinturas rupestres, escrita cuneiforme, hieróglifo, códice, alfabeto fenício, alfabeto grego e o latim e entre outros. Nos dias atuais podemos verificar a libras (Língua Brasileira de Sinais), comunicação de surdos, o Braille, sistema de escrita tátil por pessoas cegas ou com baixa visão. Para quem dirige o (CTB) o Código de Trânsito Brasileiro e suas diversas atribuições e sinalizações. Esses apanhados de conhecimentos traziam e trazem sentido para se relacionarem entre si. Leis que norteavam as suas condições sociais, onde estabeleciam papéis em torno de seus sistemas sociais, éticos, religiosos, estatais e entre outros.

Percebe-se que o estabelecimento de uma linguagem e suas discussões e narrativas entram em uma constante dialética. É neste mundo repleto de significados e significações que encontramos alunos de diversas matizes, onde ainda não deram conta das diversidades de enredo que o circulam, e em sua maioria não terá significado, deixará passar despercebido essas informações que deveriam fazer parte do seu ambiente, que acabam moldando-os como Paulo Freire em seu ensaio *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam* nos conduz a reflexão da leitura e desse processo de leitura, “daquele contexto - o do meu mundo imediato - fazia parte, por outro lado, o universo da linguagem dos mais velhos, expressando as suas crenças, os seus gostos, os seus receios, os seus valores [...]”²⁵.

Neste ambiente pronto os alunos são colocados e deverão fazer a árdua leitura, e retirar conclusões e aprendizados referentes aos signos que tentam entender, “[...] os alunos não tinham que memorizar mecanicamente a descrição do objeto, mas apreender a sua significação profunda [...]”²⁶. Reitero a experiência freiriana em toda a conjuntura de exílio e o árduo trabalho de uma terra estrangeira e sua experiência educacional

²⁵ FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. Coleção do Nosso Tempo, São Paulo, Editora Cortez, 1989.

²⁶ Ibidem.

científica, contudo apoderando de outras conjunturas da dissertação, verifico a necessidade de ir além na sala de aula e na experiência desejada para aplicar este trabalho. Evidenciar não somente o mero artifício de conhecer mecanicamente um símbolo, mas esquadrihar a significação profunda do seu dia a dia, com a devida informação colocada a mesa da sala de aula.

Nos deparamos nos tempos de hoje com uma árdua tarefa de ser professor, de decodificar o ensino e torná-lo palatável. Nesta imensa gama de informações e de decodificação do conteúdo científico, mostrar para o aluno que o conhecimento não é um bicho de sete cabeças ou a famosa hidra mitológica que ao cortar uma de suas cabeças nasce uma outra, que o ambiente escolar e de sala de aula servem para o aumento do conhecimento e poderá ser utilizado no seu cotidiano, ajudando-o a conhecer e fazer a leitura de mundo que ele está inserido, como na linguagem das diversas matizes de ciências como: a matemática, a física, a química, a biologia, a sociologia, a geografia, a história e entre outras. Cada um dos exemplos tem sua forma de linguagem e sua devida importância, que toda aula é um texto e verificar o saber escolar como uma epistemologia, uma leitura do mundo, cabe o ensino da História nos fomentar este critério de aprendizagem e leitura.

Quando vivenciamos nosso ambiente escolar hoje o chamado sexto ano, o professor de História tem que se deparar com aqueles pequenos olhares e interpelar as nobres mentes, o que é História? Qual é a importância da História? Para que estudar o passado, se o que importa é o futuro? Muitos alunos em sala falam da importância de estudar o passado. Só somos o que somos hoje devido o nosso passado, se anularmos o passado seremos pessoas sem memória. Assim como na construção da História como ciência e os debates surgidos em sua época, precisamos levantar os nossos questionamentos e situarmos no tempo e no espaço, assim como referenda o historiador, Ciro Flamarion Cardoso em sua obra, “[...] entre os mais importantes, a questão da construção, pelos historiadores, das categorias tempo e espaço”²⁷. Nesse tempo e espaço que os debates sobre a importância do ensino de História se fazem presente nos dias do pretérito e nos de hoje,

²⁷ FLAMARION, Ciro Flamarion. *Uma introdução à história*. Editora Brasiliense, 1983. p. 105

“[...] tudo depende, naturalmente, de definir previamente de qual Historiador estamos falando a princípio deste século, era frequente afirmação de ser a História, a ciência, disciplina ou arte cujo objeto é o passado, e também a noção da gratuidade absoluta dos estudos históricos, cuja finalidade seria a reconstrução do passado por si mesma. Chegava-se a acreditar que a “imparcialidade” desejável do historiador diante do seu objeto só seria atingida se ele distanciasse do seu próprio tempo [...]”²⁸.

Mas podemos dar continuidade a este caminho com a escola dos Annales com a seguinte colocação, “a História é a ciência das transformações das sociedades humanas no tempo – e, portanto, das ciências sociais”²⁹, contudo nos ressalta,

“Discutir os amplos pontos da construção histórica com os alunos torna-se fundamental. A apresentação da história para o seu presente, o mundo deste aluno onde aparentemente tão normal, há fatos e acontecimentos históricos que precisam ser relatados e problematizados, e a participação dele é uma peça fundamental, “[...] Lucien Febvre dizia que a História-problema é uma forma de consciência que permite aos contemporâneos do historiador, “a seus concidadãos, compreender melhor os dramas de que vão ser, de que já são, todos juntos, atores e espectadores”. A História assim vista torna-se iluminação do presente e “deixa de aparecer como uma necrópole adormecida pela qual só passam sombras despojadas de substâncias [...]”³⁰.

Precisamos verificar as informações contidas no presente, que foram construídas no passado, para o aluno perceber que muitas de ações normalizadas e espaços de sua cidade tem acontecimentos históricos formado no passado que precisam ser debatidos. A construção de uma História que seja viva, e que pessoas possam se ver nelas como atores.

As marcas e os símbolos estão impregnados em nossa rotina, seria inusitado pensar em nossas vidas sem esses objetos, tanto os mais simples, quanto os mais elaborados. Digo símbolos que requerem um pouco mais de atenção para compreendê-

²⁸ FLAMARION, Ciro Flamarion. *Uma introdução à história*. Editora Brasiliense, 1983. pág. 105.

²⁹ Ibidem.

³⁰ Ibidem.

los. Mesmo em um debate com o foco no mitólogo e sua interpretação da mitologia, como faz referência Roland Barthes, em sua obra: *Mitologias*, nos conduz para uma construção de mundo que nos estabelece a seguinte premissa,

“[...] sem dúvida, sentir-se-á facilmente justificado: quaisquer que sejam as suas hesitações, pode estar certo de que a mitologia participa de um construir do mundo; tomando como ponto de partida permanente a constatação de que o homem da sociedade burguesa se encontra, a cada instante, imerso numa falsa Natureza, a mitologia tenta recuperar, sob as inocências da vida relacional mais ingênua, a profunda alienação que essas inocências têm por função camuflar. Esse desvendado de uma alienação é, portanto, um ato político: baseado numa concepção responsável da linguagem, a mitologia postula deste modo a liberdade dessa linguagem. É indubitável que, nesse sentido, a mitologia é uma concordância com o mundo, não tal como ele é, mas tal como pretende sê-lo [...]”³¹.

Se pararmos nesse exato momento e girarmos 360° graus poderemos nos deparar com uma gama ou alguns símbolos. Se fizermos essa atividade com os alunos podemos notar a vasta experiências e múltiplas informações que poderemos obter com esta atividade. Levanto o questionamento neste momento se os alunos que estão em suas escolas, casas, assistindo alguma programação de TV, tendo acesso a diversos conteúdos e os consumindo, e se estão atentos a essas formas de comunicação.

Como foi ressaltado nos parágrafos anteriores, ao fazermos essa atividade em que estamos, podemos verificar alguns símbolos que nos cercam,

“[...] pois o objetivo preciso dos mitos é imobilizar o mundo: é necessário que os mitos surgiram e imitem uma economia universal, que fixou de uma vez por todas a hierarquia das posses. Assim, a cada instante e seja aonde for, o homem é bloqueado pelos mitos; estes reenviam-no ao protótipo imóvel que vive por ele, no seu lugar, que o sufoca como um imenso parasita interno e determina os limites estreitos da sua atividade, onde lhe é permitido sofrer sem modificar o mundo [...] os mitos não são nada mais do que essa solicitação incessante, infatigável, essa exigência insidiosa e inflexível que obriga os homens a se reconhecerem nessa imagem de si próprios, eterna e, no entanto, datada, que um dia se constrói como se fora para todo sempre. Pois a Natureza, na qual foram enclausurados, sob o pretexto de uma

³¹ BARTHES, Roland. *Mitologias*. BCD União de Editoras S.A, 1999. págs.: 175 e 176.

eternização, não é mais do que um Uso. E esse Uso, por maior que seja, é preciso dominá-lo e transformá-lo [...]”³².

Mas, ao adentrarmos no campo político compreendem as simbologias e ideologias que os cercam? Trazendo reflexões sobre esses questionamentos levantados que trazemos a luz neste ensaio que pretendemos fazer essas ligações existentes entre o símbolo e o ser que se apropria dele, compreendendo o sentido e peso que esses ícones ocorrem na vida e a mensagem que está querendo passar, transmitir e informar,

“[...] pode, portanto, não ser oral; pode ser formada por escrita ou por representações: o discurso escrito, assim como a fotografia, o cinema, a reportagem, o esporte, os espetáculos, a publicidade, tudo isso pode servir de suporte a fala mítica. O mito não pode definir-se nem pelo seu objeto, nem pela sua matéria pode ser arbitrariamente dotada de significação [...] a fala mítica é formada por uma matéria já trabalhada em vista de uma comunicação apropriada: todas as matérias-primas do mito, quer sejam representativas quer gráficas, pressupõem uma consciência significativa, e é por isso que se pode raciocinar sobre eles independentemente da sua matéria [...]”³³.

Neste exemplo básico podemos nos estender a outros exemplos que ocorrem em sala de aula, e atividades pedagógicas que seguirão nesta dissertação.

O ensino se constrói no dia a dia da sala de aula e o aluno conhecendo e se reconhecendo como ator de sua história e do seu país, que as ações e as construções do seu cotidiano não foram construídas do dia para noite, mas houve muitos embates históricos e políticos para o seu espaço social ser como é, e será necessário pensar e repensar o que é dado, é dito como natural nesse processo histórico. Orientar os futuros cidadãos se reconhecerem e conhecerem os símbolos que são construídos e já estão presentes no cotidiano e não há uma percepção sobre essa questão é um desafio do meu trabalho acadêmico com os símbolos do integralismo. Nessa experiência com os símbolos, os alunos poderiam no caminhar pelos detalhes da sua cidade e espaço ter a

³²Ibidem.

³³ BARTHES, Roland. *Mitologias*. BCD União de Editoras S.A, 1999. p. 175.

capacidade de reconhecer essas simbologias ao serem indagados sobre seus significados ou questionar os motivos de estarem naquele espaço.

Analisar com este aluno que ao andar por sua cidade, estado e país podemos identificar informações que aparentemente estão no anonimato, mas buscam por conhecimento e diálogo histórico. Esses símbolos e simbologias estão em nossas cidades e geram debates pertinentes como nos faz refletir-, Paulo Knauss (1999, p. 136) -, nos conduziu ao refletirmos sobre cidade e seus amplos conceitos. Destacamos o seu livro: *Cidade vaidosa: imagens urbanas do Rio de Janeiro*, como notamos na seguinte colocação,

“No cotidiano das cidades, os habitantes circulam por ruas, praças, jardins e parques. Essas áreas públicas abrigam objetos urbanos que demarcam o espaço das grandes cidades contemporâneas. Nem sempre o sentido de sua permanência no espaço urbano é compreendido. É assim que os cidadãos convivem cotidianamente com bustos estátuas, esculturas, marcos, monumentos e equipamentos urbanos entre outros[...]”³⁴.

Outra referência para pensarmos a construção da *polis* é Ulpiano T. Bezerra de Meneses³⁵ (1996, p. 146), em seu artigo *Morfologia das cidades brasileiras: introdução ao estudo histórico da iconografia urbana*, - “[...] Historicizá-la e defini-la e explorá-la levantando em conta sua prática e representações pela própria sociedade que a institui e transforma continuamente [...]”³⁶, (1996, p. 147). Esta historicização será necessária e cabal para a estruturação do conhecimento do aluno na caminhada de reconhecimento desses símbolos e suas simbologias, entendendo que é possível dialogar com eles e com os seus interlocutores.

“A cidade é artefato, coisa complexa, fabricada, historicamente produzida. O artefato é um segmento da natureza socialmente apropriado, ao qual se impôs

³⁴ KNAUSS, Paulo. *Cidade vaidosa: imagens urbanas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Editora Sette Letras, 1999.

³⁵ Ulpiano T. Bezerra de Meneses, é professor do Departamento de História da FFLCH-USP e ex-diretor do Museu Paulista e do Museu de Arqueologia e da Etnologia da USP.

³⁶ Revista USP, São Paulo (30): 144-155, Junho/Agosto 1996.

forma e/ou função e/ou sentido. Espaços, estruturas, objetos, equipamentos, arranjos gerais etc., todavia, foram produzidos por forças que não é possível excluir do entendimento: forças econômicas, territoriais, especulativas, políticas, sociais, culturais, em tensão constante num jogo de variáveis que é preciso acompanhar. Em última instância, o artefato é sempre produto e vetor deste campo de forças nas suas configurações dominantes e nas práticas que ele pressupõe.”³⁷

Ao destacar a cidade e os espaços que os alunos andam e as indagações sobre os signos e significados do espaço urbano e os sentidos que essa construção do espaço social causa na vida do transeunte escolar. Destaco neste momento um espaço público que pode ser comum aos moradores do Centro do Rio de Janeiro a Alerj, em uma reportagem do Jornal da Alerj, Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, em destaque, uma coluna insere nesta dissertação, os símbolos internos e externos que criam uma certa dúvida nos mais atentos e questionadores desta cidade construída e que precisamos como professores e alunos dialogar, com o título: *Romanos ou fascistas?* Por Symone Munay, a interpelação sobre os 17 postes de bronze que circundam o Palácio Tiradentes, e os símbolos que estão neles, que acomoda a presença de símbolos do fascismo, o feixe de madeira, envolto com uma machadinha e uma águia no topo. A reportagem coloca em cena a fala do historiador Gilberto Catão que diz, “Feixe é a unidade do povo, sua força. A machada é o propósito, a República. A força do povo e seu poder estão ali representados”.

Em destaque no periódico, “o machado simboliza a maneira como era aplicada a lei à época. Tudo indica que mais tarde, o fascismo viria a se apropriar desse símbolo”. Outro destaque é a construção do prédio que é anterior ao governo de Getúlio Vargas, que assumiu em 1930 e governou o Brasil por 15 anos correspondendo a 1930 até 1945, doravante o prédio é de 1926. Evidenciado também que a ilustração é encontrada frente à escadaria, no piso de pedras portuguesas.

Destacamos mais uma vez, nos deslocamos, fazemos os nossos afazeres, mas a atenção a esses e outros símbolos tornam-se pertinentes se nossos alunos conseguem perceber se os símbolos têm um significado tanto no período romano e no período do governo de Benito Mussolini, e quais diálogos são feitos sobre esse destaque em nossa cidade.

³⁷ Ibidem

Entretanto um outro momento embrionário em sala de aula para o amadurecimento do produto do ProfHistória e como complemento para o aprendizado do docente, a elaboração de alguns símbolos do nosso cotidiano como exemplo, o fascio, a suástica, o símbolo do anarquismo, o sigma, a cruz, redes de televisão, do comunismo, feminismo, judaísmo, islamismo, xintoísmo, budismo, *Wifi*, semáforo, bancos públicos e privados, redes sociais, *gmail* e entre outros símbolos. Com uma fita crepe e em formato de círculo, colado na imagem escolhida de forma aleatória foi colocado na testa dos alunos, onde ao escolher um outro aluno, o aluno que fez a escolha deveria fazer perguntas referentes ao símbolo colado. A atividade tornou-se pertinente no momento que ia avançando com as perguntas, como: qual é o formato do símbolo? Onde encontro esse símbolo? E assim por diante.

A atividade embrionária foi realizada no Colégio Curso Águia com o 3º ano do Ensino Médio e no Centro Educacional São Jorge com o 9º ano do Ensino Fundamental. Nota-se com facilidade o reconhecimento dos símbolos relacionados à extrema-direita relacionados aos conteúdos que estão estudando no momento da elaboração da atividade.

Entendemos com certa nitidez a árdua tarefa de ser professor no Brasil, e das múltiplas realidades que a perpassam ano a ano, e a leitura desse emaranhado de simbologias que adentra as questões políticas, “[...] inicialmente me parece interessante reafirmar que sempre vi a alfabetização de adultos como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador [...]”³⁸. Ressalto e ressaltarei a necessidade de percebermos as ações políticas em alguns símbolos proposto pela análise, como: a suástica, o *fascio* e outros, seja símbolos religiosos, financeiros e comunicação, que estarão representados no produto. E como a educação é cabal para o aprendizado dessas análises, e a questão de poder e política adentram como a peça chave deste estudo.

“Mas se, do ponto de vista crítico, não é possível pensar sequer a educação sem que se pense a questão do poder; se não é possível compreender a educação como uma prática autônoma ou neutra, isto não significa, de modo algum, que a educação sistemática seja uma pura reprodutora da ideologia dominante. As relações entre a educação enquanto subsistema e o sistema maior são relações dinâmicas, contraditórias e não mecânicas. A educação

³⁸ Ibidem.

reproduz a ideologia dominante, é certo, mas não faz apenas isto. Nem mesmo em sociedades altamente modernizadas, com classes dominantes realmente competentes e conscientes do papel da educação, ela é apenas reprodutora da ideologia daquelas classes. As contradições que caracterizam a sociedade como está sendo penetram a intimidade das instituições pedagógicas em que a educação sistemática se está dando e alteram o seu papel ou o seu esforço reprodutor da ideologia dominante [...]"³⁹.

Pensemos também,

“Do ponto de vista crítico, é tão impossível negar a natureza política do processo educativo quanto negar o caráter educativo do ato político. Isto não significa, porém, que a natureza política do processo educativo e o caráter educativo do ato político esgotem a compreensão daquele processo e deste ato. Isto significa ser impossível, de um lado, como já salientei, uma educação neutra, que se diga a serviço da humanidade, dos seres humanos em geral; de outro, uma prática política esvaziada de significação educativa. Neste sentido é que todo partido político é sempre educador e, como tal, sua proposta política vai ganhando carne ou não na relação entre os atos de denunciar e de anunciar. Mas é neste sentido também que, tanto no caso do processo educativo quanto no do ato político, uma das questões fundamentais seja a clareza em torno de a favor de quem e do quê, portanto contra quem e contra o quê, fazemos a educação e de a favor de quem e do quê, portanto contra quem e contra o quê, desenvolvemos a atividade política. Quanto mais ganhamos esta clareza através da prática, tanto mais percebemos a impossibilidade de separar o inseparável: a educação da política. Entendemos então, facilmente, não ser possível pensar, sequer, a educação, sem que se esteja atento à questão do poder [...]"⁴⁰.

Vivenciamos nos quatro últimos anos uma negação e demonização nas salas de aula, nas abordagens políticas em grande destaque; da Escola Sem Partido e referência que professores são doutrinadores e ideológicos por reportarem o cenário político. Nada mais ideológico do que dizer que não é ideológico. Esses símbolos e simbolismos estão em nosso caminhar do dia a dia. Aprender a ler e identificar discursos e símbolos que entrelaçam entre um e outro é fundamental na leitura de mundo deste aluno.

³⁹ PAULO, Freire. *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. Coleção do Nosso Tempo, São Paulo, Editora Cortez, 1989. p. 16.

⁴⁰ *Ibidem*.

Há um estabelecimento nas linguagens integralistas na figura de Plínio Salgado, em notar que seria necessário um outro debate público no alicerçamento de uma nova *polis* e um novo debate público de um novo cidadão integral.

As palavras podem ter diversas associações que no Brasil podem ter um significado, mas que em outros países soam como ofensivo e de outra natureza. O discurso político pode encobrir camadas e visões de Estado que totalmente desconhecemos. Em sua essência, a letra *sigma* (Σ) tem um significado hoje, e no contexto do integralismo outro, o que o *fascio*, significava para um romano do antigo Império Romano e no advento do governo de Mussolini e pôr fim a suástica que existem variedades culturais sobre ela e no contexto da Alemanha nazista. Discursos, símbolos, cores e outros elementos faziam e fazem parte do aparato simbólico que iremos construir no próximo capítulo, todavia, neste ficaremos com as multiplicidades das palavras e suas nuances nos autores apresentados e outros que hão de vir, nessas multiplicidades o autor Danilo Marcondes nos referenda em sua obra: *Iniciação à História da Filosofia – Dos pré-socráticos a Wittgenstein*, a seguinte colocação,

“(...) o sinal é, portanto, toda coisa que, além da impressão que produz em nossos sentidos, faz com que nos venha ao pensamento outra ideia distinta. Assim, por exemplo, quando vemos uma pegada, pensamos que foi a impressão por um animal. Ao ver fumaça, percebemos que embaixo deve haver fogo. Ao ouvir a voz de um ser animado, damos-nos conta do estado de seu ânimo. Quando soa a corneta, os soldados sabem se devem avançar, retirar-se ou fazer alguma outra manobra, exigida pelo combate [...]”⁴¹

Nos alicerçando sobre a reflexão das linguagens e de seus simbolismos podem ser múltiplas e contendo uma variedade de significados e experiências contidas nos símbolos. Construindo uma análise que avança além de um simples acontecimento, mas transmite informações e comunicações que pretendem criar e passar alguns anúncios e análises, sobre a expressão construída do símbolo.

⁴¹ MARCONDES, Danilo. *Iniciação à História da Filosofia – Dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Editora Zahar, Edição 13ª, 2007. Pág. 36.

1.2 – Simbolismo e Interpretação, diálogos sobre símbolos linguísticos

Precisaremos caminhar sobre o caleidoscópio da linguagem integralista, sua forma e sua construção ideológica que chegou até os nossos dias. A linguagem se estende de diversas formas e maneiras, atenção deve ser redobrada e deve levantar os questionamentos necessários, a exemplo: qual é a natureza do integralismo? Quais raízes formam os discursos integralistas? Indagações pertinentes que entrelaçam com argumentos levantados por Tzvetan Todorov em sua obra, *Simbolismo e interpretação*:

“A distinção entre língua e discurso desvenda-se facilmente para qualquer um que reflita sobre a natureza da linguagem. A língua existe em abstração, tendo como elementos de partida um léxico e regras de gramática, e como produto final, as frases. O discurso é uma manifestação concreta da língua e se produz necessariamente num contexto particular, em que entram em conta não somente os elementos linguísticos, mas também as circunstâncias de sua produção: interlocutores, tempo e lugar, relações existentes entre elementos extralinguísticos. Não se trata mais de frases, e sim de frases enunciadas ou, mais resumidamente, de enunciados⁴²”

A natureza construída pelo integralismo tem a sua demonstração no fascismo italiano de Benito Mussolini, “Plínio Salgado, futuro líder dos camisas-verdes, se viu diante de Benito Mussolini, o grande chefe dos fascistas italianos. Com muita empolgação, dizia estar frente a frente com o gênio criador da política do futuro, o profeta do mundo contemporâneo⁴³. A admiração pelo regime de Mussolini, os cenários históricos brasileiros serão fundamentais para as nossas análises e o nosso debruçar sobre esses acontecimentos da história do Brasil. Durante os quinze minutos de euforia da comitiva formada por outros intelectuais brasileiros, que conseguiram um espaço na agenda do líder italiano após intermediações do jornalismo no Ministério do Exterior, Plínio Salgado consolidou sua idealização para a formação do integralismo, o maior movimento de extrema direita da história do Brasil. Salgado e Mussolini estavam face a face em um encontro marcado por elogios mútuos. O italiano recebeu a comitiva brasileira, que deixava explícito o grandioso espetáculo estruturado na Itália. Foi um

⁴² TODOROV, Tzvetan. *Simbolismo e interpretação*. São Paulo, Editora Unesp, 2013, p 11.

⁴³ GONÇALVES, Leandro Pereira e CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. FGV Editora, 2020. p. 09.

momento de cumplicidade e apoio do Duce, que aconselhou o brasileiro a criar um movimento preliminar de ideias, pautando a sociedade em uma nova consciência, para, posteriormente, formar um partido político, “[...] o encontro com Mussolini teve grande importância, pois, a partir dessa aproximação, foi possível consolidar elementos políticos e intelectuais que estavam em formação nas décadas anteriores”⁴⁴. A reflexão sobre a natureza da linguagem e seus atos simbólicos que estão inseridos em gestos e falas contribuem para não passarmos sobre esse fato histórico de maneira superficial, mas entendendo com esse arcabouço simbólico chegou aos corações e mentes de uma parcela da sociedade brasileira, notando que seria a resposta para o momento de transformação política.

Com essa conformação de letramento e conhecimento em muitas áreas da cultura brasileira, tornou-se parte do arcabouço de Plínio Salgado,

“[...]desde jovem, Plínio Salgado sempre se envolveu em atividades jornalísticas, colocando-se na rota intelectual, passando em pouco tempo a circular nos meios daqueles que agitaram o Brasil no movimento modernista. [...] um grupo surgido nos anos 1920, o verde-amarelismo, que Plínio Salgado solidificou elementos para a formação de uma ação política. Encontrou no grupo uma ideia de nacionalismo, assim como no Anta, grupo que representava a radicalização do pensamento, curiosamente denominado por ele como ala esquerda do movimento.”⁴⁵

Soube empregar os elementos da retórica nas circunstâncias da vida, e da população brasileira, os elementos de seus discursos com seus interlocutores no tempo da construção da “nova política” brasileira e na edificação deste “novo homem” brasileiro, em um tempo que as respostas dada a República Oligárquica se desfaziam pela crise de 1929 ocorrida nos Estados Unidos da América, levando a economia pautada no café a ser pensada e revisitada por novas forças políticas que adentravam no cenário brasileiro, construindo um lugar de novas relações políticas, que incluem a

⁴⁴ GONÇALVES, Leandro Pereira e CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. FGV Editora, 2020. págs. 09 e 10.

⁴⁵ Ibidem.

Revolução de 1930 e a Era Vargas (1930-1945). A elevação dos elementos extralinguísticos e símbolos encontrando solo fértil para ocupar o espaço que precisa ser ocupado.

A busca por auxílio na participação de grandes nomes da intelectualidade brasileira nesta nova forma de nacionalismo, a admiração existente do fascismo e as críticas surgidas a época a democracia colocava em xeque a aparência que o modelo político caminhava, entravam no bojo da crítica o liberalismo e o comunismo. E ao olhar para o fascismo, a novidade do momento criava a excitação e as pontes aos redores da política italiana que desenvolvia, “a versão brasileira do Mussolini seria, certamente, o próprio Plínio Salgado, que se autodeterminava gênio, dando aos intelectuais um papel de destaque nesse novo Brasil: “É preciso que nós, intelectuais, tomemos conta do Brasil. Definitivamente. Temos de romper com a tradição medíocre da política. Estamos fartos de vivermos, nós, intelectuais, à sombra dos poderosos. Queremos mandar”⁴⁶. Precisamos colocar em voga a relação de edificação dessas significâncias e dos sentidos variados dessa nova política se erguendo no panorama brasileiro. Nesse processo de alicerçamento as cabeças pensantes são necessárias para a formulação de simbologias e sentidos para agregar números que possam aderir o novo formato de pensamento e estruturação do ideal político integralista. O romper com as ideias e as tradições que não trouxeram para uma verdadeira nação brasileira que de dignidade a sua história e seu verdadeiro povo, leve esse pensamento a milhares de outros brasileiros, que leve esse novo pensar como uma onda verde de esperança e novidades aos cantos do Brasil. A frase final do fragmento é enfática ao colocar luz sobre quem deve ser a verdadeira liderança deste novo cenário político, inserindo pessoas, o tempo e o lugar de ocupação. Plínio Salgado torna claro um pouco do seu propósito, essas palavras capturam o cerne do pensamento invocando-as.

Precisamos compreender o objetivo dos seus símbolos linguísticos ressaltados, e com quem a princípio necessita dialogar, “ora, o significante só existe porque tem um significado, e inversamente [...]”⁴⁷, contudo mesmo tendo o fascismo em sua frente como seta para seguir, abordava o ponto de ser o início, o ponto inicial de tudo, negava a inspiração do fascismo italiano, todavia tinha já os seus pressupostos, no entanto, “o

⁴⁶ GONÇALVES, Leandro Pereira e CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. FGV Editora, 2020. p. 11.

⁴⁷ TODOROV, Tzvetan. *Simbolismo e interpretação*. São Paulo, Editora Unesp, 2013, p 18.

fascismo italiano foi elemento sedutor para o líder integralista, e os militantes sabiam disso. Era justamente a imagem fascista que carregava as multidões para formar as fileiras do integralismo [...]”⁴⁸. Plínio Salgado construía-se e exponha-se como um homem moderno, apto ao dedicar-se na moldura da nova política, mostrando-se necessário para romper com as velhas políticas e as tradições que levavam o país ao atraso. Em seus discursos pontuava e apresentava um autoritarismo, demonstrando antiliberal, antidemocrático, anticomunista tudo no cenário do nacionalismo, na concepção cristã radical e aos moldes do conservadorismo. Esses elementos construíram a liga perfeita e ganharam vozes quando a demonstração do modelo italiano se avolumava cada vez mais, norteando o caminho que o Brasil poderia seguir, “a relação entre Plínio e Mussolini foi mantida nos anos seguintes, principalmente por meios de acordos financeiros entre o governo fascista italiano e o movimento integralista [...]”⁴⁹.

Com o retorno de Plínio Salgado ao Brasil e sua chegada no mês de outubro no ano de 1930, horas que colocariam fim ao governo de Washington Luís e não permitiria que o ganhador das eleições ao cargo da presidência da república – Júlio Prestes – o então momento histórico no Brasil, conhecido como Revolução de 1930 ou Golpe de 1930, daria o cargo de presidente da república a Getúlio Vargas. Salgado dava apoio a Júlio Prestes e colocou em prática um pouco de seu arcabouço teórico e simbólico do integralismo.

“No entanto, seria possível ter o seguinte raciocínio: bastaria conceder a não especificidade da significação – admitir, portanto, que ela é só uma associação entre significante e significado – para em seguida ser autorizada a revirar, num movimento de contraofensiva, tudo o que sabemos da significação no campo do simbolismo; e admitindo a existência de um símbolo não linguístico, ver todo o símbolo à imagem do linguístico. É esse, creio eu, o raciocínio talvez implícito que se encontra na base da recente expansão da “semiótica [...]”⁵⁰

⁴⁸ GONÇALVES, Leandro Pereira e CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. FGV Editora, 2020. p. 11.

⁴⁹ Ibidem.

⁵⁰ TODOROV, Tzvetan. *Simbolismo e interpretação*. São Paulo, Editora Unesp, 2013, p. 18.

Plínio Salgado torna-se a pessoa, a figura e o símbolo ideal do integralismo, trazendo em si a própria natureza do movimento sendo a mente e o coração da ação integralista. Trazendo em seus discursos a performance e o pensamento do símbolo maior da AIB como a mente do movimento.

A linguagem fascista integralista será a língua e a comunicação que atingira aos que se identificarem, a linguagem de quem está inserido em um movimento maior que o próprio indivíduo, que pretende deixar o legado de um país, a herança para as proles de um lutador, que pensou num país maior, que se encontra na tradição e no culto de um passado glorioso que nunca existiu. Contudo seus interlocutores pretendem e acham que encontraram um tempo no passado, um lugar no passado que pode ser projetado no presente que está sendo vivido e que constituirá no futuro. Evocando o exemplo da Itália fascista e o caminho como exemplo, como nos diz o historiador Martin Blinkhorn em seu livro, referenda,

“o fascismo era um sistema “totalitário” que exigia não a conformidade passiva de todos os italianos, mas seu sincero compromisso e participação ativa na empresa heroica da regeneração nacional. O totalitarismo era visto como objetivo concreto que demoraria a ser atingido e como “mito” que, entrementes inspiraria os italianos a seguir em frente. Para os fascistas mais visionários, a dedicação “total” ao fascismo e às suas metas acabaria por produzir não só um novo tipo de regime, mas também uma nova civilização e um novo tipo de humanidade.”⁵¹

A dedicação, o empenho e o doar de tempo por uma luta se constituirá a moldura brasileira para o seu fascismo, o total e o integral do homem idealizado de Salgado se misturam e entrelaçam. Vemos Salgado e suas construções simbólicas ocupando e transformando e desempenhando a metamorfose política, a interligação do significante e do significado em prática, tornando e tomando o norte integralista como o foco ideal para o Estado integralista.

⁵¹ BLINKHORN, Martin. *Mussolini e a Itália Fascista*. Editora Paz e Terra, 2010. Pág. 68.

1.3 – Simbolismo e Interpretações Históricas: sobre o fascismo, nazismo e integralismo

O debate no Brasil atual que estamos travando sobre a democracia e o autoritarismo torna-se cada vez mais latente, principalmente nas ondas de governos que flertam com o autoritarismo que vem avançando nas democracias atuais, vide os casos do Capitólio nos Estados Unidos da América e os ataques na capital do Brasil nos símbolos dos três poderes, assim como tão simbólico se tornou nos Estado Unidos da América.

Se olharmos para os acontecimentos do passado, veremos algumas raízes e sementes que insistem em germinar novamente. Com os adventos da grande expansão do século XIX e a Segunda Revolução Industrial e a busca de novos mercados consumidores, entre eles a África e a Ásia, “[...] nunca a Inglaterra tinha vivido um período de tão grande prosperidade econômica, com sua poderosa industrialização estendo seus benefícios para um número cada vez maior de pessoas. Apesar dos protestos trabalhistas, que insistiam em reivindicar melhores condições de vida de trabalho para os operários, certo é que o país estava envolto numa enorme euforia. Poder-se-ia dizer com orgulho que o mundo europeu viva na mais perfeita paz e tranquilidade e que nunca os negócios capitalistas tinham ido tão bem. Aliás, desde o fim de Napoleão, os europeus não viviam um período tão longo de tranquilidade, perturbada vez por outra notícia vinda de lugares longínquos, como a África, ou pelo envolvimento dos ingleses na guerra da Criméia, entre 1854-1856 [...], apesar desta comparação ser plausível, ainda assim teríamos que levar em consideração o fato de que a Inglaterra, por volta da década de 1890, possuía um domínio territorial maior do que a Roma dos Césares. [...] aproximadamente desde domínio, basta dizer que o império britânico possuía um quarto de toda a superfície da Terra. [...] a ideia de expansão territorial concebida por Roma em nada se assemelha com a expansão capitalista levada a termo pela Inglaterra e por outros europeus”⁵². As nações imperialistas e sua implementação do neocolonialismo, levou o mundo a chamada Primeira Guerra Mundial (1914-1918), “a Primeira Guerra Mundial envolveu vários países, mas

⁵² DE DECCA, Edgar. FERREIRA, Jorge, FILHO, Daniel Aarão e ZENHA, Celeste (org.). *O século XX o tempo das certezas: da formação do capitalismo à primeira grande guerra – volume 01*. Editora Civilização Brasileira, 2009. Págs. 153.

representou, principalmente, o confronto entre quatro potências: França, Inglaterra, Rússia, e por outro lado, e a Alemanha, do outro. Para compreender as razões da eclosão deste primeiro conflito mundial é preciso ter em mente que ele foi uma guerra imperialista, onde as rivalidades políticas expressavam a competição econômicas das potências em conflito”⁵³. Neste cenário parcial temos a eclosão da guerra e com diversos desdobramentos, mas o seu findar deixarão marcas para serem exploradas e como já mencionadas germinarão mais à frente.

Teremos com o fim da guerra um culpado e cairá o ônus desta guerra para Alemanha, o cenário de reconstrução caberá a República de Weimar. A Itália sofrerá com os acordos não cumpridos com o término da guerra, os orgulhos feridos dessas nações são questões pertinentes. O pós-guerra corresponderá um momento de excelência para a economia americana e seu *American way of life* até a crise de 1929. A crise agravará a economia mundial, levando a um cenário pleno e críticas aos governos da democracia liberal, a economia liberal, a lideranças mundiais da época, ao socialismo, a cultura, a forma de vida e seus valores da época, essas colocações foram cabais para as ameaças e a solidificação da autocratização e autoritarismos emergirem e chegarem aos poderes governamentais, “em 1939, as democracias liberais na Europa, sob forma monárquica ou republicana, estavam em baixa [...], fim da independência dos Poderes, com o predomínio do Poder Executivo sobre os outros, restrição das liberdades civis (direito à reunião, à expressão e a manifestação), censura ao meios de comunicação, repressão policial a movimentos sociais [...] entre as ditaduras autoritárias conservadoras, podemos citar Polônia (desde 1926), Portugal (1933), Espanha (1939), Grécia (1936), Hungria (1920). Entre as ditaduras “dinâmicas”, a Itália de Benito Mussolini (1922) e a Alemanha de Adolf Hitler (1933). Ambos os líderes inauguraram um tipo de ditadura de extrema direita que ficou conhecida como o “nazifascista”⁵⁴.

O fascismo e o nazismo tiveram um desenvolvimento pautado no desenvolvimento “do medo das classes médias e da elite diante da possibilidade de uma

⁵³ MOTTA, Márcia Maria Menendes. FERREIRA, Jorge, FILHO, Daniel Aarão e ZENHA, Celeste (org.). *O século XX o tempo das certezas: da formação do capitalismo à primeira grande guerra – volume 01*. Editora Civilização Brasileira, 2009. Págs. 233.

⁵⁴ NAPOLITANO, Marcos. *História Contemporânea 2: dos entreguerras à nova ordem mundial*. Editora Contexto, 2020. p. 19 e 20.

revolução comunista conduzida pelo movimento operário”⁵⁵, e das feridas deixadas ao nacionalismo pelos resultados da Primeira Guerra Mundial.

“Em 1919, a Itália saía vitoriosa da primeira guerra mundial, mas com graves problemas econômicos, políticos e sociais. Eram enormes o déficit estatal, o depauperamento do setor agrícola e a inflação, causada, entre outras coisas, pela dívida externa contraída com os Estados Unidos durante a guerra. A crise econômica, ficaria evidente a partir de 1921, começou a manifestar-se em 1919 com as dificuldades de reconversão industrial, numa situação de paralisia dos investimentos. Além disso, a guerra, ao impor exigências de produção a uma indústria ainda fraca, acentuou as características negativas presentes no setor: elevada concentração monopolista, dependência da demanda estatal e comprometimento com o capital financeiro, aprofundando os contrastes no seio das classes dominantes. Estas já eram sensíveis, devido à herança do passado e às modalidades do desenvolvimento italiano, com a cisão entre um Norte industrial e moderno e um Sul agrícola e atrasado.”⁵⁶

Contudo a ressalva se desenvolve por essas características italianas que nos ajudam a entender este cenário, e busca por reformas,

“(…) sejam quais forem os conceitos empregados: ausência ou atraso da revolução burguesa, ausência de revolução agrária ou de Reforma e, portanto, de ética protestante que encontrasse sua sanção na poupança, o processo de acumulação do capital italiano foi extremamente penoso [...], alguns como Gramsci, insistiram, a respeito sobre a ausência de revolução agrária e, portanto, sobre o caráter dualista da sociedade italiana: um Sul agrário pobre, sujeito à pilhagem de um Norte industrial e conquistador. Daí para Gramsci, a solução revolucionária para os problemas italianos residia na aliança do proletariado industrial do Norte e o campesinato pobre do Sul [...]. Contudo, na época da Primeira Guerra Mundial, o capitalismo italiano não chegara a realizar essa transformação do setor agrário que deveria ter acompanhado o desenvolvimento do capital. Aí estaria um dos elementos principais da crise do pós-guerra: ocupações de terras e, no plano político, surgimento de um partido camponês, bastante próximo do haviam sido os Socialistas Revolucionários na Rússia, o Partido Popular.”⁵⁷

⁵⁵ Ibidem.

⁵⁶ TRENTO, Angelo. *Fascismo italiano*. Série Princípios, nº 95. São Paulo: Editora Ática, 1986. p. 05.

⁵⁷ PARIS, Robert. *As Origens do Fascismo*. Coleção Khronos. Editora Perspectiva, 1972. p. 16-17.

A Itália foi coibida em seus projetos de extensão territorial, a crise entre os anos 1919 e 1920, salientam as greves e o apoderamento das fábricas com destaque o movimento operário na liderança, com viés de esquerda. Mussolini, tornou-se a principal liderança da frente nacionalista, “organizando os *Fasci di Combattimento*, grupos de ex-soldados, desempregados e delinquentes, que se dedicavam a combater as esquerdas e os militantes do movimento operário. Em 1921, a partir dessa lógica de violência política e de mobilização à base de milícias, Mussolini criou o Partido Nacional Fascista”⁵⁸. Os governos do período não souberam tratar com os problemas sociais e nem com o desenvolvimento e o lastrear das raízes do fascismo que ganhavam mais e mais adeptos. O ato da Marcha sobre Roma, no mês de outubro de 1922, fez a fixação de um governo fascista no governo. Com uma retórica apoiada ao nacionalismo, uma grande quantidade de votos parlamentares em 1924, os fascistas administraram e controlaram o Estado italiano, adaptando as instituições e a economia com seus preceitos. O Partido Nacional Fascista, controlava o Estado italiano, “a palavra de ordem de Mussolini era “tudo no Estado, nada fora do Estado”, que foi teorizado por Giovanni Gentili, ministro da Educação, consagrando a expressão “Estado totalitário” como sinônimo de um poder político que procura englobar toda a vida social e individual sob uma mesma ideologia, controlado por um partido único. Mesmo a Igreja Católica, na época muito influente na política e na sociedade italianas, fez acordos fascistas, em nome do combate ao comunismo ateu e ao liberalismo laico. Em 1929, o papa Pio XI elogiou Mussolini, chancelando o Tratado de Latrão, que reconhecia a autonomia política do Vaticano (sob o governo do Papado) e os privilégios da religião católica no Estado italiano”⁵⁹.

Há de se notar os tentáculos do fascismo italiano se estendem em diversos setores e sobre a economia italiana,

⁵⁸ NAPOLITANO, Marcos. *História Contemporânea 2: dos entreguerras à nova ordem mundial*. Editora Contexto, 2020. p. 20.

⁵⁹ Ibidem.

“[...] foi então organizada sob forte planejamento estatal, na forma de uma “autarquia”, regime protecionista visando o fortalecimento da indústria nacional frente à concorrência de outros países. No quadro de crise internacional causada pela quebra da bolsa norte-americana em 1929, essa política deu resultados significativos, tornando a Itália um exemplo de crescimento econômico nacional. Ao mesmo tempo, a Itália fascista começou a se projetar como potência imperialista, sonhando em ser um “novo Império Romano”. Como restavam poucos países independentes na África – continente visto pela ideologia colonialista europeia como atrasado e sem organização política legítima -, Mussolini invadiu e conquistou a Líbia e a Abissínia (Etiópia), [...] o sucesso da política econômica e imperialista de Mussolini, [...] foi nesse momento que o ditador italiano se aproximou de outro ditador, Adolf Hitler. Em 1936, ambos prometeram lutar por uma Europa livre do comunismo, reconhecendo as pretensões territoriais italianas e alemãs. Se Mussolini sonhava em reconstruir o Império Romano tal como havia sido na antiguidade, unindo o norte da África e o sul da Europa sob um mesmo império colonial, Hitler reivindicava para a Alemanha um grande território, que chamou de “espaço vital”, à custa dos povos do Leste Europeu.”⁶⁰

Temos semelhanças sobre a formação do nazismo na Alemanha e o fascismo na Itália. Houve liga em algumas características da população como: “desocupados, ex-soldados e delinquentes, os nazistas se originaram em milícias de extrema direita que defendiam a ordem social contra os comunistas, chamados de *freikorps* (corpos voluntários)”⁶¹. Nos períodos de 1918 até 1933, a Alemanha teve o governo do Partido Social-Democrata, conhecido como República de Weimar. Em 1920, eclodiu o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (Partido Nazista), um partido com viés do ultranacionalismo, racista e da extrema direita. Surfava no discurso da crise de 1929, nas mazelas proporcionadas pela crise, e as humilhações proporcionadas pelo Tratado de Versalhes e as exigências dos países que venceram a guerra, em destaque a França. A Alemanha tinha que compensar as outras nações vitoriosas e foi cobrado o fim das forças armadas, esses critérios contribuíram para fragilizar o orgulho alemão. Ocorreu a tentativa de um golpe de Estado em 1923, que fracassou conduzindo Hitler a prisão, onde organizou seu livro *Mein Kampf* e a sistematização da ideologia nazista.

Difundiu o nacionalismo extremado, o imperialismo (principalmente ao leste europeu), a política de rearmamento da nação alemã, a ideologia racista, e em destaque

⁶⁰ NAPOLITANO, Marcos. *História Contemporânea 2: dos entreguerras à nova ordem mundial*. Editora Contexto, 2020. p. 21.

⁶¹ Ibidem.

a raça superior e pura a alemã – raça ariana –, “[...] a vitória da “raça ariana” se daria com a perseguição, a escravidão ou a eliminação de elementos “inferiores”, sobretudo os judeus, comunidade étnico-religiosa muito grande na Alemanha e na Europa como um todo. Além de serem considerados uma “raça inferior”, os judeus eram acusados de ser traidores da Alemanha, exploradores do trabalho alemão, “internacionalistas” aliados dos capitalistas estrangeiros e dos comunistas. Além de judeus, ciganos, homossexuais, negros e deficientes físicos e mentais foram perseguidos em nome da “superioridade ariana”. Desde então, Hitler fazia a defesa do Estado forte e repressor conduzido por um partido político mobilizador das massas populares, nos moldes do fascismo italiano”⁶².

Nas disputas eleitorais os nazistas começaram timidamente, mas a crise de 1929 afetando drasticamente a Alemanha contribuiu para a mudança, conseguiram bastante votos nas eleições para o parlamento chegando a um número expressivo de parlamentares. A essa altura milhões de desempregados e a situação caótica lançaram a culpa nos liberais e o governo social-democrata pela situação vexaminosa na Alemanha, “as divisões políticas dos liberais democratas e dentro da própria esquerda ajudaram a ascensão do nazismo, [...] a democracia foi derrotada “por dentro”, com a maioria dos cidadãos alemães elegendo um partido que defendia abertamente um Estado totalitário e ditatorial”⁶³. Com essa paisagem os nazistas chegaram ao poder e Hitler chanceler – “primeiro ministro” – da Alemanha, colocou em ação várias leis que deram forma a um Estado policial, alastrando a censura, medo nos adversários. O incêndio do *Reichstag* (Parlamento Alemão), levou a culpa aos comunistas e a promulgação de decretos que acabava com a liberdade de expressão, reunião, imprensa, violação de sigilo e a prisões em nome do Estado alemão e na sua proteção, “por volta de 1935, consolidado no poder, sem adversários internos com capacidade de resistência efetiva, Hitler começou a expandir sua política totalitária. No plano interno, aprofundou a política racista com as Leis de Nuremberg, que instituíam o antissemitismo como política de Estado, proibindo o convívio social, matrimonial e profissional entre judeus e alemães, na busca de

⁶² NAPOLITANO, Marcos. *História Contemporânea 2: dos entreguerras à nova ordem mundial*. Editora Contexto, 2020. p. 22 e 23.

⁶³ Ibidem.

fortalecer uma “raça pura alemã” [...]”⁶⁴. Em relação à indústria alemã, a simpatia fez parte e o apoio a política implementada nazista, com um discurso de recuperação da Alemanha, uma economia e uma indústria forte. O rearmamento gerou empregos na área bélica contribuindo para uma diminuição nos desempregados, com isso contribuía para a volta do orgulho militar e as tradições. Esse solo era fertilizado com as propagandas nazistas e o apontamento dos inimigos.

Evidenciados uma parte desse panorama mundial que estava afetando os governos e as novas ideologias que se espalhavam pelo mundo. O Brasil não está fora desse panorama, nas terras brasileiras, a Crise de 1929 leva a queda da Primeira República (1889-1930), alçando novos atores ao palco político. A Revolução de 1930 possibilita no cargo do executivo Getúlio Vargas.

Assim, quando olhamos para o período histórico brasileiro republicano, chamado de Era Vargas (1930-1945), salientamos a marca para as nossas análises, correspondem aos anos de 1932-1937. Essa marca temporal corresponde ao momento do Governo Provisório (1930-1934) e o Governo Constitucional (1934-1937). Lembraremos que precisaremos construir ramificações na gênese deste segmento político que permeou a política brasileira dando características e lutas para uma população que identificou com os líderes do movimento e a elaboração dos símbolos, dando uma identidade e a razão de pertencimento de uma causa para o que se deve lutar.

O fascismo brasileiro que leva o título de integralismo tem suas origens na década de 1920, em pleno contexto de urbanização e industrialização pautada na principal economia do país, o café. Nesta década marcada também pela Revolta Tenentista de 1922 e a Coluna Preste de 1924. Ocorreu a fundação do Partido Comunista Brasileiro e no contexto da arte a Semana de Arte Moderna de 1922, “a Semana de 22 representou, porém, o grande momento de introdução do futurismo italiano, do expressionismo alemão e de outras correntes de vanguarda artística e literária europeias no Brasil, o que ressalta sua importância [...], os modernistas não defendiam a aplicação pura e simples dessas tendências de origem europeia à realidade brasileira. Na verdade, eles queriam utilizá-las como ferramentas para abrir caminho a um pensamento genuinamente nacional, capaz de mudar a literatura, a arte e a política

⁶⁴ NAPOLITANO, Marcos. *História Contemporânea 2: dos entreguerras à nova ordem mundial*. Editora Contexto, 2020. p. 23 e 24.

brasileira. Entretanto, a maneira de interpretar esse nacionalismo e esse desejo de renovação variou muito. Oswald de Andrade, por exemplo, aderiu à militância de esquerda, enquanto Plínio Salgado, um dos principais modernista, se inclinou para a direita”⁶⁵.

Destacamos nessa jornada o líder do integralismo Plínio Salgado que tem seu nascimento no estado de São Paulo em 1895, ficou conhecido além da política pelo nacionalismo e sua religiosidade. Escrevera em 1926 um romance com o título de *O estrangeiro*, tendo destaque na literatura brasileira. Escreveu outros livros, com destaque, *O esperado* e *O cavaleiro de Itararé*. Na política participou do Partido Republicano Paulista (PRP), elegeu-se em 1927 deputado estadual, mas em 1930 desfilou-se do partido e viajou para a Europa, onde entrou em contato com as ideias que fervilhavam na época, em destaque para a Itália onde conheceu as ideias do fascismo italiano, encantado com as ideias fascista começou a colocar em prática a versão brasileira,

“De volta a São Paulo, tentou ligar-se a uma tendência do tenentismo, colocado no poder pela Revolução de 1930. Ajudou então a organizar a Legião Revolucionária de São Paulo, tendo redigido seu primeiro manifesto. Mas logo entrou em conflito com seu líder, o general Miguel Costa, que defendia posições de esquerda. Afastado da Legião e acreditando que naquele momento o clima político brasileiro estava apto a aceitar suas ideias, fundou a Sociedade de Estudos Políticos em fevereiro de 1932. Dessa Associação, surgiu a Ação Integralista Brasileira (AIB), fundada oficialmente em 7 de outubro de 1932. Nos anos de 1932 e 1933, o integralismo caminhou devagar, organizando sua estrutura, seus rituais e suas forças internas e só em março de 1934 a AIB tomou realmente corpo. Tornou-se uma organização semimilitar, com uma milícia armada e ênfase na obediência dos membros a seus superiores e especialmente ao chefe nacional, Plínio Salgado.”⁶⁶

Em suas raízes integralistas Plínio Salgado construiu uma oposição entre o materialismo e o espiritualismo, queria construir uma vitória sobre o individualismo e para isso deveria ocorrer uma revolução espiritual. Esses alvos se estendiam ao

⁶⁵ BERTONHA, João Fábio. *História em Movimento: Fascismo, nazismo, integralismo*. Editora Ática, 2004. p. 59 e 60.

⁶⁶ *Ibidem*.

capitalismo liberal, ao comunismo. Contrapondo esses aspectos as armas dessa luta eram a defesa do nacionalismo, a ordem, a disciplina, a organização corporativa e a hierárquica, fundando um Estado integral, para a garantia de uma plenitude estatal e a um estado de espiritualidade, gerando uma civilização integralista que se estenderia a diversas partes do mundo, “para implantar o Estado integral. Os camisas-verdes deveriam combater vários inimigos: a democracia burguesa, que permitia o comunismo e abandonava o homem diante da exploração; o capitalismo, que não deveria ser abolido, mas reformado e absorvido no Estado integral eliminando, assim, suas injustiças; o comunismo, seu grande rival, e, no caso da corrente integralista liderada por Gustavo Barroso, o judaísmo. Vencidos esses inimigos, o Estado integral poderia ser implantado e a felicidade reinaria entre os brasileiros. A partir de então, todos passariam a viver numa sociedade forte e solidária, constituída em torno dos ideais nacionais e espirituais”⁶⁷. Outros dois nomes que se destacam nessa construção do fascismo brasileiro são Gustavo Barroso, já referenciado acima e Miguel Reale, ambos com grande destaque no aprofundamento desta ideologia.

Neste apanhado de conhecimento histórico que a dissertação tem como proposta a verificar como os símbolos construídos e difundidos, como podem ser conhecidos e reconhecidos nos nossos dias e o peso dessas ideologias nos dias de hoje. Pretendemos evocar as análises neste momento do historiador Humberto Eco e seu livro, *Fascismo Eterno*. Fomentaremos como esse passado está voltando como algo quente ou requeentado e nos falta denominá-lo e reconhecê-lo.

O fascismo eterno fez parte de uma conferência, organizado pelos departamentos de italiano e de francês da *Columbia University* em 25 de abril de 1995, como celebração da libertação da Europa, foi publicada em 22 de junho de 1995, na *The New York Review of Books* e traduzida para *Rivista de Libri* de julho-agosto no mesmo ano. O autor relembra que em 1942, aos 10 anos de idade tinha ganhado o primeiro prêmio nos *Ludi Juveniles*, para jovens fascistas italianos, com o seguinte tema: “Devemos morrer pela glória de Mussolini e pelo destino imortal da Itália?” Em seu momento de esclarecimento no ano seguinte pode averiguar com mais profundidade o significado do termo “liberdade”. Com o fim da guerra percebeu, “[...] a libertação foi um

⁶⁷ BERTONHA, João Fábio. *História em Movimento: Fascismo, nazismo, integralismo*. Editora Ática, 2004. p. 64.

empreendimento comum de gente das mais diversas bandeiras”⁶⁸, e com múltiplas ideologias.

Nessas construções da ideologia fascista e suas simbologias é válido endossar, “ao contrário do que se pensa comumente o fascismo italiano não tinha uma filosofia própria. O artigo sobre o fascismo assinado por Mussolini para a *Enciclopédia Reccani* foi escrito ou inspirou-se fundamentalmente em Giovanni Gentile, mas refletia uma noção hegeliana tardia do “Estado ético absoluto”, que Mussolini nunca realizou completamente. Mussolini não tinha qualquer filosofia: tinha apenas uma retórica. Começou como ateu militante, para em seguida a concordata com a Igreja e confraternizar com os bispos que benziavam os galhardetes fascistas. Em seus primeiros anos anticlericais, segundo uma lenda plausível, pediu certa vez que Deus o fulminasse ali mesmo para provar que existia. Evidentemente, Deus estava distraído. Nos anos seguintes, em seus discursos, Mussolini citava sempre o nome de Deus e não desdenhava o epíteto “homem da Providência”. Pode-se dizer que o fascismo italiano foi a primeira ditadura de direita que dominou um país europeu e que, em seguida, todos os movimentos análogos encontraram uma espécie de arquétipo comum no regime de Mussolini. O fascismo italiano foi o primeiro a criar uma liturgia militar, um folclore e até mesmo um modo de vestir – conseguindo mais sucesso no exterior que Armani, Benetton ou Versace. Foi somente nos anos 1930 que surgiram movimentos fascistas na Inglaterra, com Mosley, e na Letônia, Estônia, Lituânia, Polônia, Hungria, Romênia, Bulgária, Grécia, Iugoslávia, Espanha, Portugal, Noruega e até na América do Sul, para não falar da Alemanha”⁶⁹. Como em vários momentos da dissertação foi citado sobre essas raízes e tentáculos notamos o espalhar dessa ideologia para diversos cantos do planeta, sabendo se metamorfoseando de acordo com as características de cada local, “[...] o fascismo não era uma ideologia monolítica, mas antes uma colagem de diversas ideias políticas e filosóficas, um alveário de contradições⁷⁰”. E se aprofunda, “[...] o fascismo não tinha bases filosóficas, mas do ponto de vista emocional era firmemente articulado a alguns arquétipos.”⁷¹

⁶⁸ ECO, Umberto. *Fascismo Eterno*. Editora Record, 2021. p. 19.

⁶⁹ Ibidem.

⁷⁰ Ibidem.

⁷¹ Ibidem.

É nessa adaptação e nas diversas características que se torna difícil de identificá-lo em sua multiforme, todavia os aspectos e essências estão ali se metamorfoseando, adaptando-se e se encaixando até a sua revelação,

“(…) tirem do fascismo o imperialismo e teremos Franco ou Salazar; tirem o colonialismo e teremos o fascismo balcânico. Acrescentem ao fascismo italiano um anticapitalismo radical (que nunca fascinou Mussolini) e teremos Ezra Pound. Acrescentem o culto a mitologia celta e o misticismo do Graal (completamente estranho ao fascismo oficial) e teremos um dos mais respeitados gurus fascistas, Julius Evola.”⁷²

Caminhamos na classificação do “Ur-Fascismo”, ou “fascismo eterno”, com os seguintes apontamentos e suas contradições em atuações aos moldes do despotismo e no fanatismo, adentrando nos seguintes pontos como: *culto à tradição*, o tradicionalismo pensamento característico ao pensamento da contrarreforma e em tempos a frente a Revolução Francesa, todavia olham o passado de uma forma áurea e mágica como exemplo de perfeição, a verdade está no passado já revelado, não pode existir um novo saber, só podemos olhar para este passado e tentar entender os acontecimentos históricos daquele momento, daquela época ímpar. Outra colocação do pensamento é o *tradicionalismo que implica a recusa da modernidade*, fascistas e nazistas tinham sua admiração as novas tecnologias, todavia ideias que tentavam levar a uma modernidade que pudesse afligir ou descaracterizar e lavar uma depravação da desconstrução da sociedade vista como certa não era aceita.

O *irracionalismo voltado ao culto da ação pela ação*, existe uma beleza na ação e a realização do ato deve ser feita sem reflexão, as universidades levam a juventude às ideias comunistas, à intelectualidade, o que deve ser feito é culpar a cultura moderna e a inteligência liberal de largar os valores tradicionais que são a base da sociedade. O *desacordo é tradição*, a visão de diversidade é incomodativa, existe o foco do medo da diferença, do que foge do padrão já estipulado pela sociedade, do ideal já caracterizado como certo.

⁷² ECO, Umberto. *Fascismo Eterno*. Editora Record, 2021. p. 43.

A frustração individual ou social é colocada em característica do fascismo histórico, *o apelo às classes médias frustradas*, que foram desvalorizadas pelas crises ocorridas devido a economia, que levou a ebulição de grupos que não pertencem ao seu grupo social, o fascismo terá um discurso ardente a essa camada. Uma *obsessão da conspiração*, de outros olhando para sua riqueza e tentando tomá-la e o grupo privilegiado deve ser único a gozar dos privilégios da sua nação, e todo aquele que não é igual é inimigo, está tentando roubar o seu espaço, tal discurso torna-se um prato cheio para a xenofobia. A miséria e a falta que passam têm um lugar no outro, que tem privilégios que são seus, as outras nações como vivem melhor que nós, mas *os inimigos são, ao mesmo tempo, fortes demais e fracos demais*, não conseguem avaliar a força do inimigo e deve-se ter uma constância na vigilância. Portanto, não há espaço para paz, mas *a vida é uma guerra permanente*, vivem para lutar, o com a presença dos inimigos o apocalipse sempre está próximo e devem lutar para evitar.

A existência do desprezo pelos fracos é a base fundamental do *elitismo*, existente neste seguimento, os elitismos existentes da aristocracia e militarista. Para quem segue as ideias norteadores do fascismo são considerados o melhor povo do mundo, melhores cidadãos. A construção de um herói torna-se peça chave em sua mitologia, *cada um é educado para tornar-se um herói, o Ur-fascista luta até o fim, até a morte*. Essas lutas são transferidas para a *admiração pelas armas, questões sexuais, machismo e admiração por objetos fálicos*, uma base no machismo que adere um viés de menosprezo pelas mulheres e hábitos que fogem de ser um homem verdadeiro, viril, as suas brincadeiras e jogos do dia a dia trazem a mensagem de sua virilidade como jogos de guerra.

Formamos as características do Ur-fascismo, portanto ainda faltam algumas evidências o *populismo qualitativo*, onde está ligado a uma vontade comum e é o líder que tem essa visão de direcionamento, “o povo é, assim, apenas uma ficção teatral”⁷³. O povo acreditando que sempre o líder tem a razão e os outros poderes da política estão sempre tramando com a “divindade” que está na liderança. Por fim a “*novilíngua*”, não deve ter uma linguagem complexa e crítica, a fala do líder é comum e de fácil acesso a todos que o admiram, levando aos que conhecem a verdade a admirar e serem os únicos que estão com os olhos descortinados.

⁷³ ECO, Umberto. *Fascismo Eterno*. Editora Record, 2021. p. 56.

1.4 – Simbolismo e Interpretação: sobre semiótica

Necessitaremos em nossas observações construir o padrão de discurso e símbolos construídos pelo movimento integralista, observar as demonstrações de seus símbolos e discursos no olhar semiótico,

“[...] não são signos do zodiaco, mas signo, linguagem. A semiótica é a ciência geral de todas as linguagens [...] é a tal distração que a aparente dominância da linguagem provoca em nós que a maior parte das vezes, não chegamos a tomar consciência de que o nosso estar-no-mundo, como indivíduos sociais que somos, é mediado por uma rede intrincada e plural de linguagem, isto é, que nos comunicarmos também através da leitura e/ou produção de formas, volumes massas, interações de forças, movimentos; que somos também leitores e/ou produtores de dimensões e direções de linhas cores... Enfim, também nos comunicamos e nos orientamos através de imagens, gráficos, sinais, setas, números, luzes... Através de objetos, sons, musicais, gestos, expressões, cheiro e tato, através do olhar, do sentir e do apalpar. Somos uma espécie animal tão complexa quanto são complexas e plurais as linguagens que nos constituem como seres simbólico, isto é, seres de linguagem [...]”⁷⁴.

Aprofundaremos o tema da semiótica neste ensaio, mas evidenciamos a sua ampla colocação da construção do integralismo e nas ações políticas que a constituem, os significados instituídos pelos seus atores e as mensagens que querem transmitir como essa força chega as massas da população brasileira. Entender e dialogar com este estudo da linguagem torna-se fundamental para verificarmos e evidenciarmos os caminhos políticos que serão traçados pelo integralismo.

Segundo o autor Izidoro Blikstein em sua obra *Semiótica e Totalitarismo* que nos leva a reflexão sobre a semiologia e sua empregabilidade em diversas áreas do conhecimento e no decorrer de nossas vidas, inclusive em objetos simples que nem nos damos conta, exemplifico, como uma roupa, o quanto ela pode ser um advento de um *status* social para um determinado grupo da sociedade pelo seu valor de compra e pelo

⁷⁴ SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica* – Coleção Primeiros Passos, nº 103. Editora Brasiliense, 1983. p. 07 e 10.

status que produz em determinados ambientes onde a marca ou objeto em questão pode proporcionar.

Em *The Simpsons*, na sétima temporada, no episódio 142, com o título: "*Scenes from the Class Struggle in Springfield*" ("Cenas da Luta de Classes em Springfield"), com a direção de Susie Dietter e escrito por Jennifer Crittenden. O episódio em questão mostra as personagens Marge e Lisa em uma loja de departamento de roupas, um momento tranquilo parte do cotidiano das pessoas, contudo avistam um conjunto de *blazer* e saia que chama atenção e de uma marca de grande valor e de um determinado grupo social, mas ao encontrar com uma velha amiga e na ocasião do encontro está com o vestido de destaque ressaltado acima, mas algo começa chamar a atenção das pessoas por estar bem vestida e acaba sendo convidada a ir ao Country Club e levar a família. A ação é feita, todavia indo algumas vezes e com o mesmo vestido são lançadas piadas sobre o ocorrido e num constrangimento tenta refazer um novo vestido.

O quanto o ocorrido não faz parte de nossas vidas, como uma simples marca não nos produz aceitação em meios que não poderíamos entrar ou já somos julgados na porta das lojas por não estar vestido em um determinado padrão aceitável para o ambiente. Uma roupa torna-se um signo que transmite informações sem percebermos. Tanto a pessoas que canaliza, tanto quem veste. Como construímos tantos significados e significantes em um objeto simples, onde podemos ir ao topo da montanha mais alta do planeta tanto ao vale mais profundo existente, ou até mesmo crateras? Como foi evidenciado isso numas simples vestimentas, mas se endossarmos carros, casas, viagens e outros elementos de sofisticação não daríamos conta em debater e o quanto essa sofisticação é restrito a um público pequeno e de grande poder financeiro.

“[...] a roupa – e, certamente, qualquer outro objeto – pode ter, enfim, significados socioculturais que ultrapassam sua função utilitária [...] ao adquirir tais significados, o vestuário, a exemplo de palavras, gestos, sons e imagens, passa a funcionar como uma autêntica ferramenta de comunicação e se transforma em signo. O termo signo – proposto pela Linguística e pela Semiótica – designa qualquer elemento sonoro, visual, olfativo, gustativo ou tátil que se torna portador de significados referentes a objetos, situações, sensações, experiências, enfim, a tudo que envolve nossa vivência no mundo. É evidente que a comunicação seria impossível sem os signos que constituem, destarte, a matéria-prima da Semiótica, a ciência que estuda os signos e seus “parceiros” (sinais, símbolos e índices) que utilizamos na comunicação [...]”⁷⁵

⁷⁵ BLIKSTEIN, Izidoro. *Semiótica e Totalitarismo*. São Paulo, Editora Contexto, 2020, p 10 e 11.

No decorrer do que chamamos de vida temos que levantar a nossa atenção para “o fato é que vivemos “afogados” em signos” [...]”⁷⁶. E eles dão sentido e significados para nossos diálogos cotidianos e caminhos percorridos e não percorridos e nesse emaranhar do sentido procuramos, “o que há por trás dos tipos de discurso, sobretudo o discurso político e corporativo [...]”⁷⁷. Essas falas cotidianas passam despercebidas por muitos, mas encobrem os detalhes que não damos as noções devidas de um local simples e aparentemente natural, o que para o olhar do estudo semiótico não é, essa falsa naturalidade “de casos que afetam diretamente a vida das pessoas”⁷⁸. Seja nos momentos mais simples aos mais complexos. Essa complexidade adentra no “discurso político podem constituir o suporte que justifique toda uma estratégia de dominação totalitária que suprime a liberdade, o diálogo, a diversidade, acentuando as desigualdades sociais [...]”⁷⁹. No contexto político que é o nosso alvo principal “podem ser manipulados para gerar um efeito favorável, ou melhor, uma imagem positiva, ética, transparentemente do consumidor ou da instituição que ele representa [...]”⁸⁰. Esse elevar adentra da figura do líder e suas propostas que são apresentadas ao seu público saudoso da nostalgia de um Estado nunca vivido, de um ideal que percorre no imaginário que outrora de encontro em terras de Morfeu, “para transmitir uma imagem de perfeição e de heroísmo, embora, em seu “avesso”, tal discurso contenha os pressupostos típicos de uma narrativa autoritária, conservadora e discriminatória. O papel da Semiótica é desvendar esse “avesso” [...] a função das ferramentas semióticas foi detectar, por trás do discurso eufórico e vencedor, os dogmas racistas e totalitários alojados na face oculta desse mesmo discurso”⁸¹.

O seguinte objeto análise no campo mais filológico do termo que do grego nos permite endossar as seguintes palavras *semeíon*, “signo”, “sinal”, criam nosso alicerce para verificar mais detalhes do termo em verificação e “tem como objetivo explicar a

⁷⁶ BLIKSTEIN, Izidoro. *Semiótica e Totalitarismo*. São Paulo, Editora Contexto, 2020, p. 12.

⁷⁷ Ibidem.

⁷⁸ Ibidem.

⁷⁹ Ibidem.

⁸⁰ Ibidem.

⁸¹ Ibidem.

criação e o funcionamento dos vários sistemas de signos, sinais e símbolos utilizados por todo e qualquer grupo de indivíduos para a expressão e a comunicação de ideia, sentimentos, emoções, desejos e necessidades”⁸². Em outra indagação que nos permite apurar a utilidade da “Semiótica é fundamental para a nossa sobrevivência física, psíquica e social”⁸³. Nos conduz em nossas atividades mesmo elas que sejam ir ao cinema assistir um filme, em casa uma série, contemplar uma peça teatral, e nesses exemplos dados, ao chegarmos em cada canto pronunciados vamos em algum meio de transporte. Essa locomoção desses meios de transportes ao circularem pelas rodovias, seguem e se orientam por seus signos e a não obediência deles causam problemas sérios ou até o fim da vida. Precisamos “decifrar os significados dos misteriosos e enigmáticos sinais que me rodeavam”⁸⁴.

A política permite a criação desses debates públicos, que em algumas situações saem dos campos das ideias e partem para o físico. Constrói-se o modo que nos identificamos e a nossa própria identificação. Contrapondo o outro, esse outro ser o que está longe, no extremo, afastado, longínquo que precisa ter a oportunidade que o grupo que agora pertence conhecer e participar desta onda. Esta etiqueta será necessária para muitos adquirirem, falar a língua que se espalha e identifica como o grupo em destaque, outrora nesse grupo político o consumo das ideologias e o conhecimento por de trás do que o líder dispõe a nos revelar, é fundamental para o esclarecimento do pertencimento e da sobrevivência da construção de uma identidade essencial para o próprio ser como indivíduo e a causa de uma nação que precisa mudar através dessas novas ideias.

“[...] Recordo portanto que toda a semiologia postula uma relação entre dois termos, um significante e um significado. Relacionando objetos de ordem diferente, não constitui uma igualdade, mas sim uma equivalência. É preciso não esquecer que contrariamente ao que sucede na linguagem comum, que diz simplesmente que o significante exprime o significado, devem-se considerar em todo o sistema semiológico não apenas dois, mas três termos diferentes; pois o que se apreende não é absolutamente um termo, um após o outro, mas a correlação que os une: temos portanto o significante, o significado e o signo, que é o total associativo dos dois primeiros termos. Tomemos um ramo de rosas: faço-o significar a minha paixão. Não existe apenas aqui um significante e um significado, as rosas e a minha paixão?

⁸² BLIKSTEIN, Izidoro. *Semiótica e Totalitarismo*. São Paulo, Editora Contexto, 2020, p. 17.

⁸³ Ibidem.

⁸⁴ Ibidem.

Nem sequer isso: para dizer a verdade, só existe rosas “passionalizadas”. Mas, no plano da análise, estamos perante três termos; pois estas rosas carregadas de paixão deixam-se perfeita e adequadamente decompor em rosas e em paixão: esta e aquelas existiam antes de se juntarem e formarem este terceiro objeto, que é o signo. Do mesmo modo que, no plano da experiência, do vivido, não posso dissociar as rosas da mensagem que transportam, assim no plano da análise não posso confundir as rosas como significante e as rosas como signo: o significante é vazio, o signo pleno é um sentido. Seja ainda uma pedra preta: posso fazê-la significar de diversas maneiras, é um simples significante; mas se a carregar de um significado definitivo (condenação à morte, por exemplo, num voto anônimo) transformar-se-á num signo. Naturalmente, existem, entre o significante, o significado e o signo, implicações funcionais (como a da parte ao todo) e tão estreitas, que a análise pode parecer vã; mas veremos em breve que esta distinção tem uma importância capital para o estudo do mito como esquema semiológico.”⁸⁵

A percepção e a construção dos diálogos políticos nos permitem criar a investigação e tecer os significados dos sinais que se alicerçaram nas falas proferidas da ideologia integralista. Neste cenário que construímos a nossa síntese da Semiótica. Detectando os signos colocados a mesa na demonstração e pronunciamento desta “nova” solução para a política brasileira. Onde os sinais são colocados e passam como naturais o que não são, transmitem desejos, sentimentos, gana de uma opção de poder, na tentativa de ocupação de um cargo em destaque, como uma resposta ao contexto vivido, “a detectar os significados embutidos nos sinais, signos e símbolos, a fim de entendermos o mundo em que vivemos”⁸⁶.

Neste panorama da semiologia, e de seus signos e significados que construímos nossas bases para entendermos os símbolos do integralismo, percebemos a sua relevância deste ensaio principalmente em nosso cenário político atual e nas relações sociais. Onde diversos atentados a escolas, e discursos de ódios pela internet tornaram-se um *tsunami* que o poder ainda está aprendendo a lidar e criar mecanismos e leis para enfrentar estes problemas. Novos discursos de ódio encapam numa tentativa de novidade. Precisamos esclarecer esses novos signos e jogar luz sobre os diálogos desenvolvidos no pretérito, mas que assombram e são acomodados no presente momento sem o peso histórico e a contextualização devida, esses fenômenos sociais de significação precisam e necessitam ser colocados a mesa dos discursos em diversas

⁸⁵ BARTHES, Roland. *Mitologias*. BCD União de Editoras S.A, 1999. P. 134 e 135

⁸⁶ BLIKSTEIN, Izidoro. *Semiótica e Totalitarismo*. São Paulo, Editora Contexto, 2020, p. 23 e 24.

áreas de conhecimento remontando e esclarecendo os significados do passado e no presente, e o peso que teve na história. Precisamos notar que não é, e não deve ser comum colocar uma camiseta com uma suástica e caminhar pelo shopping, nem desenhá-la no portão ou no muro da rua, na mesa da escola, no banheiros, no ônibus e tantos outros lugares, conscientizar, conscientizar e historicizar a aparente normalidade torna-se necessário e evidenciar que ideologias como o fascismo e o nazismo trazem seu peso até os dias de hoje, “[...] o signo visual, a partir do repertório e do contexto sociocultural, pode impregnar-se de conotações culturais, tornando-se símbolos. Nem todo signo é um símbolo, mas todo símbolo foi, na origem, um signo. Temos, então, símbolos religiosos (cruz, estrela de David), símbolos políticos, símbolos corporativos, símbolos esportivos, bandeiras etc. É necessário conhecer a história e as conotações culturais dos símbolos para evitar ruídos de comunicação, como foi o exemplo da suástica hindu e nazista [...]”⁸⁷. E essas marcas ainda não foram sanadas, “na realidade, aquilo que permite ao leitor consumir o mito inocentemente é o fato de ele não ver no mito um sistema semiológico, mas sim um sistema indutivo: onde existe apenas uma equivalência, ele vê uma espécie de processo casual: o significante e o significado mantem, para ele, relações naturais. Pode exprimir-se esta confusão de um outro modo: todo o sistema semiológico é um sistema de valores; ora, o consumidor do mito considera a significação como um sistema de fatos: o mito é lido como um sistema fatural, quando é apenas um sistema semiológico”⁸⁸.

Incluindo um manual para sua prática simbólica os integralistas edificaram um compendio do bom integralista com seus ritos e práticas, a AIB para construir uma disciplina para os seus sócios tinham em seu mundo diversas formas de celebração para os seus participantes e suas proles. Destacaremos alguns desses ícones de forma introdutória, tendo a ciência da importância para perpetuar as suas ideologias, a primeira dela o símbolo do *sigma* (Σ), “símbolo matemático, indica o projeto de um Estado único e integral, e também a soma dos números infinitamente pequenos (analogia com os membros da AIB). É também o nome da Estrela Polar do Hemisfério Sul, numa

⁸⁷ BLIKSTEIN, Izidoro. *Semiótica e Totalitarismo*. São Paulo, Editora Contexto, 2020, p. 114.

⁸⁸ BARTHES, Roland. *Mitologias*. BCD União de Editoras S.A, 1999. págs. 152 e 153.

referência à origem”⁸⁹. Evidenciaremos nesta segunda referência o lema, “Deus, Pátria e Família”. Este lema se encaixava nos princípios norteadores da Doutrina do Sigma: Deus (que dirige o destino dos povos), Pátria (nosso lar) e Família (início e fim de tudo)”⁹⁰. Temos em seguida a saudação dos integralistas, o *Anauê*, “a saudação, de origem tupi, significa “você é meu parente”: era pronunciada com voz natural, quando individual, e com voz clara e decidida, quando coletiva. Plínio Salgado (chefe máximo) era saudado com três anauê.”⁹¹

Em termos de destaque e presença do território que quer habitar temos a bandeira,

“A bandeira da AIB tinha cores azul e branco. O Azul simboliza a atitude integralista: evocando a distância, indica que o movimento não tem limites políticos. O branco sugere pureza de sentimentos e – sendo a mistura de todas as cores – simboliza o objetivo da união integral do país.”⁹²

Um outro ponto de destaque são as vestimentas,

“(...) predominava o verde inglês. Para os homens (Camisas-Verdes), a camisa de brim ou de algodão, de fabricação nacional, a gravata de tecido preto liso, e o gorro verde de duas pontas. As calças eram brancas ou pretas, mas nas zonas rurais a cor cáqui era permitida. As mulheres (Blusas-Verdes) usavam a mesma camisa, e saia preta ou branca.”⁹³

Os casamentos também tinham suas regras,

⁸⁹ AMEAÇA fascista? O integralismo ontem e hoje. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, a. 6, n. 61, 2010. p. 32 e 33.

⁹⁰ *Ibidem*.

⁹¹ AMEAÇA fascista? O integralismo ontem e hoje. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, a. 6, n. 61, 2010. p. 32 e 33.

⁹² *Ibidem*.

⁹³ *Ibidem*.

“(...) nos casamentos integralistas, os noivos deviam se apresentar no ato civil com o traje completo do movimento integralista. Na cerimônia religiosa, os integralistas formavam uma fila de mulheres à direita e de homens à esquerda durante a passagem dos noivos até o altar.”⁹⁴

No contexto de falecimentos o cerimonial corria com requintes integralistas,

“(...) o militante falecido devia ser velado com a presença dos Camisas-Verdes do núcleo, e o caixão era coberto com a bandeira da AIB. No cemitério, com os integralistas alinhados em silêncio, a autoridade dizia: “Integralistas! Vai baixar à sepultura, o corpo do nosso companheiro (nome), transferido para a Milícia do Além.”⁹⁵

A construção de um hino fez parte da vida e prática dos integralistas, “o hino oficial era o “Avante”, com letra de Plínio Salgado. Os integralistas admitiam que ele estivesse um degrau abaixo do Hino Nacional, mas, não tolerando a ideia de um Brasil “deitado”, não cantavam a segunda parte deste último”⁹⁶. Caminhamos para neste momento para o gesto, “era considerado uma expressão do ideal integralista e feito do seguinte modo: o braço direito estendido era erguido bruscamente pela frente até a posição vertical”⁹⁷. Assim como nosso país tem datas comemorativas e suas comemorações os integralistas se destacam por alguns também,

“Na noite de 28 de fevereiro, em comemoração ao 1º Congresso Integralistas de 1934, em todas as sedes da AIB deveriam ocorrer o ato da **Vigília da Nação**. A autoridade presente convidava os participantes a ficarem em silêncio, pedindo a Deus que inspirasse o Chefe Nacional Plínio Salgado e protegesse todos os integralistas.

⁹⁴ Ibidem.

⁹⁵ Ibidem.

⁹⁶ AMEAÇA fascista? O integralismo ontem e hoje. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, a. 6, n. 61, 2010. p. 32 e 33.

⁹⁷ Ibidem.

Em 7 de outubro, dia da publicação do Manifesto de 1932, era celebrada a **Noite dos Tambores Silenciosos**, para lembrar a amargura dos integralistas pela extinção da milícia. Às 21 horas começava a sessão, com o militante mais pobre e humilde sentado na presidência do núcleo, representando Salgado. Enquanto era cantado o hino, era feita a chamada dos mártires da AIB, com juramentos, leituras e sermões. À meia-noite, os integralistas se concentravam durante alguns minutos, antes de fazerem uma oração.

No dia 23 de abril, data do 1º desfile pelas ruas de São Paulo, em 1933, havia comemoração das **Matinas de Abril**. Em uma praça, antes do amanhecer, os militantes ficavam em silêncio com os braços levantados. O som dos clarins acompanhava o nascer do sol, que iria iluminar a “vitória do Sigma.”⁹⁸

Outro destaque nas comemorações de Natal em substituição ao papel Noel é o Vovô Índio,

“personagem amazônico que saíria da floresta para distribuir presentes entre as crianças, impedindo assim a propagação do imperialismo por intermédio do Papai Noel. Sua criação é atribuída a diversos autores, como Monteiro Lobato e Cristovam Camargo, no livro *Fábula do Vovô Índio* (1935). Promovido até por Getúlio Vargas, foi propagandeado pelos integralistas.”⁹⁹

Nesse item e último destaque os *souvenirs*, “diversos *souvenirs* foram criados pelos integralistas para auxiliar na propagação do movimento, de objetos domésticos à doces”¹⁰⁰.

O vasto apanhado do manual do perfeito integralista, notamos de forma sucinta o quanto o cotidiano dos membros da AIB norteava seu mundo e dando sentido a eles para os moldes de uma nova sociedade integralista.

No capítulo seguinte, trataremos com mais afinco alguns símbolos usados pela ideologia integralista, e a propagação em seus círculos de afinidades e membros, e como essa identificação moldava e criava um ideal de pertencimento pela causa e pela

⁹⁸ Ibidem.

⁹⁹ Ibidem.

¹⁰⁰ Ibidem.

mudança do país. Como seus líderes e liderados vestiam a camisa de forma literal para a inserção e dizer que pertence a uma causa e uma luta por um país melhor. Cristão católico e conservador, uma luta diária dos membros do integralismo que envolvia “Deus, pátria e família”.

CAPÍTULO 2: DÁ-ME UM SÍMBOLO, SE NÃO EU MORRO: SIMBOLOGIA E IDENTIDADE INTEGRALISTA

2.1 – Um Exemplo de Símbolo: Uma Experiência Cinematográfica com o Filme A Onda

Pensar sobre os símbolos e suas simbologias no cotidiano requer uma árdua atenção, o cinema pode nos conduzir os diálogos devidos, para a nossa reflexão. A ideia de inserir o filme “A onda”, surgiu da orientação da Banca Examinadora de Qualificação, com grande pertinência veio à mente as inúmeras vezes que utilizei o cinema e sua representação para dialogarmos sobre as propostas devidas dos filmes, e as temáticas sobre o fascismo e o nazismo em sala de aula. O filme poderá ser utilizado no 9º ano do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio, ambas as séries irão abordar a ascensão do Nazifascismo.

Os debates que surgem e os questionamentos são pertinentes nas séries, pois muitos deles sempre tiveram curiosidades sobre os temas, e as leituras e o filme reforçam a construção para o aprendizado do tema proposto em sala de aula. Como professor, faço inferências em devidas partes do filme, em palavras como autocracia, líder, crise econômica, uma causa em comum etc. Os termos referentes e outros abordados pelo filme irão como pesquisas para os alunos, nas aulas posteriores deverão ser corrigidas e verificadas onde no filme são aplicadas e demonstradas.

“(…) Vivências importantes à atualização da escola ainda compreendida como território vocacionado à aventura de invenção do mundo na partilha, desdobramento e manutenção dos patrimônios coletivos constituídos pelas ciências, artes e demais campos disciplinares, hoje *desfronterados* e ampliados como aponta e até exige a aventura da elucidação da vida contemporânea.

Na perspectiva desse aventado *desfronteramento* de saberes, buscamos na arte, especificamente, no cinema, referências para avançar a reflexão sobre as jovens gerações em suas relações com a Educação formal. Nos interessa, então, o que o cinema elucidaria ou ofereceria de pistas, ou mesmo chave de leitura, para a compreensão de aspectos relevantes da formação que caberia à escola realizar. Sob certo ângulo, seria como se

indagássemos também o que fazem, o que propiciam ou implicam, cedo ou tarde, os roteiros, cenários, concepções imagéticas ou imaginais e mesmo imaginárias que são empreendidas nos cotidianos escolares. Que cortes e montagens têm sido interessante realizar tanto nas práticas pedagógicas quanto nas pesquisas realizadas para reajustar, conservar ou ampliar as funções institucionais da Educação.”¹⁰¹

Através do filme criamos pontes com os adolescentes, facilitando o aprendizado pois, muitos são ligados ao mundo de imagens, da cultura visual, onde percebemos uma crise da cultura letrada, o filme nos permitirá verificar e fazer a leitura de muitos símbolos e termos da linguagem autoritária. A escola adentra como o cenário primordial para os debates e embates dessa simbologia.

Como nos leva a pensar Marc Ferro,

“O filme, aqui, não está sendo considerado do ponto de vista semiológico. Também não se trata de estética ou de história do cinema. Ele está sendo observado não como uma obra de arte, mas sim como um produto, uma imagem-objeto, cujas significações não são somente cinematográficas. Ele não vale somente aquilo que testemunha, mas também pela abordagem sócio-histórica que autoriza.”¹⁰²

Neste contexto a tentativa de representar a o que é “real” na condição do filme, nos faz refletir a narrativa histórica pretendida, cabendo a interpretação, a leitura desse passado, tentando entender as problemáticas de sua época e as realidades pretendidas.

As conexões com governos que surgiram e surgem, diálogos feitos por políticos e suas comparações são levantadas pelas turmas. Os termos citados pelo filme devem nos levar a um sinal de atenção para compreendermos como governos autoritários e seus discursos se estabelecem, e não compreendemos como chegou ao poder central. Precisamos compreender com mais limpidez as práticas autoritárias e suas simbologias

¹⁰¹ BERINO, A. de P., & VICTORIO FILHO, A. (2017). Conversas com Jovens e Escolas que Passam pelos Filmes e por Nossas Vidas. *Educação & Realidade*, 42(2). Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/64320>

¹⁰² FERRO, Marc. *Cinema e História*. São Paulo: Paz e Terra, 2010, p. 87.

que flertam com o fascismo e o nazismo, e que nos dias atuais passam com normalidade. Em ressalva, o caso do ex-secretário da cultura do governo Jair Bolsonaro, o ator e diretor Roberto Alvim e seu discurso sobre a cultura que levava a semelhança do ministro de Hitler, Goebbels. A estética e a fala levava a uma simbiose nazista.

“Olá, meus amigos, eu sou Roberto Alvim, secretário Especial da Cultura do governo do presidente Jair Bolsonaro. Eu venho falar a vocês sobre um assunto muito importante. Quando eu assumi esse cargo em novembro de 2019, o presidente me fez um pedido. Ele pediu que eu faça uma Cultura que não destrua, mas que salve a nossa juventude.

A cultura é a base da Pátria. Quando a Cultura adocece, o povo adocece junto. É por isso que queremos uma Cultura dinâmica e, ao mesmo tempo, enraizada na nobreza de mitos fundantes. A pátria, a família, a coragem do povo e a sua profunda ligação com Deus, amparam nossas ações na criação de políticas públicas. As virtudes da fé, da lealdade, do autossacrifício e da luta contra o mal serão alçadas ao território sagrado das obras de Arte.

Nossos valores culturais também conferem grande importância à harmonia dos brasileiros com sua terra e sua natureza, assim como enfatizam a elevação da nação e do povo acima de mesquinhos interesses particulares. A Cultura não pode ficar alheia às imensas transformações intelectuais e políticas que estamos vivendo.

A arte brasileira da próxima década será heroica e será nacional; será dotada de grande capacidade de envolvimento emocional, e será igualmente imperativa, posto que profundamente vinculada às aspirações urgentes do nosso povo – ou então não será nada.

Ao país a que servimos, só interessa uma Arte que cria a sua própria qualidade a partir da nacionalidade plena, que tem significado constitutivo para o povo para o qual é criada. Portanto, almejamos uma nova Arte nacional, capaz de encarnar simbolicamente os anseios desta imensa maioria da população brasileira, com artistas dotados de sensibilidade e formação intelectual, capazes de olhar fundo e perceber os movimentos que brotam do coração do Brasil, transformando-os em poderosas formas estéticas. São essas formas estéticas, geradas por uma Arte nacional que agora começará a se desenhar, que terão o poder de nos conferir, a todos, energia e impulso para avançarmos na direção da construção de uma nova e pujante civilização brasileira.”¹⁰³

O secretário Alvim ao anunciar o Prêmio Nacional de Arte, usou um discurso e uma estética que fez lembrar Goebbels na época do nazismo alemão ao fazer menção arte idealizada que pretendia o governo nazista. No livro *Goebbels: a Biography*, de Peter Longerich destaca a fala do líder nazista diz: “A arte alemã da próxima década

¹⁰³ Jornal o Globo, Referência ao nazista Goebbels derruba secretário da Cultura de Bolsonaro. <https://www.youtube.com/watch?v=61-99HUGbAs>

será heroica, será ferreamente românica, será objetiva e livre de sentimentalismo, será nacional com grande *pathós* e igualmente imperativa e vinculante, ou então não será nada”. O secretário causou espanto e preocupação e em sua defesa diz: “que não se tratou de uma ‘coincidência retórica’. Ocorreu o pedido do presidente da Câmara Rodrigo Maia, o afastamento do secretário.

Podemos constatar nesse discurso recheado de palavras simbólicas que pretende resgatar um passado heróico que nunca existiu e uma religiosidade temente a Deus dando um ar de sacralidade.

Podemos destacar as motociatas ocorridas no governo Bolsonaro que se assemelhava com a do governo fascista de Mussolini. Cito esses exemplos que irão ser ressaltados com mais veemência na dissertação. Precisamos entender o comportamento e a postura fascista que dialogam com o fascismo.

O autoritarismo e suas simbologias e símbolos deixaram marcas que resistem até os dias de hoje, posicionamentos políticos antidemocráticos que minam a democracia e deixam cicatrizes que se tornam difíceis de superar. Mas o olhar histórico nos permite retomar esse passado e tentarmos identificar esses momentos históricos. Essas experiências históricas voltadas ao fascismo alemão, brasileiro e italiano, através de seus líderes e o culto voltado a personalidade de cada um deles, e os projetos pretendidos de governança, mas os símbolos e falas construídos por cada um deles ecoam e aparecem de forma sucinta e alguns momentos gritantes, como os exemplos inferidos por governos que flertam com o autoritarismo e sua simbologia ainda viva em nossos dias.

Iremos perceber as experiências políticas pelo fascismo e autoritarismo na análise do filme “A onda”, onde aborda ações semelhantes aos fascismos, nos permitindo uma leitura de mundo, permitindo analisarmos seus signos.

Dialogares com o artigo de autoria de Danilo Linard¹⁰⁴, com o seguinte título, “*O fascínio do fascismo e as seduções do autoritarismo nos filmes “A Onda” (2008) e “Detenção” (2010)*”. Destacaremos somente o primeiro filme, onde foi utilizado algumas vezes em sala de aula.

¹⁰⁴ Doutorando em História Social pelo PPGH da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Mestre em História pelo PPGH da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: danilo.linard@bol.com.br.

Com o título em Língua Portuguesa, “A onda” (*Die Welle*, 2008), de Dennis Gansel, o filme de origem alemã, com duração de 107 minutos e é do gênero drama. Tem como premissa uma escola alemã e uma semana de escolhas dos próprios alunos entre dois temas bem pertinentes como, anarquia e autocracia. Dois professores vão aplicar os debates, o docente Rainer Wenger (Jürgen Vogel) aplicará as aulas sobre autocracia, mesmo não gostando da escolha e preferindo anarquia. O docente Dieter Wieland (Hubert Mulzer) caberá desenvolver o desejado tema entre os dois professores sobre anarquia. Vale ressaltar que o filme de 2008 não é a primeira experiência cinematográfica:

“O filme “A Onda” (*Die Welle*) é uma produção alemã de 2008, um *remake* de uma adaptação americana homônima, feita para TV em 1980. Ambas versões são uma releitura de um experimento social realizado, em 1967, na *Cubberly High School*, situada na cidade americana de Palo Alto, Califórnia, conduzido pelo professor Ron Jones (1941). Ao trabalhar em sala conteúdos relacionados ao Nazismo e o Holocausto na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), este professor decidiu formar, com seus alunos, um grupo/movimento denominado “Third Wave” (A Terceira Onda), visando mostrar como ocorre a aceitação/constituição de um grupo autoritário/fascista e seu perigo potencial.”¹⁰⁵

Contudo, podemos verificar que o embate entre os temas e os professores outrora resolvido, irá ser condicionado entre os próprios alunos, vide a grande parcela da turma não demonstrar algum interesse sobre o tema escolhido e proposto pelo professor, Rainer Wenger (Jürgen Vogel).

Destacamos nesse momento, o ambiente escolar que contempla uma diversidade de alunos com um padrão econômico diverso. Os alunos têm uma ampla atividade escolar, onde destaca-se o teatro e o polo aquático. Esses alunos gozam de uma liberdade bem ampla, demonstram suas críticas ao sistema capitalista e futilidade de seu cotidiano. Pertinente destacar a conversa em um bar entre dois alunos, que verificam a

¹⁰⁵ Revista Expedições, Morrinhos/GO, v. 8, n. 2, mai./ago. 2017 – ISSN 2179-6386. p. 198.

falta de objetivo comum entre a sociedade que vivem e a procura nas redes sociais de símbolos efêmeros.

O filme nos fará acompanhar o desenvolvimento dos temas propostos entre os professores e verificaremos a vida de alguns personagens. Destaque para segunda-feira, onde boa parcela dos alunos escolhem o tema autocracia, como já mencionado nos parágrafos anteriores. O professor ao escrever no quadro *autokratie* – autocracia – questiona os alunos e se depara com o desprezo sobre o tema o que lhe chama a atenção. Questiona o significado, o que seria um governo autocrático? Respostas diversas, mas demonstram a falta de conhecimento mais profundo sobre o tema.

Nesta tempestade de respostas escuta o termo ditadura, o que faz o professor inserir na abordagem. As respostas continuam, e ouve-se da aluna “Karo”, “quando um indivíduo ou um grupo domina as massas”, (A ONDA, 00:12:16 min). As abordagens e as explicações do professor aprofundam e dão solidez ao tema. O termo que tem origem grega, que significa autogoverno diz o professor Wenger. No contínuo de sua abordagem explica o termo para os alunos, *auto* = próprio e *kratie* = poder, verifica como essa autogestão focada no líder tinha o poder para modificar leis.

Ao serem indagados sobre um exemplo, a insatisfação continua, mas o exemplo aparece na figura do III Reich. Surgem reclamações que falar sobre o governo nazista é desnecessário. A frase de um dos alunos chama atenção do professor, “o nazismo é uma droga, e todo mundo sabe disso! ” Afirmações que o nazismo não irá se repetir, mas outra colocação sobre a existência de neonazistas. O debate aquece e é colocado sobre o sentimento de culpa, e principalmente se sentir assim por ter algo que não fez. Mas uma colocação pertinente que não é culpa que deve-se carregar, mas a responsabilidade histórica.

O surgimento do debate mostra a multiplicidade das chagas e preconceitos velados por alguns alunos, mescla a diversidade étnica e as marcas ainda existentes da Alemanha dividida no período da Guerra Fria. Surge a ideia de mudar de tema, mas o professor percebeu que o tema poderia ser de grande relevância.

A colocação surge do professor, “uma outra ditadura seria impossível na Alemanha? ”. Como resposta “De jeito nenhum estamos além disso”. Esse cenário permite ao professor Wenger uma nova abordagem e uma nova construção sobre a impossibilidade de uma nova forma autocrática de governo.

É de grande serventia evidenciar o nome de alguns alunos e suas características, “os personagens que representam alguns dos seus alunos (a)s: “Tim”, um jovem solitário e problemático; “Marco”, atleta, popular na turma, e sua namorada “Karo”; “Sinan”, um imigrante turco; “Bomber”, um *bully* que passa a fazer parte do movimento; “Kevin”, filho mimado de pais ricos; “Mona”, (que junto com Karo, irá se opor ao movimento). Há, também, o personagem “Faust”, que não é aluno de Wenger, representando um punk adepto do anarquismo, os anarquistas sendo, no caso inimigo “simbólico” dos membros da turma e do movimento em sua formação”¹⁰⁶. Constrói-se o cenário fundamental do filme e os embates que surgirão a partir das informações inseridas, sobre alguns personagens.

Ao retomarem a sala de aula se deparam com alguns critérios, os locais e as disposições das mesas foram alteradas, começam a debater os critérios de um sistema autocrático, surgem as inferências como: ideologia, controle, vigilância, mas ao retrucar o professor diz que estão se adiantando, surge a colocação *Führer* (líder). Com a ideia de trazer a figura do líder para sala de aula e a escolha é feita, o próprio professor Wenger.

A aplicação da ideia começa a se desenvolver, principalmente com a questão do respeito ao líder e ao se dirigir ao professor o termo senhor deve ser aplicado, ao falar deverá levantar-se, e ilustrar ao colocar em prática as ordens e sensações de sentir-se melhor. As posturas começam a ser corrigidas, é feito o pedido para ficar em pé e os que se recusam são expulsos de sala.

O questionamento sobre o que é ditadura surge, a resposta segue, disciplina, “disciplina é poder”, diz o senhor Wenger (A ONDA, 00:18:31 min). Quais condições sociais favorecem uma ditadura? As seguintes respostas, injustiça, muito desemprego, inflação alta, insatisfação política e nacionalismo extremo. Inferências que cerceiam as construções sobre características de um governo autocrático.

Na terça-feira, o professor começa a fazer exercícios com os alunos, e começam a marchar, com a intenção de tornar-se uma unidade, forçando o poder da união, ao

¹⁰⁶ Revista Expedições, Morrinhos/GO, v. 8, n. 2, mai./ago. 2017 – ISSN 2179-6386. *O Fascínio do Fascismo e as Seduções do Autoritarismo nos Filmes “A Onda” (2008) e “Detenção (2010) por Danilo Linard.*

<https://web.archive.org/web/20180416234347id/http://www.revista.ueg.br/index.php/revista_geth/article/viewFile/5013/4592> Acesso em 11/12/2023. p. 199.

dizer que a atividades deles de marcharem está incomodando a outra turma, na sala de baixo, e eleva o grau de satisfação e os coloca como inimigos.

A construção em sala refere-se “a união é poder”, e faz a menção de novas duplas sentadas juntas para acabar com os grupos, e faz a colocação de serem juntos, serem mais fortes, posicionou os alunos com notas fracas, com aqueles que tem notas melhores para ajudar o outro.

A abordagem sobre a união continua, e a interpelação sobre quais são os sinais de união? Espírito de equipe, as roupas demonstram um sinal visual, destacam-se os alunos a usarem camisas brancas, levando a caracterização de uniformes.

Uma das alunas suplementa que “os uniformes eliminam as diferenças sociais”, (A ONDA, 00:33:36 min). Mais uma colocação surge, todos os participantes que utilizaram os uniformes, irão usar jeans e camisas brancas como já destacado acima.

Na quarta-feira é o dia de irem de camisa branca, ao chegar em sala a aluna Karo depara-se com todos de branco e os olhares por ela está diferente são constantes. Levanta-se a questão de o grupo ter um nome, e a escolha é feita, chamará “a onda”, a partir deste momento inicia-se uma coletividade entre os alunos em prol do novo grupo.

Com a frase “ação é poder”, o sr. Wenger pede para todos de forma criativa criar e ajudar a sustentação da “onda”. Nos bastidores de suas vidas fora da escola, os alunos não perceberam o quanto aquelas ações abordadas começam a modificar suas vidas, assim como o discurso de unidade. Em (A ONDA, 00:49:26 min), é apresentado o símbolo, Kevin fez para o grupo adesivos que serão espalhados por toda a cidade.

Notório perceber como os símbolos da onda são colocados sobre os outros símbolos comuns da sociedade, como exemplos: marcas de cartão de crédito, alimentos, restaurantes, marcas de carros, da cruz de Cristo, carro da polícia, antena de televisão, o símbolo do anarquismo, como uma onda o símbolo se espalha por toda cidade. Os alunos têm a ideia de grafitar o símbolo na torre da prefeitura, e conseguem.

Na quinta-feira, surge o insight da saudação, com a mão direita fazer o movimento da onda. Os incidentes fora dos domínios da escola demonstram que a “a onda” não agrada a todos, o grupo de anarquistas atacam um grupo da onda enquanto um dos alunos saca uma arma.

O aluno Tim começa a proteger o professor Wenger, expondo sua dificuldade familiar, percebe-se que “a onda” começa a representar a união que falta nos alunos e

seus laços familiares. “A onda” torna-se um porto seguro para muitos alunos, contudo faz um manifesto contra “a onda”, alertando do perigo.

Na sexta-feira, o professor Wenger é surpreendido com o aluno Tim que não foi para casa e dormiu no quintal de sua casa e a notícia do jornal com o símbolo do movimento. Como atividade o professor Wenger pede para contar as experiências dos alunos com “a onda” de forma escrita. No dia do jogo de polo aquático, mostra como o partidarismo da onda toma conta dos alunos, impedindo alguns de ocuparem o local se não estivessem usando a camisa branca. Com o desenvolvimento do jogo, ocorre uma manifestação na torcida pedindo o fim da “onda”, e na piscina, ocorre uma briga na arquibancada outro tumulto com briga. Essas ações colocam em xeque a existência da “onda” e o que elas fazem com as atitudes dos alunos em sala de aula e fora dela. Com a perda de controle, o professor Wenger procura encerrar as ações da “onda”, marcando um encontro com todos os integrantes e simpatizantes.

No sábado, os membros e simpatizantes, tomam os seus lugares no auditório. O professor começa a ler os relatos dos alunos e o que sentiram ao participar da “onda”. Os relatos prosseguem, “a onda nos tornou iguais”, raça, religião e classe social não importam mais” o pertencimento a um movimento, a onda deu significado a nossas vidas, ideias para o qual lutar pelos outros.

O professor ressalta que a “onda” não deveria acabar, desta maneira os aplausos acompanham, enquanto Marco o questiona e outros pedem que permaneça quieto. Com o discurso contra a política, o sistema financeiro e a desigualdade criam um entusiasmo na claque e Marco mais uma vez os questiona e fala de manipulação que estão sofrendo. Marco, diz que a “onda” é o “verdadeiro problema”, onde o professor retruca que “a onda é a solução”, e que a união deles tudo poderá ser feita, ressalta o professor Wenger diz “reescrever a história”, mais destaque no discurso que “a onda irá para toda Alemanha”, cercado de mais aplausos.

O professor Wenger pede para que o traidor Marco seja levado à frente do palco. O professor pergunta: “o que deverá ser feito com o traidor?” E pede a um dos alunos a decisão do que fazer com o traidor, a resposta dos alunos, é por que o senhor mandou.

O professor começa o seu processo de esclarecimento que aquelas atitudes são restritamente atitudes ditatoriais, e interpela o auditório sobre a questão levantada duramente a semana, “se era possível uma ditadura na Alemanha?” E endossa que o

que ocorria na Alemanha era fascismo, os alemães acharam que eram especiais, superior aos outros, excluíram quem não concordava com a ideologia vigente. Um dos alunos contradiz, “nem tudo da onda é ruim” (A ONDA, 01:35:37 min). Onde o professor destaca que essas questões não se corrigem, “assim, nas origens, tanto do fascismo (Itália) como do nazismo (Alemanha) encontra-se os mesmos elementos: um regime democrático instável, ineficaz e sem autoridade; poderosos partidos de esquerda, especialmente o comunista; grupos que realizam plenamente a destruição da razão, através de um nacionalismo hipertrofiado, que se esteia sobre glórias do passado remoto; desenvolvimento de uma grave crise econômica; e cristalização, na pessoa de um chefe (Duce/Führer) dos sentimentos nacionais e pessoais”¹⁰⁷. Se fomos constatar essa análise no Brasil temos o integralismo que flerta e caminha com as ideias fascistas, tendo a liderança como mencionada de Plínio Salgado, na construção do integralismo, construindo a visão “que a AIB é a salvação da pátria desprevenida, frente os ataques do comunismo”¹⁰⁸. Mas Salgado em entrevistas tentava se distinguir dos outros movimentos totalitários, “Plínio Salgado justificou, também para os não integralistas, que o Integralismo era diferente do “Hitlerismo” e do “Fascismo”, baseado na própria Constituição brasileira”¹⁰⁹. Deixando em evidencia o seu distanciamento aos regimes em destaque, mas a essência e as ações demonstravam o contrário.

¹⁰⁷ JR, João Ribeiro. *O que é nazismo*. Coleção Primeiros Passos, n° 180. Editora Brasiliense, 1987. p. 09.

¹⁰⁸ BULHÕES, Tatiana da Silva. *Integralismo em foco: imagens e propaganda da política*. Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2012. p. 109.

¹⁰⁹ Entrevista transcrita no jornal *A ofensiva*, 20/07/1935, p. 10.

2.2 – Exemplificações Simbólicas: O Integralismo e Seus Símbolos em Destaque

2.2.1 – A Bandeira Integralista

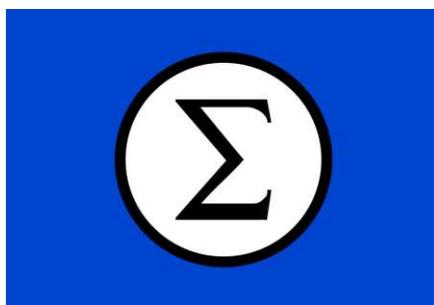


Imagem 01- Bandeira do Integralismo¹¹⁰

Em nossa dissertação verificaremos o símbolo bandeira e sua representatividade para o integralismo. A bandeira é um símbolo visual que busca representar um Estado, uma nação, uma instituição, uma região, uma organização da sociedade nos campos recreativos, esportivos e políticos. A representatividade das bandeiras nos conduz a diversas emoções, sejam em momentos de cerimoniais de hastear uma bandeira ou em momento de convulsão social quando são queimadas. As bandeiras são colocadas em evidências em momentos de destaques mundiais, a exemplo das Olimpíadas, em seu momento de abertura e encerramento, um atleta é escolhido para levar a bandeira do país, conduzindo a delegação. Podemos ressaltar também a Copa do Mundo. Em outros momentos, em luto oficial de uma nação a bandeira é colocada em meio mastro por alguns dias em referência ao luto a personalidade que levou a nação ao luto, em sua memória. Não pretendemos fazer uma história das bandeiras, chamada de vexilologia, mas evocar o seu poder simbólico e seu simbolismo exercido sobre a população de determinado país.

Nesse breve destaque sobre as bandeiras seus simbolismos e suas simbologias, evidenciaremos algumas bandeiras do Brasil. Em primeiro, a bandeira do Brasil

¹¹⁰https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Flag_of_A%C3%A7%C3%A3o_Integralista_Brasileira_original_version.svg

Monárquico, correspondente ao período de 1822 até 1889. A bandeira do império brasileiro foi instituída por um decreto do dia 18 de setembro de 1822, sua idealização coube a José Bonifácio de Andrada e Silva e desenhada pelo francês Jean-Baptiste Debret. As cores verde e amarelo foram alçados como cores do império, o verde afigura a Casa de Bragança, fazendo parte da família de D. Pedro, a cor amarela configura à Casa de Habsburgo-Lorena, inserindo-se na família de D. Leopoldina, a então esposa de D. Pedro I. Contém a representação de dezenove estrelas em representação as províncias brasileiras, destaques o ramo de café, à esquerda, e o tabaco, à direita, em representação produtos de grande valor no momento em destaque, ressalta a antropóloga Lilia Schwarcz:

“(…) Diferentemente do que contam os nossos manuais cívicos, as cores da nossa bandeira [atual] nada tinham a ver, originalmente, com floresta, ouro ou céu do Brasil. Aqui temos, na verdade, um exemplo de redefinição cultural: elementos tradicionais do armorial [das armas] e dos brasões europeus passam a representar uma nova realidade física, destituídos de seu significado anterior. Isto é, como hoje em dia não podemos dizer que as cores de nossa bandeira são uma homenagem às casas reais, mudamos não o seu desenho ou colorido: apenas o seu significado.”¹¹¹

Presenciamos neste momento que há de passar a construção do símbolo e a sua readaptação com o tempo e as transformações históricas, mas evidenciaremos um outro momento histórico brasileiro e alternância de simbologia com o mesmo objeto de análise proposto, a bandeira nacional brasileira, contudo o momento histórico é a Proclamação da República de 1889. Mas com a República proclamada no dia 15 de novembro, necessário tornou-se a erguer os alicerces dos seus símbolos, como reforçar esse novo momento histórico brasileiro, como organizar os novos símbolos e simbologias, aliás como construí-los? A república brasileira deveria formular novos rituais, símbolos e imagens para a sua legitimidade perante a sociedade brasileira, neste novo regime político.

As construções desses novos símbolos deveriam mostrar a diferença existente entre a monarquia e a república, trazendo sustento para esse novo momento brasileiro.

¹¹¹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *De olho em D. Pedro II e seu reino tropical*. São Paulo: Claro Enigma, 2009. p. 15.

Destaquemos o historiador José Murilo de Carvalho que nos conduz a essa reflexão em seu livro, “*A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*”, ressalta os símbolos republicanos em sua construção:

“O primeiro símbolo a distinguir completamente a República da Monarquia foi Tiradentes, eleito como herói cívico a ser cultuado pelos republicanos (...). Assim, o dia 21 de abril, data de sua morte, foi considerado feriado nacional, junto com o 15 de novembro, dia da proclamação da República. (...) A República foi proclamada, mas não havia uma bandeira para representá-la. Alguns clubes republicanos chegaram a criar uma, copiando a dos Estados Unidos: listras horizontais verdes e amarelas e, à esquerda na parte de cima, um quadrado de fundo azul com estrelas brancas. Mas quem criou a nova bandeira foi Teixeira Mendes, um artista positivista. A bandeira do Império tinha o fundo verde, o losango amarelo e a esfera azul, como a atual. O verde representava a casa de Bragança, dinastia de D. Pedro I, enquanto o amarelo, a Casa de Habsburgo, dinastia de D. Leopoldina. Dentro da esfera azul estavam os emblemas imperiais: a cruz, a esfera armilar, a coroa e os ramos de café e tabaco. Teixeira Mendes, no lugar dos emblemas imperiais, desenhou estrelas e colocou uma faixa branca com os dizeres “Ordem e Progresso”, um lema positivista. Mantendo símbolos da Monarquia com inovações republicanas, os positivistas disseram querer dar continuidade entre o passado e o futuro.

Outro símbolo pertencente à tradição da Monarquia que continuou presente foi o Hino Nacional. (...) O novo governo abriu um concurso para escolher o novo hino.

Ocorre que o Hino Nacional na época do Império — o mesmo de hoje — era muito popular. Como, então, deixar de reconhecer um símbolo cultuado pela população? Assim, manteve-se a música de Francisco Manuel da Silva, mas uma nova letra foi composta por Osório Duque Estrada. O concurso, desse modo, elegeu o Hino da Proclamação da República (“Liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós...”). Se no caso da bandeira a vitória foi dos positivistas, no caso do Hino a vitória foi da população.

O último caso refere-se ao fracasso na criação de um símbolo republicano: a imagem da mulher como símbolo republicano. Recorrendo ao caso francês em que a República é representada por um símbolo feminino, Marianne, os republicanos brasileiros tentaram fazer o mesmo no Brasil. (...) Mas (...) tratou-se de um símbolo importado que, sem referências históricas, não foi reconhecido pela sociedade brasileira.”¹¹²

Nota-se, com inferências em destaque, o quanto a construção de símbolos e suas simbologias são essências para a identidade de determinados movimentos, seja da esfera política ou do cotidiano, mas a bandeira dos integralistas e o sigma, os símbolos

¹¹² CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

impressos servirão de propagação de um movimento se espalhando como uma onda em cada canto do Brasil, ressaltando o paralelo com o filme de análise acima, onde destacamos a cena, onde os alunos com seus adesivos espalham por toda a cidade, evidenciando a vida e a existência da ideologia, passando se possível, por todos os outros símbolos existentes da sociedade. Podemos verificar os inúmeros *os souvenirs*, que irão se estender nos lares das famílias integralistas sempre destacando o símbolo sigma, marca da ideologia integralista.

A bandeira se destaca com o seguinte padrão, “tinham as cores azul e branco. O azul simbolizava a atitude integralista: evocando distâncias, e indica que o movimento não tem limites políticos. O branco sugere a pureza de sentimentos e – sendo a mistura de todas as cores – simboliza o objetivo da união integral do país”¹¹³. Fazendo parte a bandeira do manual do perfeito integralista. Verificamos como hastear, levar e erguer uma bandeira tem de simbolismo e informação para os grupos sejam da ideologia que for que sustentam uma bandeira.

¹¹³ AMEAÇA fascista? O integralismo ontem e hoje. Revista de História da Biblioteca Nacional, a. 6, n. 61, 2010. Pág. 32.

2.2.2 – O Sigma (Σ)



Imagem 02- Símbolo do Sigma¹¹⁴

Caminharemos neste ponto da dissertação a análise sobre o símbolo sigma, “símbolo matemático, indica o projeto de um estado único e integral, e também a soma dos números infinitamente pequenos (analogia com os membros da AIB). É também o nome da Estrela Polar do Hemisfério Sul, numa referência à origem¹¹⁵”. Assim, nesta caminhada social repleto de símbolos e simbologias, elas estão expressas nas relações sociais, ciências humanas, biológicas e outras áreas de conhecimento, contudo na área da matemática encaixa-se símbolos como é o caso do sigma, um símbolo matemático, inserido no integralismo como um projeto de Estado único, onde os integralistas comandarão com suas ideologias para formação de sua nação ideal, como inclui o ideal integralista, “[...] Plínio Salgado como seu Chefe Nacional, guia supremo e perpétuo do movimento integralista, além de tornar sua autoridade incontestável sobre várias correntes fascistas, unificadas em um movimento nacional. A estrutura diretiva da AIB foi organizada tendo no topo da pirâmide o Chefe Nacional¹¹⁶, depois o Conselho Nacional, órgão consultivo e, na base, os seis Departamentos Nacionais: Organização Política, Doutrina, Propaganda, Cultura Artística, Milícia e Finanças”¹¹⁷. O símbolo sigma confunde-se com a própria organização integralista, endosso o seu significado na

¹¹⁴https://pt.wikipedia.org/wiki/A%C3%A7%C3%A3o_Integralista_Brasileira#/media/Ficheiro:Logo_of_A%C3%A7%C3%A3o_Integralista_Brasileira_original_version.svg

¹¹⁵ Ibidem.

¹¹⁶ TRINDADE, H. Integralismo, o fascismo brasileiro na década de 30, op. cit., p. 172.

¹¹⁷ BULHÕES, Tatiana da Silva. *Integralismo em foco: imagens e propaganda da política*. Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2012. p. 43.

projeção de pensar um Estado integralista na figura de Plínio Salgado e sua implementação das ideias integralistas de um Estado conservador e cristão católico.

Com o sigma, o seu simbolismo de ser a soma de números pequenos, na representatividade dos participantes, e dos adeptos do corpo do integralismo, caminham na formação de outros adeptos e a formação de uma nova sociedade, a sociedade integralista, há de se destacar, “reorganizada como partido político em 1935, a Ação Integralista Brasileira foi a primeira organização partidária do país com estrutura e organização nacionais e chegou a reunir entre 500 mil e 800 mil adeptos, em uma população de 41,5 milhões de habitantes em 1935¹¹⁸”. O somatório do símbolo sigma caminha como uma onda trazendo e banhando a sociedade brasileira a contemplação de um novo Estado e um novo cidadão. Tornar-se um membro da AIB é a inclusão da participação desses infinitos números pequenos, formando um todo em prol de uma causa maior. A divulgação do sigma dava-se nos meios de comunicação da época, “por meio destes veículos de comunicação, instrumentos de persuasão, pressão e inculcação de valores e crenças, a Ação Integralista Brasileira difundiu símbolos, representações da vida social brasileira, dos seus agentes, instâncias e autoridades, enfim, todo um imaginário social [...]”¹¹⁹. A divulgação dos símbolos tornou-se uma marca da propaganda política dos regimes autoritários, Alemanha com o nazismo, Itália com o fascismo e o Brasil em destaque integralismo e o varguismo.

“Desde 1934, o governo Vargas preocupara-se em organizar um órgão destinado a orientar o uso do cinema e “demais processos técnicos que sirvam como instrumento da difusão cultural¹²⁰”, o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC). Este órgão, com a implantação do Estado ditatorial de Vargas em 1937, veio a ser o embrião do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que controlaria com “mão de ferro” a produção cultural e política dos meios de comunicação brasileiros. Neste ambiente interno investimento em propaganda política e no controle à produção e divulgação de informações, a Ação Integralista Brasileira vai compartilhar experiências e elaborar suas preocupações em difundir, convencer e controlar a opinião pública através da criação e manutenção de

¹¹⁸ HILTON, Stanley. “Ação integralista Brasileira: o fascismo no Brasil. 1932-1938”. In: Brasil e a crise internacional: 1930-1945 (cinco estudos). São Paulo: Nova Fronteira, 1983, p. 45.

¹¹⁹ BULHÕES, Tatiana da Silva. *Integralismo em foco: imagens e propaganda da política*. Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2012. p. 38.

¹²⁰ Trecho do Decreto nº 24,641, de 10 de julho de 1934, transcrito de: SOUZA, José I. M. O Estado contra os meios de comunicação (1899-1945). São Paulo: Anablume: Fapesp, 2003, p. 84.

uma Secretaria de Propaganda logo no início da institucionalização de sua organização administrativa em 1934.”¹²¹

A propaganda como meio fundamental para a difusão dos membros do corpo do sigma, espalhavam as suas doutrinas, reforçando as suas bases e aderindo os novos adeptos ao corpo integralista, “[...] à exploração do maior símbolo integralista, O *Sigma* (Σ) e o investimento na sua divulgação através de distintivos, de “objetos de uso pessoal”, de emblemas, [...] objetos que vinculam imagens alusivas ao Integralismo e nos mostram sua presença entre as preocupações da propaganda¹²², [...] a propaganda integralista, além de buscar a ampliação do número de adeptos, entendia que seu papel deveria ser “educar” os brasileiros sobre a realidade nacional, à luz da doutrina integralista, “pondo em equação todos os grandes problemas da Pátria”¹²³. [...] a educação está intimamente ligada ao sentimento de doutrinação para a AIB”¹²⁴. A divulgação dos pensamentos do sigma tornou-se uma missão, educar a população seria essencial para reconhecer o estado que se encontrava a sociedade brasileira e a resposta estava no integralismo e no seu idealizador Plínio Salgado, “[...] a AIB pensou a produção e a difusão da sua propaganda em nível nacional”¹²⁵.

A organização para divulgação dos objetos com o símbolo do sigma era estabelecida pelo Departamento de Material, com a responsabilidade,

“[...] por organizar e disponibilizar o material necessários aos demais departamentos, além de prestar contas sobre o movimento financeiro da secretária [...] seções deste departamento indica que, possivelmente, este deveria conversar, armazenar o material de propaganda produzido (livros,

¹²¹ BULHÕES, Tatiana da Silva. *Integralismo em foco: imagens e propaganda da política*. Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2012. p. 43.

¹²² FREITAS, José M. “A propaganda do Sigma”. *A Offensiva*, 02/04/1937, p. 02.

¹²³ “Decreto que regulamenta a instrução doutrinária entre os integralistas”, assinado em 25 de maio de 1934. *Monitor Integralista*, ano II, nº 07, agosto de 1934, pp. 03 e 04.

¹²⁴ BULHÕES, Tatiana da Silva. *Integralismo em foco: imagens e propaganda da política*. Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2012. p. 44 e 46.

¹²⁵ *Ibidem*.

pequenas placas metálicas, boletins, folhetos e qualquer outros impressos ilustrados ou não), além de distribuir este material aos núcleos, de graça ou cobrando taxa [...] este departamento provavelmente era responsável pela venda de distintivos, medalhinhas, cartões postais, cartazes, entre outros objetos, a fim de arrecadar dinheiro para o financiamento de suas atividades¹²⁶ [...] mostram uma variedade grande de objetos como apitos, calças de brim, gravatas, luvas, camisas bordadas com o sigma e distintivos de veludo ou metal¹²⁷, [...] além destes artigos, eram vendidos aos militantes e núcleos interessados bandeiras integralista e nacional, flâmulas, objetos para acampamentos e excursões, fivelas de metal, ou folhadas a ouro, para cinto com o Sigma ou a frase “Deus, Pátria e Família”, fotografias do Chefe Nacional, distintivos esmaltados com desenhos alusivos aos Congressos, Conclaves, Livros “de doutrina e estudos”, pasta dental “Anauê”, entre outros.”¹²⁸

Espalhar e massificar o sigma como podemos notar, poderia ser espalhado e divulgado de diversas maneiras, reforçando a mensagem do novo Estado Integralista, “[...] incorporar o “sigma” aos hábitos cotidianos dos militantes, como a colagem de adesivos alusivos ao Integralismo em objetos do seu dia a dia; outros tentavam construir uma identidade comum ao militante, por exemplo, quando este utilizava um cartão de visitas com seu nome e sigma timbrado [...]”¹²⁹. Ter um símbolo ou um item simbólico, torna-se comum aos transeuntes pelo mundo a fora, uma lembrança do momento vivido, apesar do reducionismo devemos destacar que por trás do integralismo o pensamento ideológico domina de uma forma a construir uma nova sociedade, orientando-a, disciplinando-a e educando-a, destacando-se assim, “[...] Ação Integralista Brasileira indica o sentido de construção de memória e da produção de visibilidade das suas ações em grande parte das imagens do movimento”¹³⁰. A condição primordial é de espalhar o

¹²⁶ “Tabela de Preços nº 03. Secretária Nacional de Finanças”. Folheto 14. Série Integralismo, Fundo DESPS, APERJ.

¹²⁷ A integração formal na AIB. Começava aos 4 anos de idade, os “plinianos” (como eram chamados as crianças e adolescentes integralistas) eram organizados por idade, em 4 a 6 anos (infantes), 6 a 9 anos (curupiras), 10 a 12 anos (vanguardeiros) e 13 a 15 anos (pioneiros), e havia rituais de obediência ao Chefe a partir dos 6 anos de idade. TRINDADE, Hélgio. *Integralismo, o fascismo brasileiro na década de 30*, op. cit., p. 191.

¹²⁸ BULHÕES, Tatiana da Silva. *Integralismo em foco: imagens e propaganda da política*. Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2012. p. 53-54.

¹²⁹ Ibidem.

¹³⁰ Ibidem.

sigma para os brasileiros e brasileiras, mostrando que um novo modelo político social existe e é possível.

Os mecanismos para essa divulgação e a produção do sigma são plurais,

“A produção de artigos para venda com símbolos integralistas não se limitava ao suporte de papel. Anúncios de venda de objetos de metal com o sigma foram publicados nas páginas da revista *Anauê!*, e trazem uma variedade grande de itens; “distintivos de lapela oficiais”, “alfinetes de gravata com sigma”, “fivelas para cinto com sigma”, “medalhas do 2º Congresso de São Paulo”, entre outras [...] mostra as opções de distintivos, anéis, batons, entre outros, com o sigma em volta.”¹³¹

É notório a percepção do quanto um símbolo é unificador de uma causa, um propósito, uma marca. Nos dias de hoje uma marca nunca se sente à vontade em ser associado a pessoas que não são bem-vistas na sociedade, se essas pessoas são famosas e cometem algum equívoco em suas falas e sua conduta moral não condiz com o que é estabelecido, as marcas retiram o seu nome da pessoa em si. Se essas marcas são associadas a produtos de uma qualidade duvidosa e se suas clientes relatam suas experiências em redes sociais, essas marcas tentam resolver de forma eficiente para seus produtos não perderem a credibilidade no mercado. Ressalto que os exemplos são referidos de forma sucinta, como ilustração para compreensão, uma ideologia política caberá uma colocação mais acadêmica e profunda, distanciando do senso comum.

Destaquemos neste momento os símbolos do fascismo e do nazismo. Em relação ao fascismo o termo e o símbolo têm a “origem na expressão *fasci*, do latim *fasces*, em português feixe. Trata-se de uma alusão à machadinha dos antigos romanos, composta por diversos feixes, amarrados por tiras com lâmina fixada. Os feixes ou gravetos sozinhos podem se quebrar facilmente, mas quando unidos em um único instrumento tornam-se fortes e difíceis de serem quebrados. Sentido que há nessa analogia é de que os elementos da sociedade, quando tomados de maneira independente, podem estar fragilizados, mas se estiverem todos unidos se tornam fortes e poderosos como um

¹³¹ Ibidem.

machado romano”¹³². Analisar essa construção simbólica e seu simbolismo torna-se a questão primordial da nossa dissertação e a verificação que esses valores se tornam presentes nos dias de hoje, os ideais de fascistização em discursos de líderes políticos atuais e implementando frases de Mussolini no cotidiano com total normalidade. Geraldo discursa na aplicabilidade da política se é fascismo ou neofascismo e em que características são aplicadas.

Colocamos em evidência neste momento o nazismo em destaque e seu símbolo a *suástica*, não há a existência de uma única *suástica* nazista ou se foram os nazistas que a criaram, encontraremos uma ampla diversidade de símbolos que lembram ou que contém a forma da *suástica*, no entanto o contorno que o nazismo dará ao símbolo tornará emblemático a associação com o grupo, assim quando evidenciamos o *fascio*, recordamos do fascismo italiano.

“[...] o mais importante é a *suástica* (*Hakenkreuz*, cruz gamada), considerada um símbolo mágico. A *suástica*, palavra sânscrita (de *su*, bem, e *ast*, ser), que significa signo de bom auspício, indicando fortuna e sucesso, é um símbolo quaternário (número das coisas temporais; símbolo do universo cósmico), cujas pontas, os segmentos verticais e horizontais, representam a expansão e o dinamismo. Interpretam-na como símbolo do Sol, fonte de vida e fecundidade; do trovão, manifestação da cólera divina; ou ainda, como símbolo do movimento. (Para os celtas, caldeus e hindus, a rotação do mundo, representando geralmente pela roda, se efetuava num ponto fixo: o *pólo*, que era designado simbolicamente *suástica*.) A origem da *suástica* perdeu-se na noite dos tempos; encontramos-la, orientada quer para direita, quer para a esquerda, desde o Extremo Oriente ao Extremo Ocidente [...]”¹³³

Como proposta de análise e decorrida no parágrafo sobre a *suástica*, destacamos ao docente verificar os símbolos associados a esses grupos extremistas, que reconheça, e entenda o fator histórico que cada um desses símbolos e suas simbologias estão presentes em nosso fator histórico, seja o *fascio*, italiano, no período de Mussolini, a *suástica*, alemã, no período de Hitler e o sigma brasileiro, no contexto de Plínio Salgado.

¹³² MESQUITA, André Campos. *Fascismo*. Coleção o que é. Editora Lafonte, 2020. p. 10.

¹³³ JR, João Ribeiro. *O que é nazismo*. Coleção Primeiros Passos, nº 180. Editora Brasiliense, 1987. p. 68-69.

“O integralismo atribui muita importância aos símbolos. Entre estes, o principal é a letra sigma maiúscula, que pretende simbolizar a ideia de que o movimento pretende ser um “somatório”: “ela lembra que nosso Movimento é no sentido de integrar todas as Forças Sociais do País na suprema expressão da Nacionalidade”. Além desta interpretação, os Protocolos invocam outras significações ao símbolo: “é a letra com a qual os primeiros cristãos da Grécia indicaram a palavra Deus”, ou também a “estrela Polar do hemisfério sul”. Este símbolo do integralismo encontra-se gravado na bandeira e em todos os emblemas integralistas¹³⁴. A divisa da AIB, que evidencia a ênfase dada a certos valores, é “Deus, Pátria e Família.”¹³⁵

Reconhecer e entender o valor histórico desses símbolos nos permitirá uma consciência maior ao nos depararmos com pessoas que acreditam no romantismo desses símbolos esquecendo as atrocidades e as ideologias por trás deles.

¹³⁴ Protocolos e Rituais, artigo 12, Monitor Integralista, 5(18), abril de 1937. A bandeira azul tem ao centro uma esfera branca na qual se inscreve um sigma maiúsculo em preto, ao passo o que emblema que devem ostentar na manga da camisa todos os integralistas consiste de um sigma preto colocado sobre o mapa do Brasil azul, envolvido por um círculo prateado.

¹³⁵ TRINDADE, Hégio. Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30. Difel Difusão Editorial S.A. Pág. 188.

2.2.3 – Deus, Pátria e Família

Com o lema “Deus, Pátria e Família, percebemos que se encaixa nos princípios norteadores da Doutrina do Sigma: Deus (que dirige o destino dos povos), Pátria (nosso lar) e Família (início e fim de tudo)”¹³⁶. O lema do integralismo adentra nos princípios da base de uma sociedade conservadora que preserva em suas falas e práticas que se destacam em primeiro lugar: Deus, considerado o ser base de toda a criação, segundo a moral cristã, mas quando falamos na personagem Deus dos integralistas, “os protocolos admitem que seja colocada na sede a imagem de Cristo crucificado, “como símbolo do sacrifício por um ideal devendo essa colocação ser feita sem nenhum cerimonial”¹³⁷, destacamos a religião, e sobre o fator religioso da época, destaca-se o catolicismo.

No Brasil, na segunda metade do século XXI, o conservadorismo pautado pela figura do bolsonarismo, utilizou o lema em destaque, em muitos seguimentos religiosos, destaca-se o protestantismo, diferente da década de 30 do século XX, onde a figura em destaque era o cristianismo católico. Verifica-se o cristianismo protestante em destaque, as igrejas neopentecostais, se apropriando do lema, fazendo e construindo o lema como uma base relevante de seus princípios morais religiosos. Em redes sociais, via-se esse lema espalhado, mas o questionamento sobre a frase encaixa-se, acaso os divulgadores tinham noção que a expressão tinha na construção integralista uma vertente do fascismo brasileiro? A resposta a princípio era não. Vale a ressalva que o bolsonarismo incluiu a palavra “liberdade”, fazendo menção a parte irrestrita a posse de armas.

Amplio essa questão em sala de aula, quando era debatido no 9º ano do Ensino Fundamental e no 3º ano do Ensino Médio, ao abordamos sobre essa frase alguns alunos conheciam devido serem proferidas nas redes sociais e por seus pais, mas não identificavam com a vertente integralista, um braço do fascismo no Brasil. Quando o símbolo da frase era apresentado e relatado para eles que não pertencia aos dias atuais, caía como uma surpresa e preocupação para as turmas.

Podemos notar que o surgimento de lemas que marcam alguns grupos torna-se comum como uma marca e uma identidade, destaca o lema que os nazistas incluíam nos

¹³⁶ AMEAÇA fascista? O integralismo ontem e hoje. Revista de História da Biblioteca Nacional, a. 6, n. 61, 2010. Pág. 32.

¹³⁷ TRINDADE, Héglio. *Integralismo – o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel/Difusão Editorial S.A, 1979. Protocolos e Rituais, artigo 88, Monitor Integralista, 5(18), abril de 1937. p. 190.

campos de concentração, “a viagem levou uns vinte minutos. O caminhão parou; via-se um grande portão e, em cima do portão, uma frase bem iluminada (cuja lembrança ainda hoje me atormenta nos sonhos): *ARBEIT MACHT FREI* – o trabalho liberta”¹³⁸. Essas frases à primeira vista podem parecer grandiosas e valorosas, ditas em momentos únicos ecoam, e se olharmos bem, ecoam até os dias de hoje. Como a primeira frase destaca, “Deus, Pátria e Família” colocam em evidência os fatores primordiais dos valores que devem ser preservados para o bem-estar social, as bases dos alicerces conservadores, como uma alusão para dar certo na vida, deve-se dar valor aos itens em destaque, mas, quando caminhamos para a segunda frase “o trabalho liberta”, não há uma aparência de nenhum mal em destaque, desde pequeno somos instruídos que o trabalho dá valor as pessoas, dá dignidade e constrói nas pessoas a ideia que seu próprio suor, a sua luta diária para dar o melhor para a família e construir uma grande pátria, contudo a frase era usada ao adentrar nos campos de concentração com uma outra perspectiva, de exploração humana, em sua dignidade. Não havia nada de libertador, mas de explorador da vida humana em condições sub-humanas,

“Isto é o inferno. Hoje, em nossos dias, o inferno deve ser assim: uma sala grande e vazia, e nós, cansados, de pé, diante de uma torneira gotejante, mas que não tem água potável, esperando algo certamente terrível, e nada acontece, e continua não acontecendo nada. Como é possível pensar? Não é mais possível; é como se estivéssemos mortos. Alguns sentam no chão. O tempo passa, gota a gota. (...) sentimos que estamos fora do mundo, que só nos resta obedecer (...) estamos transformados em fantasmas como os que vivemos ontem à noite (...), nos damos conta de que a nossa língua não tem palavras para expressar esta ofensa, a aniquilação de um homem (...), a realidade nos foi revelada: chegamos ao fundo. Mais para baixo não é possível. Condição humana mais miserável não existe, não dá para imaginar. Nada mais é nosso: tiraram-nos as roupas, os sapatos, até os cabelos; se falarmos, não nos escutarão – e, se nos escutarem, não nos compreenderão. Roubaram também o nosso nome, e, se quisermos mantê-lo, deveremos encontrar dentro de nós a força para tanto, para que, além do nome, sobre alguma coisa de nós, do que éramos. (...) imagine-se, agora, um homem privado não apenas dos seres queridos, mas de sua casa, seus hábitos, sua roupa, tudo, enfim, rigorosamente tudo que possuía; ele será um ser vazio, reduzido a puro sofrimento e carência, esquecido de dignidade e discernimento – pois quem perde tudo, muitas vezes perde também a si mesmo; transformado em algo tão miserável, que facilmente se decidirá sobre sua vida e sua morte, sem qualquer sentimento de afinidade humana, na melhor das hipóteses considerando puros critérios de conveniência. Ficará

¹³⁸ LEVI, Primo. *É isto um homem?* Editora Rocco, 1988. p. 25.

claro, então, o duplo significado da expressão “Campo de extermínio”, bem como o que desejo expressar quando digo: no fundo do posso.”¹³⁹

Em uma simples frase, uma frase que tem a aparência de valorizar o trabalho e sua dignidade, mas inserida de forma que desumaniza o ser humano, deixando como um nada, percebendo que existem seres bem maiores que eles e decidem o que é certo e errado por eles. Retira-se a dignidade e permite o surgimento do medo e do horror, uma frase que poderia ser colocada em diversos contextos, contudo o contexto que verificados na descrição do Primo Levi é a verificação do desaparecimento da humanidade.

Sobre o fascismo italiano, entre tantas frases existentes cunhada por Mussolini destacaremos, “*melhor viver um dia como leão do que cem anos como carneiro*”, a construção e paralelo feito entre os dois animais permite simbolizar qual escolhas a população deverá fazer para sua vida, que diretrizes podem ser construídas em prol de si mesmo e o principal o papel que cada um terá referente ao *duce* e o Estado, nesta nova fase. O símbolo do leão como um animal feroz e de liderança com sagacidade e expertise e deixando sua marca no Estado italiano, em compensação, o cordeiro visto como fragilidade, presa e que a qualquer momento será devorado por algum outro animal mais astuto. Os dias vividos devem ser curtos, mas com propósito no caso do leão, contudo viver muitos anos sem o propósito e a bravura do caçador nem terá serventia, a serventia é viver como um guerreiro em prol do Estado. Acaba destacando o próprio corno do homem como uma forma viril e destaca-se como um símbolo do homem másculo ideal para jornada do fascismo.

Essa idealização contida nas frases em destaques no permite verificar uma outra, “*devemos morrer pela glória de Mussolini e pelo destino imortal da Itália?*” Minha resposta foi afirmativa. Eu era um garoto esperto”¹⁴⁰. A reflexão de um jovem que se considera lutador de uma causa maior que ele, e sua vida ser mínima perante o Estado, o morrer pela glória e pela visão ímpar revelada pelo *duce*, dando um novo rumo, uma nova vida para as gerações vindouras, e não será mais a visão de um Estado sem

¹³⁹ LEVI, Primo. *É isto um homem?* Editora Rocco, 1988. págs. 25-33.

¹⁴⁰ ECO, Umberto. *Fascismo Eterno*. Editora Record, 2021. p. 09.

propósito, que caminha para um abismo social e moral. Endossa a frase repetida muitas vezes e que marca a direção do propósito da ideologia fascista, "*tudo no Estado, nada fora do Estado, nada contra o Estado*". Este estado que está vivendo a fascistização construída por Mussolini, este Estado sendo o grande pai, cuidador e protetor da família, e em muitos momentos um leão protetor do projeto fascista. O Estado fascista está acima de tudo, e controla tudo, direcionando cada detalhe da vida inclusive proporcionando a religião, a pátria e a família, percebe-se esta particularidade,

“(...) a memória retida, assim, os retratos do *duce* nas escolas, nos escritórios, nas ruas, e seus discursos amplificados pelo rádio ou dirigidos diretamente da sacada de *Palazzo Venezia* a multidões *oceânicas* de cidadãos em uniformes fascistas, acompanhados por meninos, de camisa preta e fuzil de madeira, as mesmas multidões que comemoravam as festas do regime. Igual impressão devia suscitar o recurso contínuo de elementos simbólicos: o *fascio littorio* da Roma antiga, elevado a insígnia do Estado e esculpido nos muros; os anos indicados em números romanos a partir de 1922, ano I da era fascista (...).”¹⁴¹

Encontra-se em questão, a existência tão reflexiva sobre o estado nas áreas do trabalho, no cotidiano das ruas, no simples fato de escutar um rádio, ler um jornal, usar uma roupa, “os italianos nascidos pouco antes ou durante o fascismo foram educados num clima de exaltação do regime e de ignorância total do que acontecia em outras sociedades¹⁴²”. E algo tão particular a escolha, mas ao mesmo tempo a preocupação moral e educacional, se a escola escolhida há de passar os valores que a família representa, “não seria possível conquistar a juventude sem se fascistizar o mundo da escola, o que foi conseguido através de um rígido controle dos livros de segundo grau (principalmente os de italiano e de história) e da imposição, (...) paralelamente, expurgavam-se da escola os professores antifascistas e impunham-se o juramento de fidelidade ao regime”¹⁴³. Nesses itens em destaque está o cotidiano familiar onde o

¹⁴¹ TRENTO, Angelo. *Fascismo italiano*. Série Princípios, nº 95. São Paulo: Editora Ática, 1986. Pág. 50.

¹⁴² TRENTO, Angelo. *Fascismo italiano*. Série Princípios, nº 95. São Paulo: Editora Ática, 1986. Pág. 50. Para um interessante testemunho da vida de um jovem durante o regime, ver ZANGRANDI, Ruggero, *Il lungo viaggio il fascismo; Contributo ala storia di una generazione*. Milano, Fetrinelli, 1962.

¹⁴³ *Ibidem*.

Estado fascista está, vemos essa ação tentacular no integralismo, e o ideal de um Estado integral, no controle de cada item da vida.

O fascismo em sua simbiose consegue se adaptar muito bem aos discursos de sua época com um viés renovador e de resposta para o momento em que se vive, sendo a solução para crise apresentada no momento ao “analisar os graus de identificação com o fascismo europeu, de radicalismo e de homogeneidade das proposições atitudinais”¹⁴⁴, podemos verificar o quanto que o integralismo pode se apropriar das questões fascistas e tomar para si como bandeira, como bastão da moralidade italiana, digo brasileira. Podemos analisar a foco relacional do integralismo e o catolicismo, “o conteúdo tradicionalista da ideologia integralista inspira-se, em parte, na doutrina social da Igreja e nos temas fundamentais da renovação das elites católicas”¹⁴⁵. Contendo o destaque que boa parte dos clérigos da igreja não eram adeptos da ideologia integralista, mas “contou com grandes simpatias nos meios intelectuais católicos e, sobretudo, entre a massa de praticantes”¹⁴⁶. O que notamos a ocorrência de uma tolerância a participação do movimento. Destaca-se outros pontos relevantes para o aprofundamento do integralismo que são: as relações do integralismo, as forças armadas e o integralismo, e a imigração alemã e italiana no Sul do Brasil. Apesar disso a simbiose entre a formação da AIB e o fascismo elucidada Trindade em uma parte de suas hipóteses:

“(...) o integralismo seria um movimento fascista em função da composição social dos seus aderentes; das motivações de adesão de seus militantes; do tipo de organização do movimento; do conteúdo explícito do discurso ideológico; das atitudes ideológicas de seus aderentes; enfim, do sentimento de solidariedade do movimento com relação à corrente fascista internacional.”¹⁴⁷

¹⁴⁴ TRINDADE, Hélió. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. Difel Difusão Editorial S.A. Pág. 02.

¹⁴⁵ Ibidem.

¹⁴⁶ Ibidem.

¹⁴⁷ Ibidem.

Nota-se uma parte da composição do corpo das ideologias fascistas e o quanto o integralismo irá beber desta água para a formação dos seus ideais e a divulgação da mesma na sociedade brasileira.

A religiosidade para o integralismo seria uma liga fundamental para a idealização de sua ideologia, podemos designar, “a existência de uma relação entre a filiação religiosa e adesão política”¹⁴⁸, um percentual considerável dos militantes integralistas reconheciam-se cristãos e em destaque católicos, mas uma parcela “de protestantes dentre os integralistas de base, em geral descendentes de imigrantes alemães no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina”¹⁴⁹, contudo, o número de católicos era maior. Há de se destacar que não se encontra integrantes da religião judaica inserido na ideologia integralista. O fator religioso para os integralistas seria como um fator primordial, a vinculação com a crença religiosa.

Há de se analisar que ao usar o termo “Deus” e a sua carga de espiritualidade para os que creem não surge como uma resposta de um partido político que lute e reflita sobre os princípios e as bases do cristianismo, onde lutara para a formação de um Estado que não flerte com o comunismo e a ameaça que representa, fazendo seus seguidores perderem a fé em “Deus, na família e no Estado”, mas em contrapartida, o integralismo traria um partido que acredita e segue Deus, que considera a família uma instituição criada por Deus e adentra um partido que segue esses valores religiosos e pretende, se eleito ou estar no poder, colocando em prática essas bases essenciais para uma vida plena, saudável e satisfatória, mas de acordo com os princípios religiosos cristãos.

Para essas bases descritas acima não se evaporarem é necessário que esta ideologia esteja presente no Estado, esses princípios precisam ser socializados, “a organização integralista desempenha também o papel de um instrumento de socialização político-ideológico dos militares e de preparação dos futuros cidadãos do Estado Integralista”¹⁵⁰. Construindo nessas bases a formação de ideologização do integralismo, divulgando seus preceitos pela Secretária de Imprensa e Propaganda da AIB, “prevê uma série de mecanismos de atividades destinadas à transmissão de valores, símbolos e

¹⁴⁸ TRINDADE, Hégio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. Difel Difusão Editorial S.A. p. 146.

¹⁴⁹ Ibidem.

¹⁵⁰ Ibidem.

estilos de comportamento compatíveis com a concepção de sociedade e Estado integralista”¹⁵¹, essas ações servem de forma pedagógica aos integrantes e os simpatizantes do integralismo agregando os jovens e os adultos aos ensinamentos integralistas, adentrando nos rituais, na intelectualidade, no respeito a pátria e na moralidade. Essa ideologização integralista e a socialização integralista ramifica suas raízes na inspiração no movimento fascista europeu.

Essas bases integralistas nos conduzem a fundamentar os hábitos que levarão a obediência aos líderes conduzindo a submissão, todavia, “não se tratava, como pretendiam alguns dirigentes integralistas, de simplesmente copiar “certas formas exteriores do fascismo”, mas de adotar os mecanismos básicos da formação totalitária fascista”¹⁵², e incluir no território brasileiro, assim que os integralistas chegassem ao poder.

O entrelaçamento entre “Deus, Pátria e Família”, tornou-se a tríade fundamental para o direcionamento das práticas integralistas, podemos verificar esta unidade da tríade em outra frase integralista, “os *slogans* nas paredes são sempre os mesmos: “o integralista é o soldado de Deus e da Pátria, homem novo do Brasil que vai construir uma grande Nação”¹⁵³, encontramos os valores que dão a direção para os seguidores, destacamos o aprendizado que a família proporciona ao novo integralista, o futuro do integralismo na prole que está presente e que viriam,

“(…) o Integralismo é a Revolução da Família. Por isso não pode faltar nos lares brasileiros o retrato do Chefe Nacional. Aí o tem os leitores. Está feito de modo a ser facilmente destacado e colocado num quadro que deverá honrar a sala de aula visita de todo o integralista. Afinal, o Chefe não é uma pessoa e sim, a ideia. Além disso, não é justo que só os núcleos possuam a fotografia do Chefe, às famílias, como verdadeiros subnúcleos, assiste igual direito¹⁵⁴”. O artifício da publicação de uma fotografia do Chefe Nacional nesta revista para ser idolatrada ou “adorada”, tal como são os santos cristãos nos lares familiares, (...) são divulgadas fotografias dos militares uniformizados posando em suas residências, ou em alguma festa familiar

¹⁵¹ TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. Difel Difusão Editorial S.A. p. 188.

¹⁵² Ibidem.

¹⁵³ Ibidem.

¹⁵⁴ Anauê!, nº 01, ano I, 1935.

onde o Integralismo infiltrou seus rituais e símbolos, por exemplo, nos casamentos (...).”¹⁵⁵

O aprendizado vem de casa e principalmente dos adeptos do integralismo, a massificação da imagem e das ideologias serviram para criar o aprendizado e a descoberta das propostas que poderiam dar uma nova direção para o país. Em destaque a fotografia nos lares integralistas, podemos verificar e analisar que uma foto em um lar serve para ressaltar a importância que a personagem em destaque representa, e esta representa a do Chefe nacional que ocupa em cada lar o sentido de onipresença, o estar junto, o andar junto independente do momento, saber que o líder está sempre presente alicerça a ideia que os caminhos trilhados estão corretos independente do momento vivido. Esses artifícios se tornam presente mesmo que não sejam uma foto em destaque em casa, mas ao andar, vestir e olhar para os outros verificando o símbolo do *sigma*, “fotografias de Plínio Salgado estão presentes, não só como o Chefe, o doutrinador, mas também como uma pessoa que ia visitar amigos e passar o dia com eles, (...) mostrando cumprimentando pessoas e beijando crianças como uma pessoa simples e acessível, os periódicos vão estabelecendo laços entre eles”¹⁵⁶. O *sigma* torna-se o cotidiano, a luz necessária para a sobrevivência de cada integralista.

O perfil da família integralista destaca-se por alguns elementos, “influências cristãos, eugênicas, patriarcais e autoritárias”¹⁵⁷, fazem parte deste corpo integralista, a família está presente nos discursos integralistas, ressaltando a sua impotência no projeto de nação integralista.

Na ideologia integralista está presente o compartilhamento da concepção eugênica da família sendo um dos conceitos basilares de uma ideologia forte, incluindo essa percepção na formação do Estado aos moldes integralista tanto desejado. O papel feminino tem uma vital importância na construção integralista, como educadora, cuidadora e dedicada na missão de proteger o lar. Verifica-se um “Decálogo da boa

¹⁵⁵ BULHÕES, Tatiana da Silva. *Integralismo em foco: imagens e propaganda da política*. Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2012. p. 123.

¹⁵⁶ Ibidem.

¹⁵⁷ Ibidem.

esposa”, entre os itens destacamos: “1 – Ama o teu marido acima de todas as coisas, ama a teu próximo o melhor que puderes, mas lembra-te que tua casa pertence a teu marido e não a teu próximo (...)”¹⁵⁸. A imagem de uma boa e honrada dona do lar ressalvam os valores familiares e femininos do conservadorismo, encaixando a mulher neste perfil e conduzindo em um modelo que pode ser exemplificado como: “bela, recatada e do lar”.

2.2.3.1 – Deus, Pátria e Família e a Mística da Mulher na Família em Prol do Estado Integralista

Neste momento da dissertação devemos analisar a figura do gênero feminino no contexto do lema “Deus, Pátria e Família”, como a mulher e sua participação política no integralismo teve destaque mesmo no contexto mais conservadorismo, contudo associação e grupos que tinham o objetivo espalhar a ideologia integralista, para tal análise utilizaremos de alguns periódicos da época que evidencia as ações de mulheres simpatizantes. Em destaque o jornal *A offensiva* da época como um dos porta-vozes da imprensa na divulgação das propostas e feitos do integralismo e os feitos de Plínio Salgado.

Na página quinze do jornal *A offensiva* do dia 05/07/1936, com o título, “O povo fluminense de Norte ao Sul”, destaca-se por demonstrar como as ações integralistas estão a todo vapor e em diversas áreas nas divulgações do pensamento integralista. Evidencia-se também as falas do Chefe Nacional – Plínio Salgado – orientando os seus seguidores. Mas neste periódico uma pequena reportagem com o seguinte título, “Uma família integral”, nota-se o destaque da família integralista e seu empenho a o seu pertencimento aos camisas-verdes. É destacado o papel de uma integrante e sua luta pelo integralismo na questão doméstica. Vejamos a reportagem,

¹⁵⁸ BULHÕES, Tatiana da Silva. *Integralismo em foco: imagens e propaganda da política*. Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2012. p. 142.

“São sitiantes do companheiro Contreiras, os companheiros Americo Carlos de Souza e Rosalina Davina da Cunha, que com seus 13 filhos pertencem as hostes verdes do Integralismo.

Vimos ali, os companheiros José Joaquim, Miguel, Pedro, Sebastião, Antônio, João, Maria, America, Conceição, Rosalina, Olga e Therezinha trabalhando, unidos no amanho da terra nas lides domesticas.

Esta família integral cultiva o seu sustento, fabrica seus utensílios e tecem o seu panno, adquirindo por compra quasi nada das suas necessidades.”¹⁵⁹

Nesta perspectiva familiar retrata-se a luta de cada integrante em seu lar o empenho ao Chefe Nacional, as famílias como núcleos fundamentais para a luta do integralismo e para os princípios cristãos. Essa influência cristã encontra-se na fé praticada como o ato e a ligação a Deus tornar-se os seus membros mais “santos” e com uma visão de Estado privilegiado dos outros, inclui neste cenário as ideias de eugenia, o patriarcado e a presença de autoridade e autoritária do chefe do lar. Esses itens fazem parte do projeto de Nação do Integralismo e configura-se na relação familiar, como sobressai em sua obra “*Entre a raça e a Nação*” de Endrika Geraldo, “o discurso integralista toma a família ainda como “metáfora da ordem social” e do Estado Integral, buscando associar o Chefe Nacional ao pai, à pátria, à imagem de mãe e os brasileiros como seus filhos. E desta “família” metáfora espera-se disciplina e obediência à autoridade, submissão irrestrita ao pai e a devoção à mãe”. As figuras familiares saltam aos olhos como projeto político do integralismo junto ao medo da destruição da família, principalmente pelos valores do comunismo.

Outro ponto de relevância no cuidado com os lares integralistas são as construções das escolas com o viés ideológico, o jornal *A Offensiva*, destaca o estado de Minas Gerais com o departamento municipal feminino em Belo Horizonte a instalação de três escolas para os adultos e crianças, com os seguintes nomes: Tiradentes, Plínio Salgado e Almeida Salles ambas as escolas que serão inauguradas. Notamos o papel da mulher em educar os seus filhos, escolher um ambiente que desenvolva os princípios do integralismo, um local onde trará segurança a família, a notícia relata,

¹⁵⁹ *A Offensiva*, 05/07/1936, p. 15.

“Tres escolas integralistas na cidade de Belo Horizonte.

A bella capital do Estado de Minas Gerais, que assistiu ha um mez a grande concentração dos soldados do Sigma. Para a eleição de seus representantes na Camara Municipal, sentiu-se, de novo attrahida pelo gesto de civismo da Acção Integralista Brasileira creando os alludidos estabelecimentos de ensino.

Deve-se o emprehendimento á bôa vontade do Departamento Municipal Feminino, que não poupou esforços no sentido de conseguir as referidas escolas de alfabetização.

As novas casas de instrucção, que se destinam ao ensino primário e adulto e de crianças, receberam as denominações de “Tiradentes”, “Plínio Salgado” e “Almeida Salles””.¹⁶⁰

Podemos notar que a área da educação é ponto crucial para governos e tentativas de governos autoritários, planejamentos e ideais que são colocados como inovador ou com um cunho de militar, escondem uma ideologização para o pensamento da extrema direita seja nos dias de hoje ou no passado estudado.

A campanha de engajamento feminino do integralismo abrange as camadas políticas e eleitoreiras, vejamos, contudo, o destaque do jornal *Vanguarda*, que notícia com a seguinte manchete, “O integralismo e as mulheres”, salienta como uma oradora do integralismo destaca que poderá ocorrer uma conquista de um regime democrático de liberdade caso as propostas da ideologia integralista conseguirem seus objetivos,

“uma oradora integralista falou hontem à noite pela radio Fluminense, em propaganda da candidatura Plínio Salgado, dirigindo-se especialmente as mulheres.

Desta vez não foram feitas ameaças de trucidamento contra os que se opõem ao estabelecimento do estado totalitario nazista um terras brasileiras o que se explica pelo, espirito christão e humanitario que domina o sentimento de nossas patricias, mesmo quando ellas se arregimentam sobre a bandeira sigmatica.

Comtudo, a oradora exaltou as excellencias do Estado Integral, porque segundo disse, nelle as mulheres poderão exercer actividade como funcionarias publicas, nas profissões liberaes no commercio, nas fabricas, etc.

E acrescentou: “Nenhuma mulher perderá o seu emprego, com a victoria de Plínio Salgado. As patricias que me ouvem poderão ser medicas, funcionarias publicas, dentistas, engenheiras e advogadas.

Como se vê o integralismo promette ao sexo feminino, no Brasil, uma cousa que ha muito ele conquistou no regimen democrático da liberdade, sem estado totalitario de obediência cega.

Não ha quem desconheça que no Brasil, alguns milhares de moças e senhoras ganham a vida e concorrem com os homens nas empresas publicas,

¹⁶⁰ A *Offensiva*, 08/07/1936, p. 01.

nas profissões liberaes, attigindo mesmo algumas dellas posições notaveis e percebendo vencimentos que fazem inveja a muito marmanjo pae de família numerosa.

E para isto não foi preciso nenhuma revolução sangrenta com massacres collectivos.”¹⁶¹

Estrutura-se no fragmento a proposta do engajamento feminino na política integralista, lembrando que ocorre na década de 1930 no Brasil a aprovação do sufrágio universal. O integralismo nos mostra uma proposta conservadora, mas com uma vanguarda em suas colocações em propor uma abertura ao trabalho feminino. Contudo verifica-se em 03/08/1937 no jornal *A offensiva*, mulheres de Niterói, lançando a candidatura de Plínio Salgado. A presença feminina tem relevância na ideologia integralista e na tentativa da implementação de suas propostas de poder.

¹⁶¹ Vanguarda, 07/08/1937. Arquivo Nacional.

2.2.4 – O Gesto

As formas de comunicação podem ser variadas e amplas, construídas por sinais e gestos, que falam e muito sem emitir qualquer palavra. O gesto que se quer emitir carrega uma gama de informações, dependendo do grupo, como um sinal de pertencimento e inserindo a causa que pertence. Vide o gesto do filme “*A onda*”, onde os alunos deram a ideia de construir um gesto de comunicação entre eles, e momentos depois os alunos impediam outros alunos de entrarem na escola, caso não fizessem o gesto. No momento do jogo de polo aquático, as pessoas se comunicavam fazendo o gesto e deveriam usar o uniforme também e existia uma área separada para aqueles que tinham o objetivo em comum da ideologia.

Recentemente um episódio relacionado ao gesto fascista de posicionar a mão direta lembrando os tempos de Mussolini ocorreu em Roma na Itália, no dia 07/01/2024, a notícia em destaque relatada pela página do jornal *Deutsche Welle* (DW), assistida na rede social Instagram, com a seguinte manchete: O ato fascista que escandalizou a Itália: por que ele é tolerado? Indaga a manchete sobre a ação feita por um considerado grupo simpatizantes do fascismo.

O relato sobre o gesto questiona sobre o que está por trás desta ação e da cena? Centenas de pessoas reunidos em um ato na Itália, marcava o aniversário do assassinato de três neofascistas em Roma em 1978. O grupo fazia a saudação fascista, com o braço direito levantado e gritavam, a construção deste momento lembrava os ajuntamentos fascistas ocorrido no período de Mussolini. Alguns dos participantes vestiam preto, há de considerar que os participantes do fascismo eram chamados de camisas-negras, “os milicianos do Partido Fascista eram utilizados para agredir os inimigos do fascismo e para difundir a sua propaganda. Pelo fato do seu uniforme ser uma camisa negra, ficaram conhecidos como ‘*camicie nere*’ e estimularam outros movimentos fascistas a usarem uma simbologia parecida, como os “camisas-verdes” integralistas, os “camisas-prateadas” mexicanos (...)”¹⁶². Essa é uma das amálgamas simbólicas e simbióticas entre o ser – a pessoa – e os símbolos, construindo uma identificação basilar para

¹⁶² BERTONHA, João Fábio. *História em Movimento: Fascismo, nazismo, integralismo*. Editora Ática, 2004. p. 14.

reconhecer a ideologia entranhada na política social dos indivíduos e suas pretensões para o Estado.

O encontro ocorreu na antiga sede do grupo intitulado MSI. Corresponde a um antigo partido neofascista que acabou sendo intitulado como Irmão da Itália. Corresponde ao partido atualmente da primeira-ministra da Itália, Giorgia Meloni. Ocorreu manifestações contrárias à manifestação e pedidos de investigações. Essas ações nos endossam a analisar e refletir sobre a propostas de nossa dissertação e o motivo do seu desenvolvimento. Esses acontecimentos precisam ser refletidos sobre o conhecimento que nos é transmitido sobre a política e o quanto o conhecimento de ideologias voltadas ao fascismo, integralismo, nazismo e entre outras ideologias são uma afronta a civilidade humana e a democracia. Estudos e mais trabalhos acadêmicos precisam chegar a gênese do aprendizado nos levando a reflexão e aos debates sobre que tipo de sociedade queremos e como nos organizaremos respeitando uns aos outros e reconhecendo os símbolos e suas simbologias que estão com máscaras proferindo discurso de eliminação do outro ser humano. Mesmo com a proibição, a ideologia ao fascismo na Itália ocorreu, a saudação fascista é crime quando respalda a iniciativa a violência de recuperar o fascismo.

Os grupos de ideologias fascistas para se cumprimentar levantavam seus braços, e há de salientar os integralistas no Brasil acompanhavam o gesto, como uma forma de saudação entre os seus, “era considerado uma expressão do ideal integralista e efeito do seguinte modo: o braço direito estendido era erguido bruscamente pela frente até a posição vertical¹⁶³”, esta evidência de símbolos e carregado de simbolismos nos faz construir a predominância desses símbolos nas relações sociais de identificação da mesma causa, do mesmo pensamento e de um propósito de construção de nação, “o integralismo é um movimento que objetiva a felicidade do Povo Brasileiro, dentro da justiça social, dos princípios verdadeiramente democráticos, garantida a intangibilidade dos grupos naturais e assegurada, de maneira definitiva, a grandeza da Pátria que deverá ser elevada ao seu máximo esplendor¹⁶⁴”, onde há luta e reafirmação do manual do integralismo que seus integrantes devem seguir.

¹⁶³ AMEAÇA fascista? O integralismo ontem e hoje. Revista de História da Biblioteca Nacional, a. 6, n. 61, 2010. Pág. 33.

¹⁶⁴ REALE, Miguel e SALGADO, Plínio. *Manifesto programa da ação integralista brasileira*. eBook Kindle

2.2.5 – A Saudação Anauê!

Crer, obedecer e combater são palavras chaves para a figura de um líder, o súdito que a profere é capaz de fazer tudo em prol do guia fundamental da ideologia seguida, a simbiose que ocorre e até mesmo o não reconhecimento de quem é o Estado e quem é o líder em muitos momentos se confundem, são vistos sem separação e um sem o outro não poder existir, é a alma do pensamento, “ a ideologia fascista italiana tinha por base a relação entre a nação e o Estado. A nação seria a mãe de todos os cidadãos e a ela deveriam ser dedicados todos os louvores e preocupações. Ela só se expressaria, porém, através do Estado. Qualquer traição ao Estado seria uma traição à nação e deveria ser combatida sem piedade. Isso justificou a formação de uma ditadura, na qual nação e Estado deviam se fundir num só ponto, fonte de poder e expressão de vontade do povo italiano: o fascismo e especialmente em seu *duce*, Benito Mussolini”¹⁶⁵. A figura do líder e o culto à personalidade são essenciais para entendermos os termos empregados e a obediência a chefe de cada ideologia, é necessária uma linguagem que sirva de ponte para essa comunicação, a expressão que seja um ponto a cada membro, mesmo conhecendo ou não cada um, mas o termo e a saudação ampliam essa comunicação, nos conduz a pensar, estamos no mesmo caminho, no mesmo objetivo.

Podemos salientar os adjetivos que cada um dos líderes era chamado, e os possíveis líderes no caso de o integralismo ter ocupado o cargo principal do poder político brasileiro. Tanto Mussolini e Hitler tinham como objeto substituir “o Estado Democrático pelo Estado fascista (...)”¹⁶⁶. No caso do integralismo essa ação não teve a concretização, mas o domínio do Estado traria vantagens que a democracia se tornasse lenta a ter de chegar o objetivo pretendido, ressaltando que o contexto histórico do integralismo é a Era Vargas (1930-1945).

Essa concentração de poder se alastra em áreas pertinentes do Estado, são elas: manipulações das eleições, nos periódicos as notícias exaltam o governo, os opositores são perseguidos, os recursos das Forças armadas são reforçados e os poderes são concentrados no ditador, no líder. O alastramento dessas ideias e objetivos tinham como

¹⁶⁵ BERTONHA, João Fábio. *História em Movimento: Fascismo, nazismo, integralismo*. Editora Ática, 2004. p. 18.

¹⁶⁶ *Ibidem*.

critério cabal ser espalhado para cada canto de cada Estado, seja na Itália, na Alemanha e no Brasil.

Esse enredo construído para avaliarmos a saudação integralista, intitulada de *Anauê!* Evidenciaremos a saudação fascista e nazista também, contudo analisemos a integralista, “a saudação, de origem tupi, significa “você é meu parente”: era pronunciada com a voz natural, quando individual, e com voz clara e decidida, quando coletiva. Plínio Salgado (chefe máximo) era saudado com três *anauê*¹⁶⁷” Além do título de parente encaixa-se também “você é meu amigo”, “palavra de língua tupi-guarani usada como saudação e significa “Você é meu amigo”. Foi escolhida para ser a saudação do integralismo porque representaria, dada a sua origem, a total brasilidade do movimento”¹⁶⁸. Quando é feita a saudação integralista ao mesmo tempo é construído um efeito de comunicação entre os seus, “o integralismo usava, de fato, todos os recursos simbólicos possíveis para atrair adeptos. Grandes massas de camisas-verdes marchando ao som de hinos patrióticos e ao grito de “*Anauê*”; desfiles grandiosos, em que a disciplina imperavam; reuniões públicas de grande emotividade em homenagem aos integralistas mortos em defesa do movimento”¹⁶⁹, mas podemos verificar que o termo se apropria das raízes históricas do Brasil e de seus povos originários. Se, por um lado, o nazismo buscava uma raça pura e sem mistura com nenhuma outra etnia, o integralismo alicerça a origem do Brasil os povos originários. A saudação tida reflete que cada integralista não é um mero desconhecido, mas um irmão, o sangue os identifica, vai para além da simples fala, mas de um reconhecimento que nos conduz e nos diz, que somos uma família, ser parente é estar na mesma casa – a pátria – ser família é estar voltado a mesma direção em prol do lar, é estar na mesma orientação do pai – Plínio Salgado – mostrando a plena união e o consenso da missão integralista.

Nas alianças construídas dos membros e dos novos membros os rituais e práticas de iniciação e de aprofundamento dos membros antigos exaltavam os seguintes dizeres e ações,

¹⁶⁷ AMEAÇA fascista? O integralismo ontem e hoje. Revista de História da Biblioteca Nacional, a. 6, n. 61, 2010. Pág. 32.

¹⁶⁸ BERTONHA, João Fábio. *História em Movimento: Fascismo, nazismo, integralismo*. Editora Ática, 2004. p. 66.

¹⁶⁹ Ibidem.

“(...) o juramento é prestado solenemente na sala das reuniões diante do retrato do Chefe nacional, testemunhado no mínimo por 10 integralistas, devendo o neófito proclamar: “Juro por Deus e pela minha honra trabalhar pela Ação Integralista Brasileira, executando, sem discutir, as ordens do Chefe Nacional e dos seus superiores”. A autoridade responderá: “Integralista! Mais um brasileiro entrou para as fileiras dos Camisas-Verdes. Em nome do Chefe Nacional o recebo e convido os presentes a saudá-lo segundo o nosso rito: Ao nosso novo companheiro – *Anauê!*¹⁷⁰”.

Outro ritual, previsto para certas reuniões, é o diálogo que o Chefe nacional estabelece com os militantes:

- Brasileiros! De quem é o Brasil?
- É nosso!
- Integralistas!
- Pronto!
- Quem poderá deter a marcha do exército verde?
- Ninguém.
- Camisas-Verdes!
- Pronto!
- Pelo Brasil! Futura Potência entre as Potências, que nós construiremos com a energia do nosso espírito, com a força de nosso coração e com a audácia do nosso braço, três *Anauês!*
- *Anauês! Anauês! Anauês!*¹⁷¹

Os protocolos integralistas não esquecem nenhum cerimonia importante (...).”.

Destaca-se nas práticas integralistas a percepção e a declaração dos *Anauês!* Constantemente, a cada ritual, a cada prática e momento em que poderá ser evidenciada a ideologia exalta-se a união através da saudação, a afirmação de que cada membro é amigo do outro, cada membro é parente do outro, os laços ultrapassam as percepções triviais, declarar *Anauê!* É dizer luto com você até o fim, sou o teu amigo ou irmão até a última gota de sangue em luta em motivo para a pátria.

Apesar de destacarmos cinco dos símbolos do contexto ideológico do integralismo, podemos verificar nesse íterim, outras simbologias do integralismo e o uso do *anauê!* Por exemplo, quando um dos integrantes do integralismo falece, como destaca em sua obra *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*, Hégio Trindade verifica os seguintes detalhes,

“(...) o ritual do sepultamento é o seguinte: diante dos militantes uniformizados que comparecem à cerimônia, o integralista mais graduado proclama: “Integralistas! Vai baixar à sepultura o corpo do nosso

¹⁷⁰ TRINDADE, Hégio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. Difel Difusão Editorial S.A. Pág. 193.

¹⁷¹ Protocolos e Rituais, artigos 123, 145, 146, *Monitor Integralista*, 5(18), abril de 1937.

companheiro, transferido para a Milícia do Além. ” Após um minuto de silêncio ele faz a chamada do morto: “Companheiro (fulano de tal!)” Todos os integrantes respondem: “Presente!” E ele acrescenta: “No Integralismo ninguém morre! Quem entrou neste movimento imortalizou-se no coração dos Camisas-Verdes! Ao Companheiro fulano de tal três Anauês!” E todos respondem: Anauê! Anauê! Anauê!”¹⁷²

Destaca-se no processo ritualístico, que a irmandade e os valores ideológicos do integralismo estão presentes, que eventualmente a morte não é considerada um fim em si mesma, mas um processo que todo ser humano há de passar, contudo o legado do integralismo é maior em vivência, servindo de exemplo para aqueles que permanecem e outros que não são adeptos, mas em virtude do ocorrido esse movimento causará um interesse.

Protocolos dos integralistas e na instituição dos seus rituais, adentram nas datas de grande importância para o grupo são: *A Vigília da Nação*, *A Noite dos Tambores Silenciosos* e *As Matinais de Abril*. Destacando *A Vigília da Nação* referente ao Primeiro Congresso Integralista de Vitória, ocorrido em 28 de fevereiro, o também autor Héglio Trindade na pertinente obra *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*, referenda assim,

“Quando é celebrado, em fevereiro, o aniversário do Congresso de Vitória, a autoridade integralista que preside a sessão deve interrompê-la precisamente às 21 horas e convidar os presentes a se levantarem. Após haver pedido um minuto de silêncio, “concentrando o pensamento em Deus e na Pátria, pedindo a Deus que inspire o Chefe do Integralistas, abençoe a bandeira azul e branca do sigma e conduza os Camisas-Verdes ao triunfo...”, pronuncia as seguintes palavras: “O Integralismo está vivo em todo o território da Nação Brasileira. A Pátria despertou. Pelo Brasil grande e forte, ergamos três Anauês!” Todos os assistentes respondem: Anauê! Anauê! Anauê! A cerimônia termina com o juramento de fidelidade ao Chefe Nacional.”¹⁷³

¹⁷² Protocolos e Rituais, art. 163 e 170, *Monitor Integralista*, nº 15, outubro de 1936.

¹⁷³ *Ibidem*, art. 166 e 167.

A saudação torna-se nas celebrações do integralismo uma das bases primordiais para o fortalecimento da irmandade dos laços familiares construídos em prol da ideologia e da manutenção deste manual de vida.

Enquanto caminharmos com a ideologia nazista encontraremos a saudação, “*Heil Hitler!*”, como nos explica Richard J. Evans em “*A Chegada do Terceiro Reich*”, enfatiza, “Hitler logo avivará o entusiasmo popular outras vezes, seu carisma agora reforçado pelo culto a liderança que havia crescido em torno dele dentro do Partido. Uma importante expressão simbólica disso era o uso da saudação alemã “*Heil Hitler!*”, com o braço direito estendido, estivesse Hitler presente ou não (...). Esses costumes reforçavam a total dependência do movimento em relação a Hitler, e eram propagados com entusiasmo pela segunda de leva de líderes que agora se reuniam em torno dele, por motivos táticos, para cimentar a unidade do Partido (...)”¹⁷⁴ É Construída a aparência de um seguimento religioso, uma adoração há equivalência a um deus, o líder torna um guia, um mentor a ser seguido.

Por certo, agora poderemos ver um outro destaque, o fascismo italiano e a figura do *duce*, assim também Pierre Milza em seu livro, “*Mussolini*”, enfatiza a culto ao líder destacando a imagem de Benito Mussolini conforme, “os encontros do ‘guia supremo’ com a multidão constituem, por conseguinte, um elemento central da liturgia fascista, o meio mais eficaz de difundir entre as massas o culto do *Duce*, dando a cada um a possibilidade de vê-lo em carne e osso ao menos uma vez, eventualmente tocá-lo, conversar com ele, confrontar o modelo com a imagem reproduzida milhões e milhões de vezes sob as mais diversas formas”. Nesta construção da imagem dos líderes, estão presentes as saudações, caminham com força e estruturando a luta que cada membro participa, seja na saudação e na aclamação ao chamar Mussolini de *duce*, em seu “*saluto il Duce*”. Na proclamação de Adolf Hitler ao declarar “*Heil Hitler!*”, em seu salve Hitler! E Plínio Salgado considerado o chefe supremo do integralismo com a saudação *Anauê!* Ambos com suas místicas e endossando as ideologias que deveriam ser seguidas.

A popularização do símbolo e da simbologia *Anauê!* Se aplica de forma simples e aparentemente inusitada, para percebermos a dimensão e a massificação dessas simbologias, expressasse numa pequena nota de canto do jornal *A Offensiva* que remete, “Exija no seu recibo mensal o selo “Anauê” da TAXA DO SIGMA.”¹⁷⁵

¹⁷⁴ EVANS, Richard J. *A Chegada do Terceiro Reich*. Editora Planeta. Pág. 271.

¹⁷⁵ *A Offensiva*, 05/07/1936, p. 01.

CAPÍTULO 3: SÍMBOLO A SÍMBOLO (Qual é o Símbolo?)

3.1 – Símbolo a Símbolo ou (Qual é o Símbolo?): o Jogo

Neste capítulo, apresentaremos a aplicação do jogo em sala de aula e ressaltaremos as colocações dos alunos sobre seu aprendizado e assimilação do conteúdo em destaque integralismo, fascismo e nazismo e como se desenvolve o ensino e o aprendizado, destacando a metodologia do ensino aplicado e os recursos utilizados tanto didáticos e como pedagógicos. Contaremos as experiências e as reações dos alunos na descoberta dos símbolos, suas ideologias e história por cada um deles. Como esse aprendizado nos ensina a reconhecer discursos e símbolos que sejam discriminatórios, preconceituosos desrespeitosos a vida do ser humano.

A dissertação chega ao momento de aplicação e materialização de todo o conteúdo escrito, mesmo após escutarmos dos alunos o questionamento do motivo de estudar a ciência História. Alguns alunos não percebem a importância desse conteúdo em seu dia a dia, e ao término da aplicação do produto poderemos fazer um antes e depois sobre a percepção dos alunos em relação ao jogo e sua atenção aos símbolos que ele encontra em seu cotidiano. Poderemos referendar e aplicar de maneira direta através do jogo dos símbolos, verificando e aplicando um símbolo e seu significado elaborado em um passado que ainda reflete no presente, como nos descreve Eric Hobsbawm em seu livro: *Sobre História*, complementa:

“ora, a história é a matéria-prima para as ideologias nacionalistas ou técnicas ou fundamentalistas, tal como as papoulas são a matéria-prima para o vício da heroína. O passado é um elemento essencial, talvez o elemento essencial nessas ideologias. Se não há nenhum passado satisfatório, sempre é possível inventá-lo. De fato, na natureza das coisas não costuma haver nenhum passado completamente satisfatório, porque o fenômeno que essas ideologias pretendem justificar não é antigo ou eterno, mas historicamente novo (...).”¹⁷⁶

¹⁷⁶ HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. Editora Companhia das Letras, 2021. p. 18.

O trecho nos faz refletir como professores de História o quanto os debates sobre o passado está tão presente, mas tão presente, que a lente ao olhar para este passado carece de maiores informações e documentos que os embase e nos conduza a verossimilhança. O senso comum levantado sobre o passado necessita-se do debate apropriado, contudo, os movimentos de extrema direita constroem um passado conveniente às suas próprias convicções e verdades, e ganham adeptos nas suas redes sociais e canais próprios, construindo um novo passado. A peneira para essas “verdades” pode começar nas salas de aula, trazendo um debate necessário para construção dessas verdades em disputas, e o quanto de informações e perspectivas históricas – os símbolos – podem refletir em nossa história. O produto nos ajudará como material pedagógico para este debate social e histórico.

Podemos refletir ainda mais sobre este passado e a sua construção e a apropriação dele,

“todo ser humano tem consciência do passado (definido como o período imediatamente anterior aos eventos registrados na memória de um indivíduo) em virtude de viver com pessoas mais velhas. (...) ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado (ou da comunidade), ainda que apenas para rejeitá-lo. O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana (...).”¹⁷⁷

Nessa consciência sobre o passado e seus registros em nossa memória, constrói-se em alguns indivíduos a necessidade de moldar este passado de acordo com a visão de mundo de si próprio, escondendo ou revelando de uma forma que foge do corrido, e moldando o documento com sua própria realidade e em muitos sistemas políticos autoritários impondo a população a verdade do líder ou do governante, sem permitir nenhum debate e objeção, caso ocorra, será tolhido de uma maneira severa.

Sim, o ambiente escolar foi usado para não levar a conscientização e aceitação de todos, visando a sua pluralidade, todavia, tornou-se um ambiente de segregação aos que não seguem a ideologia imposta pelo líder. O passado neste ambiente foi moldado e esculpido para agregar, mas para ver a glória de um passado inventado, por um governo

¹⁷⁷ HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. Editora Companhia das Letras, p. 25.

onde não há questionamentos. O passado que não é aprazível e agradável segundo seus membros pensantes pode ser inventado ou levá-lo a tornar-se satisfatório, retornemos à memória sobre o debate sobre a educação, “a reflexão a respeito de como evitar a repetição de Auschwitz é obscurecida pelo fato de precisarmos nos conscientizar desse elemento desesperador, se não quisermos cair presas da retórica idealista (...),”¹⁷⁸.

Com a aplicação do jogo “símbolo a símbolos”, poderemos endossar que os fatos históricos ocorridos em um tempo e espaço, como nos exemplifica Tania Regina de Luca em sua obra: *Práticas de Pesquisa em História*, “é graças aos vestígios e aos indícios que chegaram até o presente que os pesquisadores podem propor explicações sobre o que se passou (...), o olhar treinado do geólogo e lê o passado do planeta observando camadas de rochas, astrônomos postulam a origem do universo a partir da radiação cósmica, enquanto paleontólogos reconstróem animais extintos tendo por base alguns restos fossilizados. O historiador, por seu turno, trabalha por inferências com base em documentos que sobrevivem ao tempo”¹⁷⁹. Estes alunos ainda não estavam presentes, mas estão inseridos no mundo que eles vivem, cabe a nós professores expor as devidas informações e aprofundar a seriedade deste tema, que volta ao momento atual sendo minimizado, simplificado e camuflado, sendo colocado num revisionismo e aplicado como uma questão normal.

Cabe, neste momento, uma ação que poderá ser colocada em prática nas escolas do Rio de Janeiro e que envolverá toda a escola e ação dos símbolos na vida escolar. No mês de abril de 2024, a direção da escola comunicou ao corpo docente sobre a ação que toda a escola – professores e alunos – deveriam pelo menos uma vez por semana cantar o Hino Nacional e hastear a Bandeira Nacional, estadual do correspondente estado nacional e a bandeira do município que o estabelecimento de ensino está situado, deverá ser filmado e fotografado o momento e enviado para os órgãos responsáveis. Os órgãos responsáveis irão verificar a princípio o momento cívico. Colocando em vigor está prática, caso ação não seja feita poderá sofrer sanções.

Em outro estabelecimento de ensino os professores de História e Geografia foram comunicados sobre o devido momento cívico e o futuro projeto sobre os símbolos nacionais. Anos anteriores do novo milênio a prática foi reestabelecida, mas o cenário

¹⁷⁸ ADORNO, Theodor. *A educação após Auschwitz*. 1986. p. 01. (Google Acadêmico)

¹⁷⁹ DE LUCA, Tania Regina. *Práticas de Pesquisa em História*. Editora Contexto. Pág. 08.

político era outro. No presente momento, a lei foi resgatada ano de 1971. Lei Federal nº 5.700, de 1º de setembro de 1971. Há de ressaltar que o contexto histórico do Brasil era a Ditadura Civil Militar (1964 – 1985). O professor e historiador Marcos Napolitano nos faz refletir em sua obra, *1964: História do Regime Militar Brasileiro*, algumas inferências sobre o a ditadura brasileira, “no final de março de 1964, civis e militares se uniram para derrubar o presidente João Goulart, dando um golpe de Estado tramado dentro e fora do país (...)”¹⁸⁰, o autor aprofunda ainda mais sua inferência, “entre uma e outra data, 1964 e 1985, o Brasil passou por um turbilhão de acontecimentos que grande parte, nos definem até hoje e ainda provocam muito debate (...)”¹⁸¹, contudo endossa o autor, “(...) o golpe foi o resultado de uma profunda divisão na sociedade brasileira, marcada pelo embate de projetos distintos de país, os quais faziam leituras diferenciadas do que deveria ser o processo de modernização e de reformas sócias (...)”¹⁸², está incluído neste contexto histórico o resgate dos símbolos nacionais e exaltado de uma maneira sem precedentes, onde o ser patriótico era vestir o verde e o amarelo e ser um patriota verdadeiro, de uma forma ufanista onde a sua superfície era demonstrada em um momento único do Brasil, contudo em seu subsolo censuras, desaparecimentos, mortes, torturas etc, ocorriam. Encontramos atualmente pessoas que sentem saudades e falam com maestria sobre este momento vivido pelo Brasil, e relatam o quanto era maravilhoso e respeitoso viver este momento histórico, onde cantava-se o Hino Nacional nas escolas e hasteava-se a Bandeira Nacional, respeitava-se os professores, sonhavam com um Brasil que crescia vertiginosamente, onde a corrupção não era como os dias de hoje. A saudade deste passado inexistente ocorre em mentes e corações de alguns.

Ao resgatar esta lei e colocá-la em prática e ao juntar com o período de divisão política que ainda permanece o país, poderemos nos perguntar: qual o objetivo desta ação? A quem pertence os símbolos nacionais do Brasil? Será visto pelos órgãos responsáveis o momento de “nacionalismo” de todas as escolas do estado do Rio de Janeiro? Há de ressaltar que no ano de 2024 teremos eleições municipais para os cargos de prefeito e vereadores. A essa prática de “resgate” servirá a qual proposta política e

¹⁸⁰ NAPOLITANO, Marcos. *1964: História do Regime Militar Brasileiro*. Editora Contexto, pág. 07.

¹⁸¹ Ibidem.

¹⁸² Ibidem.

pedagógica? Essas interrogações no devido momento só poderão ser respondidas com o devido tempo oportuno, portanto ações parecidas como essas já discorreremos nesta dissertação, o apoderamento de símbolos ou sua resignação como proposta e identidade de grupos políticos de extrema direita.

Contudo, é viável propor, orientar e esclarecer o quanto essencial torna-se para os alunos o conhecimento das variedades de símbolos e quanto são utilizados e ressignificados com o tempo. Já destacamos a o simbolismo do *fascio* nos capítulos anteriores, mas, endosseemos mais uma vez pela perspectiva do professor Francisco Calos Teixeira da Silva, no livro, *O século XX – Volume 2: O tempo das crises: Revoluções, fascismos e guerras*, nos diz: “o termo fascismo deriva de uma antiga expressão latina, *fascio*, que denominava o feixe de varas carregado pelos litores, na antiga Roma, e com os quais se aplicava a justiça (...). Ao longo do século XIX, na Itália, assumiu o caráter de símbolo de ação política, valorizando a justiça e a igualdade (...)”¹⁸³, portanto, outras variações ainda ocorreram como reafirma o autor, “no seu sentido atual, como símbolos de um movimento de extrema direita, o *fascio* foi assumindo pelo poeta Filippo Marinetti, já em 1917, com nítido sentido nacionalista e autoritário (...)”¹⁸⁴

Nessa troca de conhecimento entre docente e discente surge o caminho para a apresentação um aprendizado do exercício da cidadania, atribuindo a construção de uma consciência crítica, e essa consciência, foi construída em sala de aula, através de uma proposta pedagógica, do produto do ProfHistória.

A experiência do dia a dia dos discentes torna-se essencial, a multiplicidade adquirida e as informações que alunos de hoje obtém é imensa, colocamos em pauta a variedade então de símbolos que acabam tendo contato, mas ainda falta o entendimento da mensagem dos símbolos e sua simbologia. Com a experiência do jogo “símbolo a símbolo”, poderemos ter uma nova análise do olhar do discente, uma percepção do antes e o depois, como sustenta em seu artigo Paulo Miceli, intitulado *Uma pedagogia da História?* No livro *Ensino de História e a criação do fato*, “uma das principais regras indicadas para o bom desempenho da função docente é aquela que recomenda a

¹⁸³ TEIXEIRA DA SILVA, Francisco. Carlos. *Os Fascismos*. In: REIS FILHO, D. A. (Org.); FERREIRA, J. (Org.); ZENHA, C. (Org.). *O Século XX – O Século das Crises: Revoluções, fascismos e guerras*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2005. v. 02. p. 112.

¹⁸⁴ Ibidem

valorização da experiência cotidiana dos alunos (...)", ao juntarmos o conteúdo aprendido e o produto do ProffHistória criaremos um local fecundo para o aprendizado. Juntaremos as experiências pretéritas dos alunos com o ensino de História. Podemos, contudo, enfatizar o quanto o ensino de História está no presente, nos endossando a sua aplicação em nossa vivência, servindo para fortalecer, estabelecer e cumprir o papel de levar o conhecimento e aplicá-lo. "(...) a diferença é que ensinar História também significa comprometer-se com uma estética de mundo, onde guerras, massacres e outras formas de violência precisam ser tratados de modo crítico (...), não se deve negligenciar as experiências de vida dos alunos, parece óbvio que elas podem ser mais bem aproveitadas a partir dos conhecimentos e da sensibilidade que conformam a consciência do professor de História."¹⁸⁵

Além disso nos compete refletir nessa caminhada na relação entre aluno e professor, ou "*Ensinar ou levar a aprender?* Mais uma pergunta que pode imediatamente, desdobrar-se em questão: é possível levar aprender sem ensinar? Se o professor não tiver clareza sobre o sentido e aplicação de conceitos de *cidadania, diferença, semelhança, permanência, transformação, questionamento, convivência* e outros que compõem o vocabulário dos programas e materiais de ensino, como será possível conduzir ou mesmo participar de um projeto de aprendizagem? Além disso – lembrando que a vida cotidiana não se desenrola ao sabor de ideias e conceitos abstratos -, como lidar, na prática, com palavras ou ideias que compõem o vocabulário acadêmico, mas permanecem distantes dos ambientes escolares?"¹⁸⁶

Ao notarmos um pouco da realidade vivida nas salas de aula e as aplicações dos conceitos, e os questionamentos que levantamos todos os dias como docentes, em auxiliar ao discente como absorver e perceber a realidade que ele aprendeu não somente está no passado, e como já passou a preocupação é nula, ou até mesmo a linguagem não está acessível, como professor ser o condutor e um facilitador desse entendimento e que este discente perceba que a distância histórica ecoa no seu presente. A proposta da elaboração de um produto que leve o aluno a refletir sobre essas questões torna-se

¹⁸⁵ MICELI, Paulo. *O Ensino de História e a criação do fato – Uma pedagogia da História?* Editora Contexto. Págs. 39 e 40.

¹⁸⁶ MICELI, Paulo. *O Ensino de História e a criação do fato – Uma pedagogia da História?* Editora Contexto. Pág. 40.

essencial, para que o discente que por mais um conteúdo história esteja longe, esse assunto possa estar tão presente no seu cotidiano quanto ele pensa, ao exemplo dos símbolos que é proposta de nossa dissertação e o produto elaborado.

“Entretanto, já que a escola – independentemente de sua qualidade – é uma das instituições mais presentes na sociedade, e já que ela impõe o ensino de História, parece obrigação tentar aproximar esse conhecimento a vida social, principalmente quando se acredita que o ensino não deve promover, apenas, formas agradáveis de aproximação ao conhecimento.”¹⁸⁷

A dissertação e o jogo têm como objetivo estabelecer relações de aprendizado e facilitar o desenvolvimento do aluno, tornando o aprendizado prático e didático.

Tendo em vista que os conteúdos sobre os temas integralismo, fascismo e nazismo são aplicados no 9º ano do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio. Pretendemos com o nosso produto facilitar ao máximo a sua aplicação e sua construção, para este jogo ter a sua aplicabilidade em todas as regiões do Brasil e quiçá do mundo, construindo os seus utensílios de forma mais simples e sofisticada, tendo em mente a multiplicidade da realidade socioeconômica do nosso país.

¹⁸⁷ MICELI, Paulo. *O Ensino de História e a criação do fato – Uma pedagogia da História?* Editora Contexto. Pág. 44.

3.1.1 – Símbolo a Símbolo ou (Qual é o Símbolo?): a Descrição do Jogo



Imagem 1 e 2: Jogo símbolo a símbolo, com os acervos do jogo. Acervo pessoal.

O jogo Tem como objetivo descobrir o símbolo que estará representado nas cartas sorteadas. Cada carta contará com um símbolo do nosso cotidiano, contudo, fazendo referências a símbolos históricos, religiosos, sinais de trânsito, bancos, redes símbolos nacionais e internacionais, símbolo matemático, esportes, profissões. Esses símbolos podem e devem ser ampliados de acordo com a região que for aplicado o jogo.

A escolha dos símbolos fez parte de um critério de familiaridade dos alunos, no intuito de abordar no decorrer do seu aprendizado escolar e das aulas ministradas anteriormente, ou em outros momentos em sala de aula, o conhecimento adquirido no decorrer de sua vida escolar ou não. Sendo numa reportagem, séries, filmes, *sites* e afins.

- **Ao dirigirmos o jogo deveremos seguir algumas regras:**

- As cartas devem ser embaralhadas, com a face da carta virada para baixo (esta parte da carta estará a imagem da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória).

- O jogo contará com uma cinta ou faixa que deverá ser colocado na cabeça (antes de colocar a carta a cinta ou a faixa deverá ser colocada, a parte que deve ser fixada as cartas deverão ser colocadas para frente e os encaixes da cinta ou faixa para trás, sendo ajustado de acordo com cada biótipo.

- Pode conter duas faixas ou cintas, para os componentes que irão se posicionar para descobrir o símbolo, uma pessoa deverá escolher uma carta e colocar no local devido da cinta ou faixa, não permitindo que a pessoa que irá descobrir veja. O desenho do símbolo deverá ser visto pelos participantes que ajudarão a pessoa com a cinta ou a faixa descobrir o símbolo sorteado. Se o jogador que deverá descobrir o símbolo ver a carta, deverá escolher uma outra carta.

- O jogo contará com 39 cartas, cada uma com um símbolo diferente da outra. Os participantes podem ir revezando para cada uma das pessoas que participam veja a pessoa que descobrirá o símbolo. As cartas que forem descobertas ou as que os participantes conseguiram descobrir, devem ser colocadas de lado e não poderão ser usadas novamente.

- **O início do jogo e suas regras:**

- Os jogadores podem ter suas próprias regras para dar início ao jogo, exemplos par ou ímpar, pedra, papel e tesoura, o jogador mais velho ou mais novo, ficando a critério e a comum acordo dos participantes.

- Após colocar a carta na cinta ou faixa em destaque para que a sala (participantes do jogo) veja, será necessário que os alunos em destaque se posicionem na frente da turma para melhor análise de todos.

- Serão feitas três ou cinco rodadas de perguntas para que os participantes em destaques possam refletir e descobrir o símbolo. O mediador poderá ficar responsável em medir o tempo, podendo ser pelo cronômetro do relógio, celular ou ampulheta, algum objeto que sirva para medir o tempo de 30 segundos. Ao término do tempo estabelecido, será a vez do próximo participante e seguindo de acordo com a quantidade estabelecida.

- Os participantes devem colocar em destaque a frase (qual é o símbolo?). Não será permitido informações erradas, caso ocorra poderá ficar uma rodada sem jogar. O jogador que está preste a descobrir o símbolo, pode pedir três informações voltadas ao sim ou não para adquirir a certeza do símbolo. Caso não acerte passará para o próximo que está tentando descobrir o símbolo.

- **Considerações Finais do Jogo:**

- O (a) vencedor (a) do jogo será o primeiro a conseguir descobrir a imagem que está na carta do jogo.
- O jogo pode ser estabelecido sobre o (a) vencedor (a) que descobrir a maior quantidade de símbolos caso for estabelecido antes que somente quatro participantes continuem representando os grupos que foram divididos na sala de aula.
- Há possibilidades inúmeras de jogar o jogo símbolo a símbolo ou se preferir “qual é o símbolo?). Ficando a liberdade de acordarem antes.
- Ao encerrar, torna-se necessário o mediador (professor) conversar com os alunos sobre a diversidade de símbolos existentes e suas representações de uma diversidade imensa, mas esses símbolos querem passar uma mensagem, uma ideologia, que devemos ficar atentos a essas diversidades de simbologias e seus significados e que uma parcela desses símbolos representa a segregação, o extermínio e a aniquilação do outro ser humano. Devemos conhecê-los e ficarmos atentos ao seu conteúdo histórico que estava no passado e se faz presente nos dias atuais reforçando e excluindo os grupos sociais que foram minimizados, retirando seus direitos como seres humanos.

- **Instrumentos do jogo:**

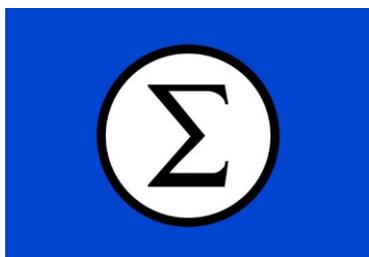
- 01 Ampulheta (em sala poderá utilizar um relógio, o celular com cronômetro para medir os 30 segundos);
- 39 Cartas com os símbolos;
- 02 Cintas ou faixas para colocar as cartas para o jogo;
- 01 Manual contendo os símbolos.

- **Os Símbolos do Jogo**

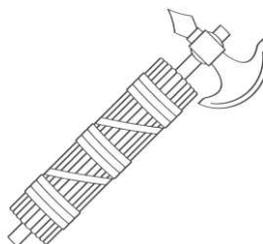
Veremos alguns símbolos escolhidos para estar no jogo intitulado “Símbolo a Símbolo” ou “Qual é o Símbolo?” As imagens foram retiradas do *Google* imagens. As imagens estão em um tamanho de altura de 4 cm e largura de 4,02 cm, podendo ter variações de acordo com a proporção do símbolo.

3.1.2 - Manual dos Símbolos

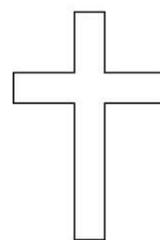
01- Bandeira Integralista



02- Fascio



03- Cruz



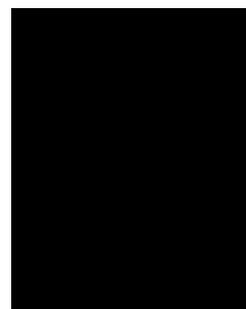
04- Sigma (Σ)



05- Feminismo



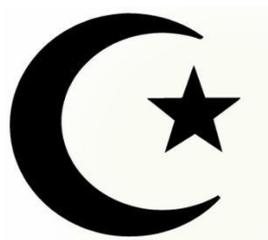
06- Cifrão



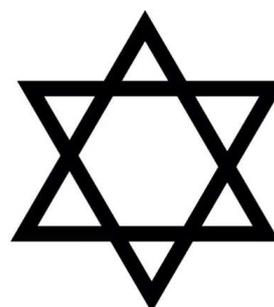
07- Comunismo e Socialismo



08- Islamismo



09- Judaísmo



10- Taoísmo



11- Menorah



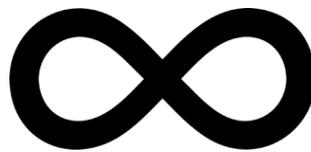
12- Anarquismo



13- Pacifismo



14- Infinito



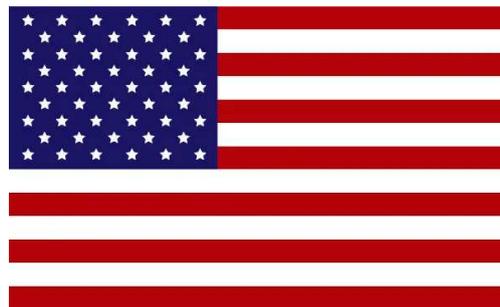
15- Símbolo Masculino



16- Bandeira do Brasil



17- Bandeira dos EUA



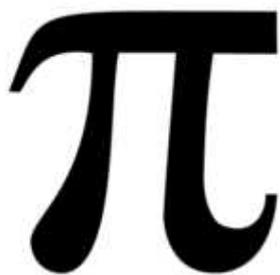
18- ONU



19- Lema do Integralismo



20- Pi (3,14...)



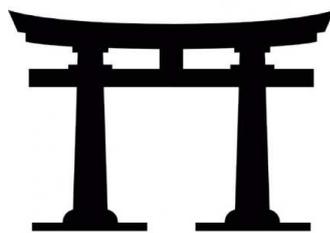
21- Polegar / Like



22- Euro



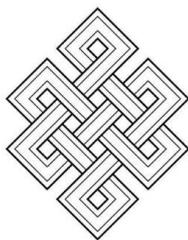
23- Xintoísmo



24- Roda do Dharma



25- Nó Infinito



26- Flor de Lótus



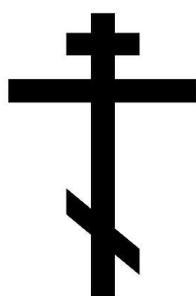
27- Hinduísmo



28- Maçonaria



29- Cruz Ortodoxa Russa



30- A Cruz Ansata



31- Cristianismo (Peixe)



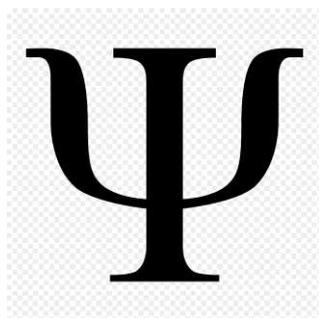
32- Olho de Hórus



33- História



34- Psicologia



35- Bandeira Italiana



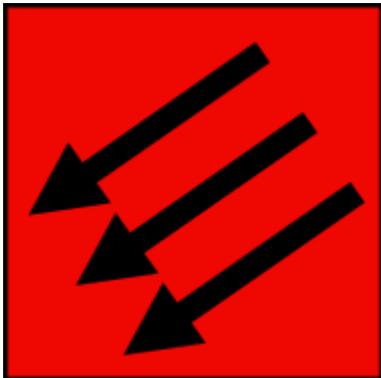
36- Brasão nacional



37- Selo Nacional



38- Antifascismo



39- Antifascismo



Os símbolos que irão ficar em todas as cartas, deverão estar viradas para os jogadores não descobrirem os símbolos, essas cartas que estarão viradas conterão os brasões da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória).



Neste momento da dissertação, nos deparamos com um conjunto de símbolos que podem ser comuns a todos que apreciam a levantam suas devidas ponderações sobre a dissertação. Muitos símbolos conhecidos, alguns deles contidos em nosso viver e outros apresentados somente agora, contudo, a sua existência e a análise sobre eles nos faz refletir, analisar e debater o quão torna-se importante agregar o aprendizado e principalmente a introdução desses símbolos nos campos políticos e em destaque da extrema direita e a resignação que é posta sobre os símbolos, “esquecendo” propositalmente os seus líderes do seu significado, portanto um esquecimento proposital para entrar em um discurso como já debatemos em outro momento da dissertação, a recuperação de um outro tempo histórico que tudo era tão perfeito e belo como uma miragem em um deserto, mas os seus interlocutores tomaram os símbolos e as palavras simbólicas como uma verdade que não deva mais ser debatida, mas vivida a todo custo, recuperar o tempo que outrora foi perfeito no passado dos tempos vindouros das ideologias que gritam em ressurgir em cada canto do planeta.

O símbolo torna-se um agregador a ideologia que o pertence, levando a moldar a vida de quem o agrega, neste caso o participante, o irmão, o membro do grupo independente da determinação de cada ideologia ao selar um acordo ou contrato com o membro que se dispõe em lutar pela causa maior, a mudança desejada para si e para os outros que ainda não entendem o propósito da causa. O símbolo se encaixa como uma peça de um quebra cabeça que falta, assim que o outro que não pertence ver o símbolo entenderá o simbolismo por trás daquele item agregador, mostrando e identificando os envolvidos da causa e da luta. O símbolo nos leva a refletir, que a parte que o usa e demonstra com orgulho, agrega parte de uma totalidade e de uma conclusão maior de um consciente. E gostarias de agregar outros que não tem a consciência ainda da união e o pertencimento da causa a que lutar. Assim como o símbolo do *fascio* apresentado na dissertação para termos o todo, torna-se necessário múltiplos gravetos para a formação da unidade, conduzir e carregar uma aproximação, uma anexação um sentido que a vida sempre precisou e que agora encontrou.

Cada um dos símbolos apresentado para o jogo tem a sua simbologia e uma ideologia, seja ela: nacional, religiosa, política, profissional, financeira ou comportamental. Há de nos fazer refletir o quão será importante aprendê-los e conhecer a suas origens pós sala de aula, nos levando a uma reflexão acadêmica e política para nos conscientizar sobre o nosso papel de cidadãos, sobre falas simbólicas, gestos e

símbolos que professam contra a vida humana. Conhecer as multiplicidades dos símbolos em um mundo que se inclina para a extrema direita, que flerta com um passado vergonhoso e tenta relativizar as atrocidades deste passado, torna-se necessário verificar os símbolos e simbolismos.

Contudo, esta ação acadêmica possa se materializar e nos fazer refletir sobre o mundo que queremos e ação didática construída pelo jogo “símbolo a símbolo”, nos conduza a novos conhecimentos históricos.

3.1.3 – As Cartas do Jogo

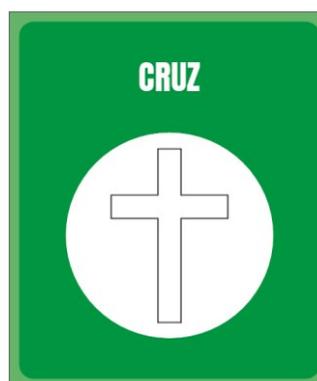
1-



2-



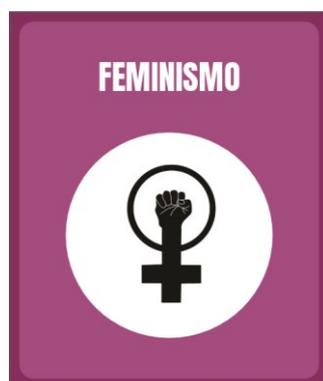
3-



4-



5-



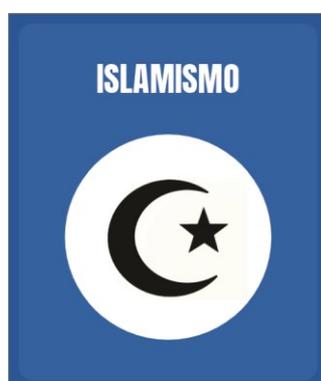
6-



7-



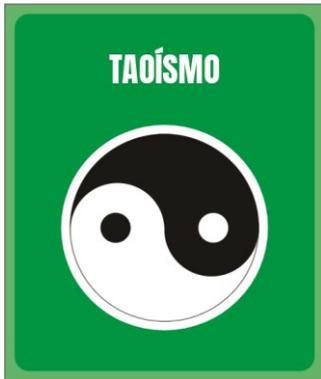
8-



9-



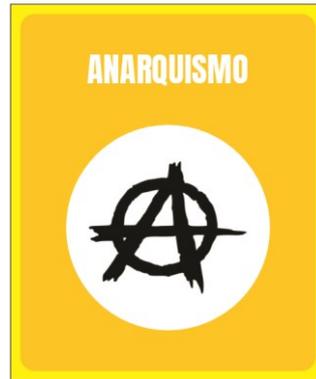
10-



11-



12-



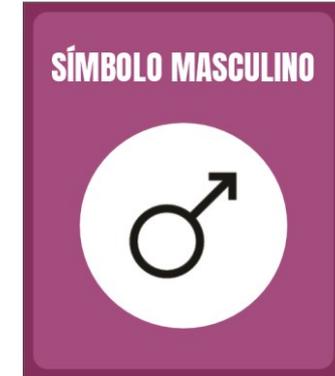
13-



14-



15-



16-



17-



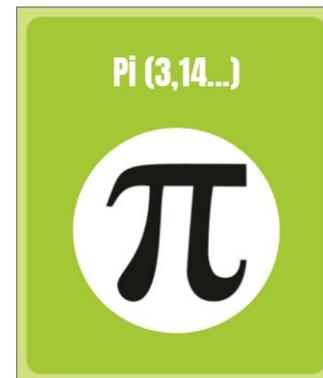
18-



19-



20-



21-



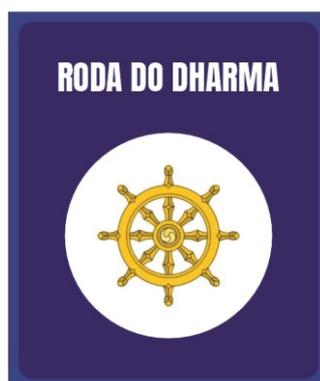
22-



23-



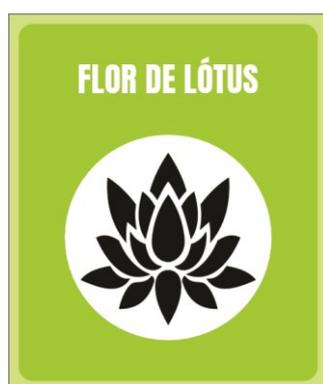
24-



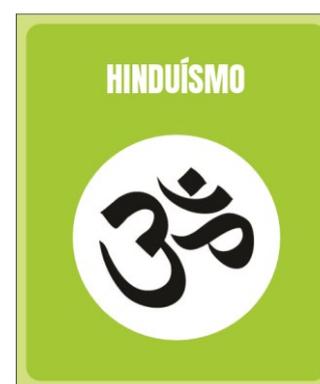
25-



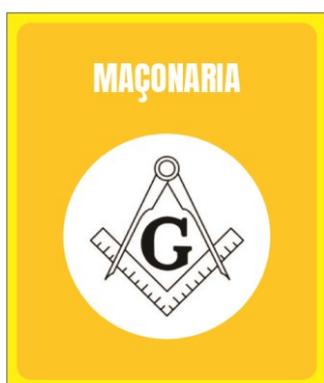
26-



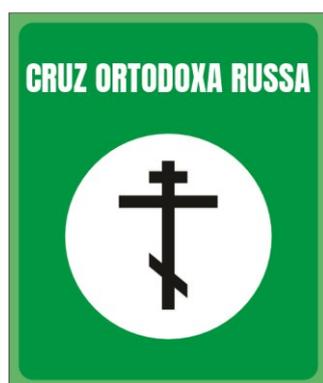
27-



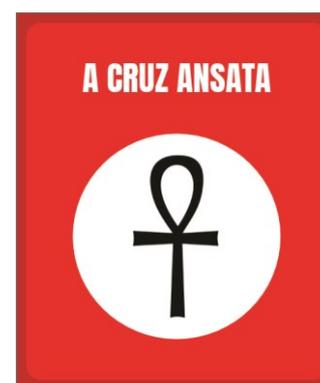
28-



29-



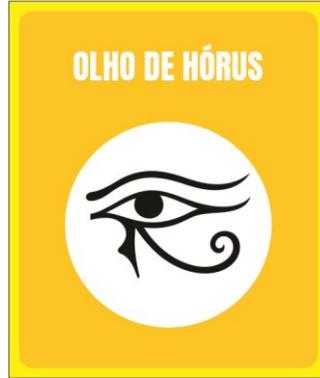
30-



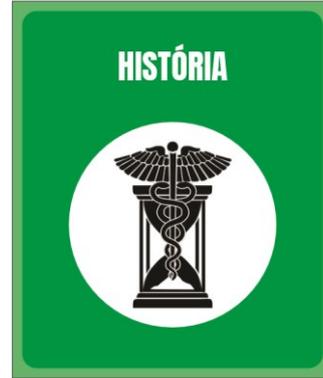
31-



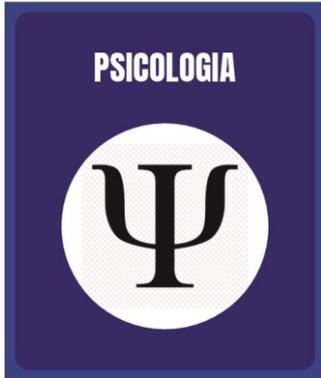
32-



33-



34-



35-



36-



37-



38-



39-



40-



Verso de todas às cartas.

3.1.4 – Experiências Simbólicas em Sala de Aula – Colégio Curso Águia

O Colégio Curso Águia do Lote XV LTDA ME, situado no estado do Rio de Janeiro, no município de Duque de Caxias. A série que participou da ação do produto do ProfHistória foi o 3º ano do Ensino Médio, no dia 03 de maio de 2024, a turma consta com 32 alunos.

A princípio expliquei para os alunos da proposta da aula no dia mencionado, apontei que se tratava de um jogo chamado “símbolo a símbolo”, e estava inserido no conteúdo que tínhamos estudado em sala de aula. Escrevi no quando o tema da dissertação e do professor orientador. Abordei com os alunos a proposta do jogo e suas regras. O momento da ação do jogo foi muito divertido e construtivo. Ao término do jogo, foi elaborada algumas perguntas para quatro alunos, descreverei os alunos em siglas e números por serem menores de 18 anos, são eles: V1, J2, G3 e L4. Ressalva para os alunos E5, onde fez inferência sobre uma experiência pessoal ao perceber interesse pelos símbolos e a aluna L6 inferiu sobre o aprendizado referente à suástica.

Antes da explanação dos alunos, pedi para que eles abordassem a experiência deles e se eles perceberam o mundo que eles vivem está cheio de símbolos, e nós que não sabemos o significado dos símbolos, seja eles religioso, seja político ou de outras formas e naturezas. Como esses símbolos ajudam a compreender o mundo em que vivemos? Alguns alunos comunicaram sobre a diversidade de símbolos existentes, mas alegaram que não faziam parte de cotidiano notar os símbolos ou não davam tamanha importância para o símbolo e principalmente ao seu significado. Contudo, a aluna E5 relata que desde pequena chamava a sua atenção os símbolos, desenhava e brincava, mas seus pais não viam aquela prática com bons olhos devido a preceitos religiosos. Associam a práticas que envolvem ao mau, ao ocultismo e distanciamento de Deus. Com o tempo a aluna E5 foi tendo outras percepções e orientações em relação aos símbolos e o jogo trouxe esta lembrança de sua infância.

Essa experiência relatada pela aluna nos remete de certa forma a uma cena do filme “ O Código da Vinci” de 2006, teve sua origem do livro de Dan Brown¹⁸⁸ com o título em inglês, “*The Da Vinci Code*”, o filme teve a direção de Ron Howard¹⁸⁹, e

¹⁸⁸ Escritor norte-americano.

¹⁸⁹ Ator, cineasta e produtor de cinema norte-americano.

escrito por Akiva Goldsman¹⁹⁰. Os atores em destaque são: Tom Hanks, Audrey Tautou, Ian McKellen, Alfred Molina, Jürgen Prochnow, Paul Bettany e Jean Reno. A personagem Robert Langdon por Tom Hanks em uma palestra mostra um apanhado de símbolos e questiona a plateia sobre as imagens que são apreciadas, são elas: a primeira, uma pessoa com um capuz que lembra as vestimentas da *Ku Klux Klan*, a plateia responde, ódio, racismo e *Ku Klux Klan*. Ao que o palestrante retruca que na Espanha haveria a dissonância devido a roupa ser uma vestimenta dos padres. O segundo símbolo, as pessoas respondem que é o mau e o forçado do diabo, mais uma vez o palestrante leva ao conhecimento que não se trata das palavras proferidas, mas do tridente de Poseidon, que tem como significado o poder. A terceira imagem uma criança sendo amamentada, os ouvintes relatam, a Madona e seu filho, fé, cristandade, mas a imagem faz menção a ao deus Hórus e a sua mãe Isis séculos antes do nascimento de Cristo.

Percebemos que precisamos entender o passado para ter a noção dos símbolos e suas ligações com o presente. O jogo “símbolo a símbolo” nos faz refletir sobre as verdades simbólicas construídas, como a aluna foi tolhida pelos seus pais ao se encantar pelos símbolos. Os símbolos causam incômodo para aqueles que não conhecem a sua origem, e nem pretendem conhecer e torna-se fácil dizer que não é bom ou pertence ao mau. Está experiência retratada com a aluna é uma entre os milhares que podemos colher e desmistificar em sala de aula, o imaginário que as pessoas possuem sobre os símbolos que carregam com o passar do tempo.

Foram colocados símbolos em todos os alunos, mas foram escolhidos quatro alunos para estarem à frente e descreverem a sua experiência com o jogo. A primeira pessoa a falar foi a aluna V1, no início ficou um pouco tímida, mas disse: “os símbolos estão ao nosso redor, eles sempre carregam uma história e algo que venha nos agregar. A gente sempre tem que estar disposta a entender e compreender o que aquele símbolo carrega, se a gente não tiver essa oportunidade ou não descobrir na nossa ignorância, acabamos não cumprindo com a nossa sociedade também. A gente precisa entender os símbolos, para respeitar, e entender o quanto a nossa sociedade é diversa e múltipla”.

O segundo a falar foi o aluno J2, “a relação que os símbolos que nós vimos hoje, que a gente acha que só... vivencia e que conhece normalmente, mas com a aula que tivemos hoje, tivemos uma maior amplitude sobre o conhecimento dos símbolos”.

¹⁹⁰ Roteirista, produtor e diretor de cinema e televisão norte-americano.

O terceiro a fazer as colocações foi o aluno G3, “o fato que podemos ter de relevância do ensino de hoje, foi que devemos saber historicamente que cada um é. Para não usarmos ou acabarmos contendo gafes como diversas pessoas fizeram. Uma vez eu, vi na rua uma pessoa, acho que era um cara trabalhando na obra, possivelmente não tinha influência suficiente com a camisa do Che Guevara, possivelmente não sabia. Uma vez um tio meu também comentou comigo que ele viu um cara negro com a uma camisa do nazismo. Sendo que era totalmente contra os negros. Tipo assim... a gente tem que se policiar sobre os temas, e sobre o que nós estamos vivendo. Muitas vezes nós vemos uma camiseta legal ou na loja e acabamos comprando sem saber o que está por trás”. No momento de término o aluno L4, discorda da abordagem do aluno Gustavo Gabriel Nascimento referente ao que falou sobre a blusa. Disse que já viu pessoas usando blusa do Bob Marley e não é usuário de drogas ilícitas.

O quarto e último aluno a fazer suas colocações foi o aluno L4, e disse “que achou muito legal, sobre os símbolos novos que não sabia e a maioria das pessoas também não sabia de nada”.

As inferências pessoais como docente da turma e as análises sobre as percepções nesta primeira parte, a princípio foi um misto de receio e medo ou melhor um misto de sentimentos sobre a receptividade da turma, se conseguiriam captar a proposta do jogo e como poderiam dar continuidade em suas vidas, e se seria de relevância para o aprendizado da turma. Os alunos me surpreenderam em relação medos e receios que tinham, e o momento tornou-se um ambiente de troca de conhecimento, percebendo como cada um pode interagir e propor análises e dicas para o companheiro ou companheira com os símbolos, descobrir e servir de colaboração no momento de aprendizado em sala de aula quando os assuntos estavam sendo ministrados. Fica a dúvida como docente em alguns momentos se estaria alcançando e passando a informação na devida proporção e alcançando cada um deles. Colaborando com as angústias vividas nos traz a inferência de Paulo Micheli no livro já mencionado, “*O ensino de História e a criação do fato*”, em destaque a parte que lhe cabe sobre o título “*Uma pedagogia da História?*”, onde enfatiza, “(...) assim como a obra de arte que sai das mãos do artesão resulta da retificação paciente, meticulosa e competente da matéria de que se serve, também a História só pode ser criada e recriada a partir de esforço semelhante, e isso exige, além de conhecimento técnicos, muita sensibilidade, coisa que

pode ser cultivada, mas não ensinada”¹⁹¹. Este fazer histórico através do jogo “símbolo a símbolo”, nos remete o processo de aprendizado que alguns momentos não percebemos o amadurecimento dos nossos alunos e sua percepção sobre o cotidiano de cada um deles, mas o jogo “símbolo a símbolo”, nos permite evocar e elucidar as intenções históricas e políticas sobre cada momento das narrativas históricas e políticas que são demonstradas como “normais” em seus simbolismos, contudo, as intenções relevam e demonstram discursos e ideologias que podem passar sem uma reflexão profunda a cada símbolo. A sala de aula torna-se o ambiente de cultivar as análises propostas do jogo e a ação de colocar em prática na vida dos discentes.

A segunda pergunta feita para os alunos foi: como o trabalho de hoje ajudou vocês terem uma outra percepção com relação a esses símbolos? Os alunos pediram para repetir a pergunta e abordei da seguinte maneira: O trabalho ajudou a vocês terem uma outra percepção sobre os símbolos? Agora que vocês ao passarem aos locais ou em centros culturais ou seja, onde estiverem, a ficarão mais atentos a esses símbolos?

Novamente a aluno V1 explicou, “Sim por que a gente acaba tendo conhecimento da amplitude dos símbolos entendendo mais o que ele significa, a partir do momento que você entende o que ele significa, você também procura saber o que ele carrega, agrega e procura conhecer mais”.

O aluno J2, “sim, por que para você ter noção do que você está defendendo ou vice-versa”.

Continuando no momento com o aluno G3, “sim, foi como a própria identificação que o senhor disse, a gente passa na rua e não sabe que está vendo, só que agora a gente pode ter o embasamento mais preciso”.

Em seguida o aluno L4, “sim. Tinha um monte de símbolos e a gente achava que sabia, mas não sabia, mas agora a gente vai saber, tipo os símbolos (ao fundo risos da turma). Agora a gente vai poder saber o que se trata os símbolos, os símbolos diferentes que não sabíamos”.

As indagações sobre o desenvolvimento e a aplicabilidade do jogo nos permite analisar sobre as reflexões sobre a natureza da própria História. Essa aplicação e reflexão nos permite elaborar e refletir no jogo, na vivência do aluno, endossamos essa

¹⁹¹ MICELI, Paulo. O Ensino de História e a criação do fato – Uma pedagogia da História? Editora Contexto. Págs. 46.

reflexão com o pensamento de Jacques Le Goff, inserido no livro “*O ensino de História e a criação do fato*”, que ressalta:

(...) “pertence à própria natureza da ciência histórica estar estritamente ligada à história vivida de que faz parte. No entanto, pode-se e deve-se – e, em primeiro lugar, o historiador – trabalhar, lutar para que a história, nos dois sentidos da palavra, se *outra*”¹⁹². Os dois sentidos se referem: a) à história-realidade e b) à história-estudo dessa realidade, que tem como aspectos fundamentais “a cultura histórica, a filosofia da história, o ofício do historiador”. Essa “segunda” história faz parte da primeira” e tem, com ela, sua própria história.”¹⁹³

Que este discente esteja atento a sua realidade histórica, e possa reconhecer e conhecer os argumentos simbólicos dos símbolos que foram propostos no jogo, que os associe com a sua realidade, e perceba que com o aprofundamento do seu conhecimento torne-se esclarecido e possa dialogar com seus entes sobre a diversidade dos conhecimentos inserido nesta sociedade que lhe inserida e está pronta.

Relatei aos alunos que estava com dúvida em relação do nome do jogo que acabamos de fazer, ou seria “símbolo a símbolo” ou “qual é o símbolo? ”, a aluno E5 fez a seguinte colocação que deveria ser “símbolo a símbolo”, que o aprendizado de hoje sobre os símbolos não são as mesmas coisas, que podemos achar uma coisa e o significado pode ser variado. A aluno L6 ressaltou também a questão da suástica que existe outras representações e a maioria acha que pode ser somente o nazismo, levantando bom diálogo sobre os outros símbolos apresentado e seus vários significados. Ocorreram a fala que o símbolo pode ter dois significados ao mesmo tempo.

Esta aplicação com o terceiro ano do Ensino Médio no Colégio Curso Águia, foi surpreendente pelas interações e colocações dos alunos, houve um momento de

¹⁹² Jacques Le Goff, “História”, em Enciclopédia Einaudi, v.1 – Memória-História, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da moeda, 1984.

¹⁹³ MICELI, Paulo. O Ensino de História e a criação do fato – Uma pedagogia da História? Editora Contexto. Págs. 49.

muito aprendido, mas um aprendizado ao qual pode ser compartilhado as visões dos alunos e como as percepções deles sobre um ícone símbolo que possa passar despercebido, mas carrega um apanhado de conhecimentos que podem ser debatidos com profundidade. Esse momento de aplicação nos faz refletir sobre o ensino e sua ação de transferir o conhecimento,

“É preciso insistir: este saber necessário ao professor – de que *ensinar não é transferir conhecimento* – não apenas precisa ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológicas, política, ética, epistemológica, pedagógica -, mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido.”¹⁹⁴

Nessa ação da prática do produto do ProfHistória podemos perceber a constância dos testemunhos vivos dos nossos discentes e como a vivência deles torna um mundo de informações e pluralidade de aprender e conhecer, numa aula que poderia ser simples, como mais um dia no cotidiano, mas nessa troca de aprendizado e informações a semente do aprendizado desabrochou a olhos vivos.

¹⁹⁴ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. Editora Paz & Terra. Pág. 47.

3.1.5 – Experiências Simbólicas em Sala de Aula – Centro Educacional São Jorge

O Centro Educacional São Jorge LTDA, situado no estado do Rio de Janeiro, no município de Duque de Caxias. A série que participou da ação do produto do ProfHistória foi o 9º ano do Ensino Fundamental, no dia 07 de maio de 2024, a turma consta com 17 alunos.

Expliquei para os alunos sobre a proposta da aula no dia mencionado, apontei que se tratava de um jogo chamado “símbolo a símbolo”, e estava inserido no conteúdo que tínhamos estudado em sala de aula. Ressaltei que se tratava do tema da dissertação e do professor orientador. Abordei com os alunos a proposta do jogo e suas regras. O momento da ação do jogo foi de constante interação, ao término do jogo, foi elaborada algumas perguntas para quatro alunos, são eles: A1, G2, L3 e S4. Irei relatar os alunos em siglas e números para preservá-los.

Antes do início do jogo, relatei aos alunos as experiências relacionadas aos símbolos e pedi para que eles refletissem sobre a experiência deles com os símbolos e se eles perceberam que o mundo que eles vivem, está cheio de símbolos e que nós temos o conhecimento dos significados desses símbolos, seja eles religioso, seja político, ou de outras formas e naturezas. Como esses símbolos ajudam a compreender o mundo em que vivemos?

Os assuntos abordados como a ação do jogo compatível para o Ensino Fundamental, correspondente ao 9º ano do Ensino Fundamental e ao 3º ano do Ensino Médio são: a Era Vargas (1930 - 1945), correspondente ao surgimento do integralismo por Plínio Salgado, o fascismo, o nazismo e o nazifascismo, o contexto ideológico antes da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945). Esses conteúdos históricos servirão para o embasamento dos alunos a compreenderem os assuntos abordados pelo jogo símbolo a símbolo.

Outra característica que podemos ressaltar, assim como foi feito anteriormente com o Ensino Médio o misto de sentimentos à recepção dos alunos com o jogo, tornou-se surpreendente também a participação e a interação dos alunos para participarem e descobrirem os símbolos.

A primeira pessoa a falar foi a aluno A1, relatou “hoje a aula do professor José Anderson, foi muito divertida né, a gente fez um jogo sobre, descobrir qual era os

símbolos. Eu acho bem legal, porque muitas das vezes a gente passa na rua, e passa despercebido, mesmo que a gente já conheça, a gente ah! Tá aquele ali, eu vejo sempre e eu vou começar a prestar mais atenção nos símbolos que eu não conheço. Porque são muitos e a gente pensa que sabe de tudo, mas com um jogo desse vemos que tem muita coisa para a gente aprender ainda”. Foi indagado ao aluno, como vai ser sua experiência depois do jogo, apesar de você ter citado um pouco? Respondeu o aluno, “agora vou começar a prestar mais atenção e buscar sempre aprender o que eu não sei ainda”. Indagado novamente, se o aluno conhecia alguns símbolos? A1 responde “que algum sim”.

Na continuidade segue a aluna S2, pedi para a aluna falar um pouco da experiência dela com o jogo dos símbolos. S2 responde: “Então... a aula do José Anderson foi muito divertida e interessante. Foi uma atividade diferente, fora do comum e que a gente deveria observar os símbolos que estavam na testa um dos outros. Novamente indagada se a aluna já reparava os símbolos antes, ela responde balançando a cabeça concordando. Faço uma outra indagação, e como os símbolos te chamam a atenção? S1 responde: Ressaltando em relação as placas que vê. Uma outra pergunta é proposta: Como vai ser sua experiência agora depois do jogo dos símbolos, com relação de você passar pelos locais e ficar atenta aos símbolos? Responde a aluna: “acho que não vai passar despercebido”, comentando que irá reparar mais os símbolos. Novamente indago, se alguns dos símbolos ela já conhecia? Onde a aluna responde, “sim”.

A penúltima a falar será a aluna G3: “bom a atividade de hoje me fez refletir sobre os símbolos que a gente vê. Tantos símbolos no nosso dia a dia e passa despercebido, e nessa atividade de hoje eu comecei a reparar mais em coisas que são simples e acaba passando despercebido”. Outra pergunta é feita para a aluna: Como era sua percepção sobre esses símbolos antes da aplicação dessa atividade? A aluna não compreendeu a princípio e pedi desculpas e indaguei novamente, como você reparava os símbolos antes da atividade? Resposta, “bom eu não reparava, passava muito despercebida, então assim eu, né... mostrou com dificuldade de formular a resposta. Novamente questioneei sobre nos dias de hoje a partir da atividade se ela iria reparar os símbolos com mais...? A aluna falou que sim, “refletiu muito sobre isso, e tanta coisa que passou despercebido”.

Finalmente o aluno L4. O aluno faz uma apresentação sobre quem é e diz “e hoje nós fizemos uma atividade que falar sobre os símbolos e em geral né. Isso é uma

coisa muito interessante para pensar por que, a gente no dia a dia nunca repara os símbolos? E quando paramos para pensar em tudo isso que está ao nosso redor, nosso mundo, a gente consegue ver que isso é uma coisa muito importante, uma coisa que a gente não para, para pensar tanto, ou seja o significado em tudo isso, o quanto isso está em nosso dia a dia e que a gente não presta atenção nessas questões. Indaguei se ele antes tinha o costume de reparar os símbolos antes. Respondeu: “particularmente não, por causa que você olha assim e fala: beleza isso é o símbolo de tal coisa, tal lugar, mas tem tanta coisa assim que vemos todos os dias, todas as horas e que ninguém repara o quanto esse negócio está no nosso dia a dia, em nosso cotidiano. Particularmente eu, nunca reparei tanto”.

A aplicação do produto no nono ano do Ensino Fundamental no Centro Educacional São Jorge, tornou-se gratificante e satisfatório devido à interação entre os alunos. Ocorreu mais um tempo de muito aprendizado e conscientização sobre os símbolos que nos cercam. O aprendizado foi compartilhado e disseminado pelos próprios alunos com suas dicas e interações no intuito de descobrir qual seria o símbolo. Alguns símbolos podem passar e não reconhecemos, mas o ato de pegar o aparelho telefônico e pesquisar e saber o significado e sua origem já nos faz a ligação entre diferenciar a informação do conhecimento.

O produto aplicado como parte da materialização do conhecimento em ambas as escolas nos demonstra o quanto podemos diversificar o ensino e o aprendizado, conduzindo as camadas mais profundas e na construção deste cidadão em construção. Percebendo que a proposta do ProfHistória é levar uma transformação e uma ação do ensino e aprendizado não somente a localidades ou somente naquele espaço escolar, mas multiplicar, espalhar e compartilhar novas propostas de ensino e aprendizagem. Como aluno do ProfHistória e professor das escolas que leciono percebi a materialização desses dois anos de elaboração da escrita até este momento da prática pedagógica do produto. Tonou-se interessante ao conversar com os alunos que sempre ressaltaram que a aula foi diferente, por ter feito um jogo e saiu da “normalidade” como são as aulas, ambos os alunos falaram que gostaram e se divertiram ao aprender desta forma.

Esta ação pedagógica nos faz refletir sobre como somos seres em construção, no simples fato de olhar para um símbolo as vezes não capítamos a sua real intenção, ou se os possuímos sem ter um conhecimento profundo ou os temos pelo *status* social. Mas

podemos quebrar as ideias do senso comum que construímos e alicerçamos e podemos caminhar para o bom senso, sabendo entender as informações simbólicas que nos cercam e interagindo ao reconhecermos as diversas informações que chegam até nós.

“Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado. A diferença entre o inacabado que não se sabe como tal e o inacabado que histórica e socialmente alcançou a possibilidade de saber se inacabado. Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta da minha influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente, tem muito a ver comigo mesmo (...) o fato de me perceber no mundo, e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história.”¹⁹⁵

Nós estamos em constante construção, sempre estamos aprendendo e agregando conhecimentos. Poder apresentar e construir com os alunos foi um período muito oportuno e proveitoso. O ProfHistória contribuiu muito para este momento, com o jogo nas turmas do nono ano do Ensino Fundamental e o terceiro ano do Ensino Médio. Através do jogo “Símbolo a Símbolo”, os alunos podem ser conectados às informações que são desconhecidas e as que já estão familiarizados, agregando uns com os outros, construindo diálogos e informações que possam fazer leitura do cotidiano político que vivem, e que na maioria dos momentos são incompreensíveis, longe de tudo e de todos. Mas o aprendizado com o jogo e as informações sobre cada símbolo, cria novas possibilidades e expectativas de aprendizados e comunicação. Precisamos levar as informações dos símbolos e suas ideologias, saber identificar o símbolo, e nos permite entender o momento histórico que o símbolo pertence, e nos permitir entender o momento histórico que o símbolo pertence. Nossos alunos precisam se reconhecer como sujeitos históricos de seu tempo, saber dialogar com os símbolos e suas simbologias.

¹⁹⁵ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. Editora Paz & Terra. págs. 52-53.

Através do jogo o aprendizado tornou-se mais fluido e permitiu que os docentes permitam uma maior interação com seus discentes. Pude notar o aumento de diálogos com meus alunos através do jogo, permitindo uma aula mais fluida e repleta de trocas com os alunos. No Ensino Médio os alunos clamaram para participarem, atendendo aos pedidos também fiz parte do jogo com eles. O primeiro símbolo que tive que descobrir referente a uma marca de roupa que tem como símbolo um jacaré. Acabei acertando. O outro por incrível que parece não acertei devido o tempo e as informações, era o símbolo do flamengo. Trago essa experiência para reforçar que os professores podem participar deste momento com seus alunos criando um momento de aprendizado mais promissor para o jogo. Aos companheiros de profissão e provedor de conhecimento, ressalto que o jogo proporciona momentos únicos de crescimento mútuo e aprendizado, que ao replicar o jogo “Símbolo a Símbolo” nos vastos locais educacionais possam servir de momentos tão bons quanto esses. A educação e suas formas diferentes de aprendizados que podem trazer sementes ricas, para futuros cidadãos e que prioriza os diálogos com os seus, além de e levar a riqueza de desenvolvimento que adquiriu com o jogo do ProfHistória. Educadores do Brasil que possamos nos unir, educadores do Brasil uni-vos em prol de uma educação plural.

Conclusão

A dissertação teve como peça principal apresentar, debater e sugerir discursões sobre a apropriação de símbolos da extrema direita utilizado em nosso cotidiano, onde símbolos, discursos e frases são aplicados com uma normalidade sem a devida preocupação histórica. Esses símbolos já fizeram e fazem parte de pensamentos ideológicos e políticos como: o integralismo, o fascismo e o nazismo, tendo germinado em países como: o Brasil, a Itália e a Alemanha, e com seus respectivos líderes: Plínio Salgado, Benito Mussolini e Adolf Hitler e admirado por seus seguidores que viam as suas falas e atitudes simbólicas como verdades que não deveriam ser questionadas, mas aceitas como um padrão para vida e o Estado ideal que deveria viver.

A dissertação buscou examinar os símbolos apropriados pelos fascismos e entender como a sua utilização foi um motor aglutinador de identidade para os seus seguidores, e esclarecer como ocorreu o ressurgimento desses símbolos por partidos da extrema direita, e como esses partidos usufruíram desses símbolos. Onde notamos a repetição, a apropriação e a disseminação de uma parcela da população brasileira aderindo a esse momento histórico.

Principiando pelas insatisfações surgidas no período da História do Brasil nas eleições de 2018 e até mesmo anterior a esse momento da culminância das eleições onde colou em evidência a presidência do então presidente Jair Messias Bolsonaro (2019 - 2022), uma parcela da população brasileira demonstrava a sua insatisfação e amoldando-se a um discurso de um passado “glorioso” e “efervescente”, onde os brasileiros de verdade lutavam e viviam pelo Estado e usavam palavras como: “Deus, pátria e família”. Usada com muito empenho pelos integralistas. Nos anos anteriores as eleições de 2018 e no próprio momento do sufrágio em destaque frases como essas eram evidenciadas em diversas redes sociais e grupos de mensagens das famílias e amigos. Há então o surgimento de dúvidas, e o devido questionamento surgiu, sobre o teor histórico da frase e a participação do ensino de História para a população que a proclamava com afínco.

Presenciava muitas dessas falas repetidas em salas de aula pelos alunos e professores, e muitos deles estudavam ou tinham estudado o assunto, mas existia em alguns um fator aglutinador, a religiosidade que professavam.

Os questionamentos como professor pairavam e incomodavam, onde começa o Estado e onde termina o fator religioso? Onde estavam quando o professor lecionou sobre o integralismo, o fascismo e o nazismo? Como eu sendo professor poderia levar o conhecimento histórico deste período? E como evitar que os outros te chamem de doutrinador, comunista, fascistas e tantos outros adjetivos que viraram chavões daqueles que os proferiam, e veem com outro sentido e de certa maneira pretendiam ofender? Ir além do conteúdo apresentado pelo livro didático, seria necessário repensar o ensino e a abordagem em sala de aula. Levar o conhecimento e ilustrar de tal maneira que os alunos percebam que as palavras e seus símbolos são apropriados de informações e significados. Torna-se necessário conhecermos os símbolos e as simbologias apropriadas e ressignificados pelos partidos políticos, pelas religiões, pelos países, e esses símbolos estão no cotidiano de cada ser humano, tornando-se então fundamental conhecê-los, e entender o que quer dizer na sua essência.

Neste contexto social e político, que ressalvo um processo educacional que não seja somente armazenador e depositário em outras palavras bancário, sujeito somente a um depósito de informações onde não há criticidade e reina a ausência de questionamentos essenciais que indaguem os motivos da realidade neste processo de aprendizagem com endossa a pedagogia freiriana,

“O objeto cognoscível, de que o educador bancário se apropria, deixa de ser, para ele, uma propriedade sua, para ser a incidência da reflexão sua e dos educandos.

Deste modo, o educador problematizador re-faz, constantemente, seu ato cognoscente, na cognoscitividade dos educandos. Estes, em lugar de serem recipientes dóceis de depósitos, são agora investigadores críticos, em diálogos com o educador, investigador crítico, também.”¹⁹⁶

Que os educandos possam perceber os símbolos e suas simbologias no seu dia a dia e fazer as devidas inferências sobre eles, devido o processo educador que passou em sala de aula, e em seu processo de aprendizagem, não se reconhecendo como mero

¹⁹⁶ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo, Editora Paz e Terra, 2011. Págs.: 97.

depósito de informação, mas inserido no processo de aprendizagem e nos entes sociais, pois esses símbolos estão fazendo parte de sua vida diária.

“Na medida em que o educador apresenta aos educandos, como objeto de sua “ad-miração”, o conteúdo, qualquer que ele seja, do estudo a ser feito, “re-ad-mira” que antes fez, na “ad-miração” que fazem os educandos.

Pelo fato mesmo de esta prática educativa constituir-se em uma situação gnosiológica, o papel do educador problematizador é proporcionar, com os educandos, as condições em que se dê superação do conhecimento no nível da *doxa* pelo verdadeiro conhecimento, o que se dá no nível do *logos*.¹⁹⁷

Neste processo de aprendizagem torna-se necessário no exercício da educação a saída da mera opinião em referência ao conhecimento apresentado e continue caminhando para o entendimento do discurso referente nos símbolos, na conjugação dos verbos contidos nos símbolos, para o entendimento das simbologias, os educandos precisam aprender essas conjunções para entender que o mundo construído que nasceram precisam de codificação, na intencionalidade de cada símbolo.

Os conteúdos sobre a ascensão do totalitarismo são abordados no 9º ano do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio, a proposta metodológica ocorreria para essas duas séries. Seria elaborado e aplicado em um jogo chamado “símbolo a símbolo”, onde permitira que os alunos conhecessem e reconhecessem os símbolos e falas utilizadas no passado e são colocados como “novos” nos dias atuais. Esta ação levará o indivíduo a perceber o quanto a nossa sociedade é recheado de símbolos e muitos desses já existiam há tempos e tinham outros significados são exemplos: os símbolos do nazismo, a suástica, o fascismo, o *fascio* e o próprio símbolo do integralismo, o *sigma*, representado pela letra grega sigma (Σ), contudo, além de representar uma letra do alfabeto grego serve como símbolos do sistema numérico, verificamos que contém outras atribuições e no caso da política brasileira serviu como identidade para um grupo ideológico chamado integralismo.

¹⁹⁷ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo, Editora Paz e Terra, 2011. Págs.: 97.

Ao aprofundarmos os estudos em sala de aula poderemos construir alicerces e bases para a compreensão desses símbolos e simbologias ressaltadas como novidades. A sala de aula torna-se um ambiente primordial para o amadurecimento e o aprendizado dessas ideologias que deixaram marcas no passado que nos dias de hoje ressurgem como novidade e um ineditismo que não se encaixam, levantar os devidos debates torna-se fundamental para o aprendizado histórico.

Esse desenvolvimento de aprender os códigos e símbolos em sala de aula pode desenvolver em ações interdisciplinares, como verificamos com a letra sigma, que com o diálogo com a Matemática tem outra apropriação, este educando há de perceber que um símbolo irá servir de outras referências e significados dependendo da comunicação e do lugar em que estará podendo se estender e adaptar para outras ciências de aprendizado no espaço escolar.

Ao desenvolver a dissertação até aplicação do produto passamos por várias leituras e desafios, idas e vindas, diversas perspectivas foram moldando-se de acordo com o amadurecimento do passar do tempo. As disciplinas apresentadas no decorrer do curso de mestrado do ProfHistória tornaram-se fundamentais para a construção do alicerce desse amadurecimento, as propostas de trabalhos que somaram para chegarmos até o presente momento.

Ao destacar o produto correspondente ao jogo “símbolo a símbolo”, apresentado e aplicado aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental do Centro Educacional São Jorge e o 3º ano do Ensino Médio no Colégio Curso Águia, ambas escolas no município de Duque de Caxias no estado do Rio de Janeiro, trouxe uma grata surpresa referente ao resultado e principalmente com a participação e contribuição dos alunos. O momento foi único em perceber a troca e descobertas sobre os símbolos, alguns no cotidiano que passavam despercebido, mas ao abordar o conteúdo histórico e seu significado muitos falavam que ficariam atentos aos símbolos que estavam presente na sua vida e não prestava a devida atenção e que iriam pesquisar e aprofundar um pouco mais.

Apesar de uma distância latente entre o Ensino Fundamental e o Médio, ambos em fases da vida distintas da vida, a resposta de que haverá mais atenção e o surgimento de interesse sobre os símbolos comungaram-se. Cada professor ao contato com o jogo poderá aprimorar e adaptar à realidade e a demanda da turma que deseja, fazendo que o jogo e o aprendizado possam fluir da melhor maneira possível.

Tanto a dissertação e o produto foram desenvolvidos com muito esmero para apresentar e ser desenvolvido em sociedade. Ao desenvolver a dissertação e o produto que estavam na singularidade, na individualidade de um ser, mas ao compartilhar, dando à coisa pública, o pertencimento a todos que se dispuserem a aplicar e ler, tornou-se nós. Precisáramos de um tempo que não nos cabe mais para aprofundar de maneira mais latente, mas caberá o tempo presente e futuro e as devidas observações compartilhadas através de outras leituras e olhares sobre a mesma, o desenvolver desta dissertação e do produto em questão. Acreditando na continuidade das atividades apresentadas que possam fazer parte de outros trabalhos acadêmicos, debates em outras escolas e encontro com o corpo docente, demonstrando o aprimoramento e o desenvolvimento, referendando uma reflexão de Paulo Freire, na obra *Pedagogia do Oprimido*, “já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”¹⁹⁸, que o futuro que desejamos de socialização e aprendizado nas escolas seja uma realidade melhor que presenciamos no presente. Ao tornar público no sentido mais amplo que seja a palavra a dissertação e o produto possam contribuir para melhoria do nosso ambiente escolar.

¹⁹⁸ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo, Editora Paz e Terra, 2011. Págs.: 96.

Bibliografia

- ADORNO, Theodor. *A educação após Auschwitz*. 1986. (Google Acadêmico)
- AMEAÇA fascista? O integralismo ontem e hoje. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, a. 6, n. 61, 2010.
- BERINO, A. de P., & VICTORIO FILHO, A. (2017). Conversas com Jovens e Escolas que Passam pelos Filmes e por *Nossas Vidas*. *Educação & Realidade*, 42(2). Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/64320>
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. BCD União de Editoras S.A, 1999.
- BERTONHA, João Fábio. *História em Movimento: Fascismo, nazismo, integralismo*. Editora Ática, 2004.
- BEZERRA, Cicero Anderson de Almeida. “O FASCISMO É FASCINANTE, DEIXA A GENTE IGNORANTE E FASCINADA: ” ensino de história, livros didáticos e a emergência das ideias fascistas no espaço escolar. Dissertação (Mestrado em Ensino de História). Ceará: Universidade Regional do Cariri - URCA, 2020. p. 1-37 e 135-139.
- BITTENCOURT, Circe (org.). *O Saber Histórico na Sala de Aula*. Editora Contexto, 1997. p. 89.
- BLIKSTEIN, Izidoro. *Semiótica e Totalitarismo*. Editora Contexto, 2020.
- BLINKHORN, Martin. *Mussolini e a Itália Fascista*. Editora Paz e Terra, 2010.
- BORGES, Vavy Pacheco. *O que é história*. Coleção Primeiros Passos nº 17. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BORNHEIM, Gerd A. *Clássicos Cultrix - Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Editora Cultrix, Edição 1º.
- BULHÕES, Tatiana da Silva. *Integralismo em foco: imagens e propaganda da política*. Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2012.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CORBISIER, Roland. *Hitler (1889-1945)*. Biblioteca de História Grandes Personagens de Todo os Tempos – nº 5. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973.

_____. *Mussolini (1883-1945)*. Biblioteca de História Grandes Personagens de Todo os Tempos – nº 10. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973.

DA ROSA, Davi. *Nazismo*. Coleção o que é. Editorial Lafonte, 2020.

DORIA, Pedro. *Fascismo à Brasileira – como o integralismo, maior movimento de extrema-direita da história do país, se formou e o que ele ilumina sobre o bolsonarismo*. Editora Planeta, 2021. Págs.: 01 – 76.

ECO, Umberto. *Fascismo Eterno*. Editora Record, 2021.

EVANS, Richard J. *A Chegada do Terceiro Reich*. Editora Planeta, 2016. Pág. 271.

FLAMARION, Ciro Flamarion. *Uma introdução à história*. Editora Brasiliense, 1983.

FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*. São Paulo: Editora Pé da Letra, s/d. p. 19 e 20.

FERREIRA, Jorge, FILHO, Daniel Aarão e ZENHA, Celeste (org.). *O século XX o tempo das certezas: da formação do capitalismo à primeira grande guerra – volume 01*. Editora Civilização Brasileira, 2009. Págs. 109-164.

FERRO, Marc. *Cinema e História*. São Paulo: Paz e Terra, 2010, p. 87.

FERRY, Luc. *Aprender a viver – Filosofia para os novos tempos*. Editora Objetiva LTDA, Edição 1º, 2006.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. Coleção do Nosso Tempo, São Paulo, Editora Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo, Editora Paz e Terra, 2011. Págs.: 49-58.

_____. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo, Editora Paz e Terra, 2011. Págs.: 95-101.

GONÇALVES, Leandro Pereira e CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. FGV Editora, 2020.

GRIFFIN, Roger. *The Nature of Fascism*. Londres: Pinter Publishers, 1991.

HOBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1997. Págs.: 1-112.

_____. *Sobre História*. Editora Companhia das Letras, 2021. Págs. 01-29.

KNAUSS, Paulo. *Cidade vaidosa: imagens urbanas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Editora Sette Letras, 1999.

KONDER, Leandro. *Introdução ao Fascismo*. Editora Graal, 1991.

JAPIASSÚ, Hilton, MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 4º ed. Atual. – Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

JR, João Ribeiro. *O que é nazismo*. Coleção Primeiros Passos, nº 180. Editora Brasiliense, 1987.

LENHARO, Alcir. *Nazismo: “triunfo da vontade”*. Série Princípios, nº 94. São Paulo: Editora Ática, 1990.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Editora Rocco, 1988. págs. 25-33.

LUCA, Tania Regina de. *Práticas de Pesquisa em História*. São Paulo: Editora Contexto, 2020. págs: 1-28.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à História da Filosofia – Dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Editora Zahar, Edição 13º, 2007.

_____. *Textos básicos de linguagem de Platão a Foucault*. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2013.

MESQUITA, André Campos. *Fascismo*. Coleção o que é. Editora Lafonte, 2020.

MILZA, Pierre Campos. *Mussolini*. Coleção o que é. Editora Nova Fronteira, 2011. Pág. 107.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019.

MUSSOLINI, Benito. TRÓTTSKI, Leon. *Fascismo*. Editora Nova Fronteira, 2019.

MUSSOLINI, Benito. *A Doutrina do Fascismo*. Editora Lebooks, 2020.

NAPOLITANO, Marcos. *História Contemporânea 2: dos entreguerras à nova ordem mundial*. Editora Contexto, 2020. p. 01-36.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Cidade: História e Desafios*. FGV Editora, 2002. p.29-30.

OLIVEIRA, Mauro Carvalho Brum de. *Heródoto no Ensino Médio: uma experiência*. 2016. p.01-17. Disponível em: <file:///C:/Users/marco/Downloads/Dissertacao%20-%20Profhistoria%20-%20UNIRIO%20%20MAURO%20CARVALHO%20BRUM%20DE%20OLIVEIRA.pdf> Acesso em 15/07/2023.

ORWELL, George. *A Revolução dos Bichos*. Editora Companhia das Letras, 2017.

_____. *O que é Fascismo? E outros Ensaios*. Editora Companhia das Letras, 2017.

PARADA, Maurício. *Formação do Mundo Contemporâneo: o século estilizado*. Editora PUC Rio e Vozes, 2014.

PARIS, Robert. *As Origens do Fascismo*. Coleção Khronos. Editora Perspectiva, 1972.

PENHA, Da João. *Períodos Filosóficos*. Editora Ática, 1994.

PINSKY, Jaime. *As primeiras Civilizações*. Editora Contexto, 2006.

PINSKY, Jaime (organização). *O Ensino de História e a Criação do Fato*. Editora Contexto, 2021.

PIOVEZANI, Carlos; GENTILE, Emilio. *A linguagem fascista*. Editora Hedra LTDA, 2020. págs: 01-16.

REALE, Miguel e SALGADO, Plínio. *Manifesto-Programa da Ação Integralista Brasileira*. Book Kindle, 1936.

RESPEITO SOBRE TRILHOS. *Jornal da Alerj – Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro*, ano XIII, n. 313, 2016. <http://www.palaciotiradentes.rj.gov.br/wp-content/uploads/2016/05/jornal313finalc-1.pdf>

Revista Expedições, Morrinhos/GO, v. 8, n. 2, mai./ago. 2017 – ISSN 2179-6386. *O Fascínio do Fascismo e as Seduções do Autoritarismo nos Filmes “A Onda” (2008) e “Detenção” (2010)* por Danilo Linard. <https://web.archive.org/web/20180416234347id_/http://www.revista.ueg.br/index.php/revista_geth/article/viewFile/5013/4592> Acesso em 11/12/2023.

Revista Topoi (Rio J.), Rio de Janeiro/RJ, v. 23, n. 50, mai./ago. 2022. *O integralismo entre o passado e o presente* por Rafael Athaides. <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www.scielo.br/j/topoi/a/w4FDSmS6p39NF9h9FxmcnJR/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 26/08/2024.

Educere Et Educare, Revista de Educação. Vol. 13, Número Especial, Jul/Dez 2017. *Filmes como Ilustração ou Documento Histórico? Cinema e Ensino de História*. TROVÃO, Flávio Vilas-bôas.

Revista USP, São Paulo (30): 144-155, Junho/Agosto 1996.

ROCHA, Ruth. *O menino que aprendeu a ver*. Quinteto Editorial, 2013.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica* – Coleção Primeiros Passos, nº 103. Editora Brasiliense, 1983.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política*. Editora Autores Associados, 1999. – (Coleção polêmicas do nosso tempo; v. 5).

SILVA, Alberto da Costa. *Fascismo – A doutrina de Bento Mussolini. O que é e como combatê-lo Leon Trotsky*. Editora Nova Fronteira, 2019.

SILVA, Kalina Vanderlei, SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. 3.ed., 9ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

SCOTT, John (org.). *Sociologia: conceitos-chave*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

TODOROV, Tzvetan. *Simbolismo e interpretação*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

TRENTO, Angelo. *Fascismo italiano*. Série Princípios, nº 95. São Paulo: Editora Ática, 1986.

TRINDADE, Héliogio. *Integralismo – o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel/Difusão Editorial S.A, 1979. p. 01-04 -188-255.

VOLTAIRE. *Cândido ou Otimismo*. Clássicos Abril Coleções, v. 27. Editora Abril, 2010.

VOLTAIRE. *Zadig ou O Destino*. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal - 29. Editora Escala, 2008.

ZUIN, Antônio, PUCCI, Bruno e LASTÓRIA, Luiz Nabuco. *10 lições sobre Adorno*. Editora Vozes, 2015.

- **Periódicos**

A Offensiva

<https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178586&pesq=a+offensiva+rj+1932&pagfis=61>

<https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178586&Pesq=a+offensiva+rj+1932&pagfis=62>

<https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178586&Pesq=a+offensiva+rj+1932&pagfis=75>

Vanguarda

- **Vídeo**

DW Brasil - <https://www.instagram.com/p/C143mjBtBmL/>

Educação para a morte (Curta metragem) -
<https://www.youtube.com/watch?v=wHwqz2OowJU&t=127s>

Jornal o Globo, Referência ao nazista Goebbels derruba secretário da Cultura de Bolsonaro - <https://www.youtube.com/watch?v=61-99HUGbAs>

Soldado De Deus (Documentário) - <https://www.youtube.com/watch?v=-AP5NVCHQXw>

- **Fontes**

Imagens retiradas para o jogo do *Google* Imagens

- **Filmes**

A ONDA (*Die Welle*). Direção de Dennis Gansel. Alemanha: *Constantin Film*, 2008. 1 DVD.

SOLDADO DE DEUS. Direção de Sérgio Sanz. Brasil, 2005. (*You Tube*)